

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Maria Pinheiro Morais

**O PAPEL DA FAMÍLIA E DO ENSINO RELIGIOSO NA  
FORMAÇÃO ÉTICA DO ADOLESCENTE NO ENSINO  
FUNDAMENTAL II, NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE  
BOA VISTA-RORAIMA**

RECIFE-PE

2015

Maria Pinheiro Morais

**O PAPEL DA FAMÍLIA E DO ENSINO RELIGIOSO NA  
FORMAÇÃO ÉTICA DO ADOLESCENTE NO ENSINO  
FUNDAMENTAL II, NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE  
BOA VISTA-RORAIMA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: campo religioso brasileiro, cultura e sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alencar Libório

RECIFE-PE

2015

M827p

Morais, Maria Pinheiro

O papel da família e do ensino religioso na formação ética do adolescente no ensino fundamental II, nas escolas estaduais de Boa Vista-Roraima ; orientador Luiz Alencar Libório, 2015.

122 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado em Ciências da Religião, 2015.

1. Ensino religioso (Ensino fundamental). 2. Religião e sociologia. 3. Ensino religioso de adolescentes. 4. Ética cristã. 5. Família. I. Título.

CDU 2:301(81)

MARIA PINHEIRO MORAIS

**O PAPEL DA FAMÍLIA E DO ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO ÉTICA DO ADOLESCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL II, NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE BOA VISTA- RORAIMA**

Dissertação apresentada como pré-requisito para a conclusão do Curso de Mestrado em Ciências da Religião e avaliada pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Luiz Alencar Libório  
Universidade Católica de Pernambuco  
Orientador

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Rubenilda Maria Rosinha Barbosa.  
Universidade Federal de Pernambuco  
Titular Externo

---

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral  
Universidade Católica de Pernambuco  
Titular Interno

RECIFE-PE

2015

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela infinita bondade, fidelidade, proteção e provisão. Por intermédio dEle, tudo foi providenciado para a concretização deste projeto de estudo.

Ao Governo do Estado de Roraima, por meio da Secretaria de Estado da Educação e Desporto, pelo investimento feito em nós, professores.

À minha querida mãe Terezinha. Sua simplicidade e amor têm me ensinado a partilhar as lições transmitidas, e a meu pai Manuel Elias (*in memoriam*). Suas lições me fizeram crescer e continuar lutando pelos meus objetivos.

A meu esposo e amigo Cândido. Seu exemplo de determinação me inspira a lutar pela nossa família, ajudando no nosso crescimento espiritual, profissional e na nossa caminhada com Deus.

A meus queridos filhos Suellen, Mélane, Emily e Nicolás, constantes fontes de inspiração e de força para minha caminhada rumo à construção e à realização dos meus sonhos.

Às escolas, que me acolheram com carinho, cujos colegas e amigos professores, coordenadores, orientadores e gestores colaboraram de bom grado com a pesquisa.

Ao mestre e “amigo” Dr. Padre Luiz Alencar Libório, que ensinou mais do que o conhecimento intelectual. Suas atitudes humanas e verdadeiras e seu exemplo de persistência, de seriedade e de humildade me instruíram o tempo todo.

À examinadora externa Prof. Dr.<sup>a</sup> Rubenilda Rosinha Barbosa e ao examinador interno Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral, pela participação, dedicação, contribuição e sugestões dadas.

A todo o corpo docente do Mestrado em Ciências da Religião, que me proporcionou momentos de conhecimento por meio dos estudos e das experiências passadas durante toda a caminhada acadêmica na Unicap.

Aos amigos e colegas do mestrado, de trabalho, da igreja. Aos irmãos e parentes que me encorajaram, confiando na realização deste projeto para o meu crescimento profissional.

Dedico este mestrado primeiro à minha família, que tem experimentado as primeiras lições de valores por meio do nosso convívio familiar. Aos meus queridos alunos, que foram o motivo da busca por um conhecimento mais profundo, a fim de contribuir para a sua formação como pessoa, levando-os a valorizar-se mutuamente e a praticar as lições das nossas aulas de Ensino Religioso.

O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram os nossos pais, não o encobriremos a seus filhos; contaremos à vindoura geração os louvores do Senhor, e o seu poder, e as maravilhas que fez... a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda hão de nascer se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes; para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas que lhes observassem os mandamentos.(Salmo 78: 3,4,6,7)

## RESUMO

Estudos voltados à família, à religião, à escola e ao adolescente têm revelado preocupações nas diversas áreas de atuação das pesquisas sociais, as quais procuram contribuir para o campo científico e para a sociedade em geral. O tema abordado neste trabalho desenvolve a relação entre esses assuntos, uma vez que, na sociedade, as instituições família e escola têm a responsabilidade de contribuir para a formação geral do adolescente e/ou aluno, e a religião, de contribuir para o desenvolvimento espiritual do ser humano, explorando a sua religiosidade. Cada uma dessas áreas procura desempenhar o seu papel, de maneira que o objetivo principal seja alcançado, com um resultado positivo para a sociedade. Assim, este trabalho se propôs a pesquisar e a identificar o papel da família e do Ensino Religioso na formação ética do adolescente, no ensino fundamental II, nas escolas públicas de Boa Vista-Roraima, com foco na transmissão de valores trabalhados no seio da família e reforçados na escola por meio da disciplina Ensino Religioso. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa de campo e bibliográfica, com abordagem quali-quantitativa, do tipo exploratório, cuja fonte de coleta e análise de dados foi um questionário misto composto por perguntas abertas e fechadas, destinada aos alunos de escolas públicas de Boa Vista-Roraima e aos pais/responsáveis que colaboram com este trabalho. A amostra da pesquisa revelou que, dos 198 alunos participantes, 83 são do gênero masculino e 115, do gênero feminino; 147 se encontram na faixa etária até 14 anos, e 51 na faixa etária de 15 a 18 anos, todos frequentando a escola regularmente. A participação dos pais foi de 167 sujeitos, sendo 42 do gênero masculino e 125 do gênero feminino. Como resultado da pesquisa, pode-se constatar que o encontro das gerações, pais e filhos, ocorre por meio das necessidades afetivas e dos valores que fortalecem os vínculos familiares. O grande desafio a ser vencido diz respeito à prática desses valores, o saber fazer uso deles, visto que, muitas vezes, a correria, o ativismo da realidade cotidiana, vai tomando espaço, e os valores vão sendo esquecidos e as relações familiares, se fragmentando. A maioria dos alunos, assim como dos pais, concorda que haja a disciplina Ensino Religioso na escola. As justificativas mais preponderantes apresentadas são as seguintes: conhecer, respeitar outras religiões, trabalhar o ensino de valores como respeito, dar valor aos outros, ajudar a ter um equilíbrio entre o bem e o mal, aprender sobre religiosidade e sobre o conhecimento de Deus e ajudar a viver em harmonia para dar continuação ao que se aprende em casa.

**Palavras-chave:** Identidade e práticas sociorreligiosas. Ensino Religioso. Valores familiares. Ética. Sentido da vida.



## ABSTRACT

Studies focused on family, religion, school and teenagers has been the reason for concerns in several areas of social research, seeking to contribute to the scientific field and to society in general. The issue addressed in this paper develops the relationship between these issues, since the family in the society, the institutions and the school has a responsibility to contribute to the general education of adolescents and the students, and the religion contributes to the spiritual development of the human being through its religiosity. Each one seeking to develop its role, so that the main objective is to materialize as positive for society. Thus, this work proposes to research and identify the role of Family and Religious Education in adolescent ethics training in the Elementary School II, of the public schools of the city of Boa Vista - Roraima, focused on the transmission of values worked in the family and reinforced in school through the Religious Education discipline. In this sense it was carried out a field research and bibliographic, with qualitative and quantitative approach, exploratory, whose source of data collection and analysis, was a mixed questionnaire with open and closed questions, intended for students from public schools in Boa Vista-Roraima, where parents and guardians, collaborate with this work. The sample of the survey revealed that of the 198 students who took to the survey, 83 males and 115 females; 147 are in the age group up to 14 to 51 years are between the ages of 15 to 18 years old, all are attending school regularly. The participation of parents in the study was 167 people, 42 males and 125 females. As a result of the research, we can see the meeting of generations parents and children, are present through affective, where values strengthen family relationships. The big challenge is to practice, learn to use it often involves on the run, the activism of everyday reality is creating space, the values are being forgotten by both, and the relationship will fragmenting. Most students and parents agree that there is the discipline taught in school. The most compelling justifications are: knowledge, to respect other religion, work teaching values such as respect, to give value to others, help to have a balance between good and bad, to learn about religion and the knowledge of God, and to help to live in harmony to follow-up learning at home.

**Keywords:** Identity and social religious practices. Religious Education. Family values. Ethics. Meaning of life.

## LISTA DE GRÁFICOS/TABELAS

TABELA 01 – Distribuição dos 198 alunos por gênero.....	78
TABELA 02 – Distribuição dos 198 alunos por faixa etária.....	82
TABELA 03 – Distribuição dos 167 pais por gênero.....	84
GRÁFICO 01 – Distribuição dos 198 alunos por gênero.....	82
GRÁFICO 02 – Distribuição dos 167 pais por faixa etária.....	86
GRÁFICO 03 – Distribuição dos 198 alunos por série escolar.....	87
GRÁFICO 04 – Distribuição dos alunos por religião.....	88
GRÁFICO 05 – Distribuição do modelo das famílias representadas.....	90
GRÁFICO 06 – Distribuição sobre o que a escola deve ensinar.....	99
GRÁFICO 07 – Distribuição sobre o Ensino Religioso.....	100

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 O PAPEL DA FAMÍLIA NA TRANSMISSÃO DE VALORES PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DOS FILHOS.....</b>	<b>15</b>
1.1 A SITUAÇÃO DOS VALORES NAS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS	21
1.1.1 Mudanças na família.....	23
1.1.2 Relações de gênero: homens, mulheres e gerações.....	24
1.2 A FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DO ADOLESCENTE: ABORDAGEM BIOPSICOAFETIVA.....	29
1.2.1 O desenvolvimento do adolescente.....	30
1.2.2 Transformações físicas e os efeitos psicológicos.....	33
1.2.3 O desenvolvimento cognitivo na adolescência.....	35
1.2.4 A adolescência e o desenvolvimento psicossocial.....	37
1.2.5 A crise da Identidade na adolescência.....	39
1.3 A FAMÍLIA E A FORMAÇÃO ÉTICA DOS FILHOS: VIVÊNCIA E TRANSMISSÃO DE VALORES.....	41
1.3.1 Educação com limites.....	43
1.3.2 Uma educação integral.....	47
<b>2 O PAPEL DO ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO DO ADOLESCENTE.....</b>	<b>48</b>
2.1 A DIMENSÃO RELIGIOSA NO ADOLESCENTE.....	50
2.2 O ENSINO RELIGIOSO COMO DISCIPLINA CULTURAL E FORMATIVA PARA O ADOLESCENTE.....	51
2.2.1 Modelos do ensino religioso.....	52
2.2.2 A Escola como espaço cultural na formação do adolescente.....	58
2.2.3 O ensino religioso e a aprendizagem na busca de uma educação integral.....	60
2.3 O ENSINO RELIGIOSO COMO TRANSMISSÃO DE VALORES NA FORMAÇÃO ÉTICA DO ADOLESCENTE.....	62
2.3.1 A ética da alteridade.....	65
2.3.2 Valores se constroem por meio de exemplos.....	69

<b>3 O PAPEL DA FAMÍLIA E DO ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO ÉTICA DO ADOLESCENTE.....</b>	<b>76</b>
3.1 ANÁLISE QUANTITATIVA e QUALITATIVA DOS DADOS PESQUISADOS .....	78
3.1.1 Dados sociodemográficos dos alunos.....	87
3.1.2 Dados da pertença religiosa na adolescência.....	88
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>108</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>119</b>

## INTRODUÇÃO

Abordar o tema O papel da Família e do Ensino Religioso na Formação Ética do Adolescente no Ensino Fundamental II, nas Escolas Estaduais de Boa Vista-Roraima, com o foco voltado para o ensino de valores, é relevante para os segmentos família e escola, que precisam atuar de maneira eficaz na abordagem desse assunto necessário e fundamental para a formação integral do adolescente e/ou do aluno.

Nessa perspectiva, a família, como primeiro contato que a criança tem para o seu desenvolvimento biopsicossocial, forma as primeiras experiências de vida do ser humano, por meio do ensino, de costumes, de tradições e de culturas repassados aos seus membros.

Valorizar esses princípios trabalhados pela família torna-se relevante. Os pais ou responsáveis precisam perceber o efeito que isso produzirá na educação dos seus filhos e a contribuição que estes darão à sociedade.

Mesmo diante das mudanças culturais por que a sociedade tem passado ao longo da história, a família continua sendo responsável pelo desenvolvimento completo de seus membros, inclusive ensinando-os sobre o valor da vida como valoração primária e fundamental para os seres humanos e para as relações sociais.

Nessa linha de pensamento, os filhos, antes de ter contato com qualquer outro segmento social, já precisam ter observado e vivenciado, por meio dos exemplos de casa, a importância das regras, das normas e dos limites, que vão além do espaço familiar, a fim de garantir, nos demais ambientes sociais, o respeito e o direito mútuo.

A escola, por intermédio da sua atuação pedagógica, desenvolverá ações que fortalecerão os ensinamentos trazidos de casa, dentro da proposta da disciplina Ensino Religioso, que trabalhará os valores voltados à formação ética do adolescente, por meio dos conteúdos curriculares, focando a importância da religião como parte inerente ao ser humano, ajudando o aluno a entender a dimensão desta para a existência humana.

A religião desenvolve, na vida do ser humano, a relação com o divino. Independentemente das culturas, dos credos ou dos ritos religiosos, o homem desenvolve sua espiritualidade e tem procurado respostas para suas inquietações existenciais.

Na busca de Deus, ele exerce a sua religiosidade por meio das diversas práticas religiosas, como cultos, leituras sagradas, orações, cânticos e outras manifestações.

A religião é preocupação também do adolescente. Mesmo nessa fase de transformação biopsicossocial, ele vive e sente a religião à sua maneira. Ela “surge com intensidade nos pensamentos e nos sentimentos” (CAMBOIN, 2010, p.253). Muitas vezes, na busca de resolver seus problemas, apega-se a Deus por causa do medo das escolhas que tem de fazer.

Portanto, este trabalho tem como objetivo geral identificar o papel da família e do Ensino Religioso na formação ética dos adolescentes do ensino fundamental II, nas escolas públicas de Boa Vista-Roraima, com foco na transmissão de valores trabalhados no seio da família e reforçados na escola por meio da disciplina Ensino Religioso.

O objetivo geral foi desdobrado nos seguintes objetivos específicos: a) constatar que valores não trabalhados em família resultam em atitudes de desrespeito e de desinteresse na escola; b) identificar os fatores advindos da ausência dos pais na educação dos filhos que refletem no desenvolvimento psicológico, social e espiritual destes; c) analisar a contribuição que o Ensino Religioso e a família dão para o desenvolvimento da criança e do adolescente no processo de formação para a vida.

O conhecimento científico se caracteriza pela veracidade da pesquisa em demonstrar os fatos por meio da investigação comprovada ou refutada. Portanto, por meio da metodologia da pesquisa científica, usamos técnicas e instrumentos próprios da pesquisa para fazer uma abordagem da realidade que queríamos conhecer. (LAKATOS, 2010).

Segundo Trujillo Ferrari (apud MARCONI; LAKATOS, 1974, p.62), “a ciência é todo um conjunto de atitudes e atividades racionais dirigido ao sistemático conhecimento, com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação”.

Assim, foi realizada a pesquisa de campo e a bibliográfica, com abordagem quali-quantitativa, do tipo exploratório, cuja fonte de coleta e de análise de dados foi um questionário misto composto por perguntas abertas e fechadas, destinado aos alunos das escolas públicas de Boa Vista-Roraima e aos pais/responsáveis que colaboraram com este trabalho.

Os capítulos foram organizados de acordo com os objetivos traçados na busca de possíveis direcionamentos para o assunto estudado.

Assim, o primeiro capítulo mostra a importância da família como primeiro vínculo de proteção e de afeto para os seus membros, resgatando o contexto histórico, social e cultural, as mudanças por que ela tem passado através do tempo e a sua influência sobre os seus membros no papel de educar, por meio dos ensinamentos, dos costumes e dos valores transmitidos no ambiente familiar, visando a desenvolver atitudes e valores que vão além do intelecto.

O segundo capítulo trata da importância da educação como ação educativa para o adolescente, por meio da disciplina Ensino Religioso, cujos conteúdos são organizados de forma que alcancem a formação integral do aluno, levando-o a refletir sobre a importância da religião para o ser humano e sobre o respeito pelas diferentes religiões encontradas, e a valorizar a prática religiosa na busca de desenvolver a sua espiritualidade. Além disso, o capítulo enfatiza o ensino dos valores para a formação ética do adolescente, como meio de preservar os relacionamentos entre as pessoas em busca de uma sociedade mais justa e mais humana.

O terceiro capítulo mostra as realidades dos alunos das escolas públicas de Boa Vista-Roraima, por meio da pesquisa de campo e bibliográfica, com abordagem quali-quantitativa, do tipo exploratório, cuja fonte de coleta e análise de dados foi um questionário misto composto de perguntas abertas e

fechadas, destinado aos alunos e aos pais/responsáveis que colaboraram com este trabalho, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), o que possibilitou a concretização da atividade.

O capítulo mostra ainda como os alunos percebem as relações entre pais e filhos, a importância que dão aos valores transmitidos pela família, além da percepção dos pais sobre o tema estudado, elementos fundamentais para que a escola possa planejar-se e contribuir, de forma eficaz, para a formação integral do seu corpo discente.

Mostra também a opinião dos alunos e dos pais/responsáveis sobre a importância e o papel da escola, por meio da disciplina Ensino Religioso, em desenvolver conteúdos que contemplem o conhecimento da religião e sua contribuição para o desenvolvimento espiritual do ser humano. Além disso, ressalta o efeito que os valores produzem na educação dos filhos e/ou alunos, nos diversos contextos sociais, bem como a contribuição da escola para a formação ética do adolescente, dando continuação aos valores transmitidos pela família.



## **CAPÍTULO 1**

### **O PAPEL DA FAMÍLIA NA TRANSMISSÃO DE VALORES PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DOS FILHOS**

Os primeiros grupamentos humanos existentes na Antiguidade se constituíram em função do atendimento de suas necessidades básicas, por meio da “formação de uma coletividade de proteção recíproca, produção e/ou reprodução, que já permitia o desenvolvimento do afeto e da completude existencial”. (GAGLIANO, 2012, p.46).

Observa-se a necessidade do ser humano de não viver isolado, estabelecendo vínculos com outros de sua espécie em virtude da necessidade de convívio, de sorte que a família, como primeira comunidade, vai se integrando naturalmente. (ASCENÇÃO apud GAGLIANO, 2012, p. 37).

Abordar a existência e a dimensão da família, por meio da sua história, torna-se relevante, no campo científico, pela contribuição que isso traz para a sociedade atual e pela maneira como as ciências interpretam as abordagens da família de acordo com cada área de atuação.

Dessa forma, as pesquisas e os estudos científicos sobre o tema abordado demonstram como era a formação da família na Antiguidade e como ela atendia às suas necessidades básicas por meio do trabalho, mesmo que de forma rudimentar.

Revelam ainda a sua importância na transmissão de valores, costumes e cultura, por intermédio da educação informal. Assim, pode-se afirmar que a família, como instituição, é imprescindível, pois tem o papel de desenvolver e de preservar o respeito mútuo entre os seus membros.

Trabalhar o tema O Papel da Família na Transmissão de Valores para a Formação Integral dos Filhos, dentro do contexto social contemporâneo, em que vivemos uma ressignificação dos valores, é complexo e desafiador.

Porém, não é objetivo deste trabalho pesquisar os diversos rumos que a família tomou, mas debruçar-se sobre o assunto, pesquisar e empenhar-se na verificação da responsabilidade que ela tem, especialmente quando se trata dos assuntos que iremos abordar: valores vividos em família e transmitidos aos filhos adolescentes, e a contribuição da escola, com foco no ensino religioso, para a formação do ser humano.

Estudar e conceituar a família, para ter clareza da sua importância social, remete às primeiras noções acerca do seu significado. Portanto, a contextualização etimológica e histórica do grupo que vivia em "comunidade humana existencial denominada família" (GAGLIANO, 2012) nos ajuda a ter um entendimento do significado da família na contemporaneidade.

Os dicionários assim conceituam família:

Etimologicamente, família 1. Pessoas aparentadas que vivem na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. 2. Pessoas do mesmo sangue. 3. Origem, ascendência. (FERREIRA, 2010, p. 339).

1. Grupo de pessoas vivendo sobre o mesmo teto (esp. o pai, a mãe e os filhos) 2. Grupo de pessoas que têm uma ancestralidade comum ou que provêm de um mesmo tronco 3. Pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação, ou excepcionalmente, pela adoção 3.1 Grupo de pessoas unidas pelas mesmas convicções ou interesses ou que provêm de um mesmo lugar. (HOUAISS, 2001, p. 370).

A visão histórica não é diferente porque aponta para os grupos formados no início da humanidade com uma visão de núcleos familiares. Portanto, quando se uniam, a finalidade era de reciprocidade no sentido de proteção, até mesmo de produção, garantindo o desenvolvimento do lado afetivo para o complemento da existência de todos. (GAGLIANO, 2012, p.46).

A evolução histórica da família aponta duas concepções tanto para os gregos como para os romanos: a do dever físico e a da formação da prole. Dessa forma, a união entre o homem e a mulher era vista como um dever cívico com a finalidade de gerar filhos, que, mais tarde, quando jovens, serviriam o país. (LISBOA, 2009, p.04).

O tempo mostrou que esse ideal não poderia preponderar sobre a continuação da entidade familiar e, assim, foi sendo esquecida essa concepção do dever cívico, e “a família e o casamento foram se constituindo para a perpetuação da espécie com o nascimento dos filhos”. (LISBOA, 2009, p.04).

Antes da Revolução Industrial, o trabalho do artesão era exercido em conjunto no ambiente familiar, e todos os membros da família atuavam como colaboradores sob o comando do chefe da família. (LISBOA, 2009, p.04).

Com o aparecimento das máquinas, houve uma redução dessa produção artesanal, portanto esse trabalho tipicamente familiar sofreu com a diminuição da renda, fazendo com que os membros da família trabalhassem na fábrica, buscando outras fontes de sustento. (LISBOA, 2009, p.04).

Esse novo contexto “acarretou a desagregação do trabalho familiar e a derrocada das diferenças de funções entre os seus integrantes”. (LISBOA, 2009, p. 4). Assim, foi se formando uma nova personalização nas relações, no seio da família.

Com a saída da mulher para a jornada de trabalho, a figura paterna se voltou para outras modalidades de labor. Em consequência, houve a quebra do ciclo de continuação da atividade paterna pelos filhos.

Historicamente, prevaleceu a figura do patriarcado nas relações familiares em geral, cuja autoridade era exercida pelo ascendente mais velho do sexo masculino. Em várias partes do mundo, a sociedade patriarcal exercia a poligamia, que, aos poucos, foi dando lugar à monogamia. (LISBOA, 2009, p.05).

Acerca do regime patriarcal entre os romanos, afirma Lisboa que:

Entre os romanos, a propósito, vigorava nas relações familiares a autoridade do pater família, que se beneficiava de toda vantagem patrimonial obtida por seu filho, porém não se obrigava pelos compromissos assumidos por sua prole perante terceiros. (LISBOA, 2009, p. 5).

O regime matriarcal historicamente preponderou em poucas regiões do mundo e por pouco tempo. Observou-se esse regime em pequenos clãs africanos, americanos e da Oceania. (LISBOA, 2009, p.05).

No entanto, percebeu-se que esse tipo de regime enfraqueceu as tribos devido à união que as mulheres tinham com vários homens (poliandria), ocasionando uma diminuição da fecundidade feminina. (LISBOA, 2009, p.05 e 06).

No decorrer dos tempos, a família foi tendo vários conceitos. Entre os gregos, ela era fundamentalmente tida como a formação de grupos para suas reuniões ao culto dos deuses e ainda vista com os cônjuges e seus descendentes. (LISBOA, 2009, p.12).

A visão dos romanos sobre família era de uma unidade econômica, religiosa, política e jurisdicional. Enfatizava ainda os descendentes do tronco ancestral comum (*gens*), os laços de parentesco e de afinidade; cônjuges, grupo de pessoas com ligações econômicas; pessoas morando num mesmo lugar; enfim, a reunião diária em torno do altar semelhante ao modelo dos gregos. (LISBOA, 2009, p.12).

O Império Romano teve o seu momento de declínio, e o crescimento do Cristianismo trouxe um novo significado para a família. Com uma visão de multiplicidade funcional, Roma concebia a família. Já com o Cristianismo, a “família cristã se consolidou no modelo patriarcal, como célula básica da Igreja, que se confundia com o Estado, e, por consequência, da sociedade” (GAGLIANO, 2012, p.51).

Esse modelo foi fundamentado no casamento como constituição de fato que preponderou na sociedade ocidental, mais tarde passando para a Idade Média, até chegar à Idade Moderna, excluindo outros modelos de concepção familiar. (GAGLIANO, 2012).

Já no século XVIII, com a Revolução Industrial, surgiu uma nova visão da família, a qual passou a ser concebida de acordo com os novos rumos que

a sociedade tomou, abalando-a sensivelmente em razão das atividades que eram desenvolvidas em coletividade.

Um novo modelo econômico caracteriza o século XIX, afetando a instituição familiar. Por várias vezes, ouvem-se comentários sobre o declínio no alicerce da família, devido ao seu modelo uniforme e conservador. (GAGLIANO, 2012).

Com o advento do século XX, novos fenômenos e eventos foram aparecendo, como assegura Gagliano, que contribuíram para a mudança do conceito de família:

[...] a formação de grandes centros urbanos [...], a revolução sexual [...], a mudança de papéis nos lares [...], o reconhecimento do amor como elo mais importante da formação de um LAR: Lugar de afeto e respeito..., tudo isso e muito mais contribuiu para repensar do conceito de família na contemporaneidade. (GAGLIANO, 2012, p. 52).

Posteriormente, a família veio a designar, consoante o que dispõe a lei, a entidade constituída “pelo casamento civil entre homem e a mulher; pela união estável entre o homem e a mulher; e pela relação monoparental entre o ascendente e qualquer de seus descendentes”. (LISBOA, 2009, p.13).

Com as modificações sensíveis que repercutiram sobre as relações familiares, outra é atualmente a noção de família como gênero: “a união de pessoas constituída formalmente pelo casamento civil; constituída informalmente pela união estável; e constituída pela relação monoparental”. (LISBOA, 2009, p.13).

Diniz (2011) referencia bem o termo jurídico e descreve o significado do vocábulo família no sentido amplíssimo, que abrange todos os indivíduos ligados por afinidade ou por consanguinidade, o que é preconizado no art. 1.412, § 2.º, do Código Civil.

Já no sentido “lato”, o conceito abrange os cônjuges, os companheiros, seus filhos, alcançando também os parentes da linha reta ou colateral, bem

como afins, o qual vem expresso também no Código Civil Brasileiro e na Constituição Federal:

[...] família restrita (CF, art. 226, §§1.º e 2.º): conjunto de pessoas unidas pelos laços do matrimônio e da filiação, ou seja, unicamente os cônjuges e a prole (CC. arts. 1567 e 1716).

Entidade familiar: a comunidade formada pelos pais vivendo em união estável, ou por qualquer um dos pais e descendentes, o que preconiza o art. 226, §§ 3.º e 4.º, da Constituição Federal, independente do vínculo conjugal que a originou. (DINIZ, 2011, p. 24).

Convém ressaltar que a família, na sua convivência, deve ser norteadada pelo afeto e pelo amor, o que vai desenvolver nos seus membros segurança e proteção. É a família o núcleo ideal do pleno desenvolvimento da pessoa, que se torna instrumento para a realização integral do ser humano.

Na família, são desenvolvidos caracteres biológicos, econômicos, psicológicos, religiosos e políticos, todos importantes na sua constituição.

Pretende-se dar ênfase a três aspectos importantes neste trabalho, a saber:

- Caráter psicológico, em razão de possuir a família um elemento espiritual unindo os componentes do grupo, que é o amor familiar.
- Caráter econômico, por ser a família o grupo dentro do qual o homem e a mulher, com o auxílio mútuo e o conforto afetivo, se munem de elementos imprescindíveis à sua realização material, intelectual e espiritual.
- Caráter religioso, uma vez que, como instituição, a família é um ser eminentemente ético ou moral, principalmente por influência do Cristianismo, não perdendo esse caráter com a laicização do direito. (DINIZ, 2011, p.28).

## 1.1 A SITUAÇÃO DOS VALORES NAS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS

É na família que as primeiras relações sociais são definidas. Isso ocorre porque a maioria das aprendizagens diz respeito às pessoas e às situações diversas, e são experiências ensinadas em casa.

Destarte, no atual contexto, em que se vivem modificações nos padrões de comportamento, de atitude e de valores, torna imperativo estabelecer um relacionamento de diálogo aberto e contínuo entre os membros da família, para que não ocorra uma descontinuação de aprendizagem dos valores primários e fundamentais da humanidade, como o respeito mútuo e a boa convivência entre as pessoas, o que tornaria difícil o convívio no grupo social.

A definição de valor, muitas vezes, pode estar relacionada a normas, a algo que é escolhido ou mesmo à moral. Nildo Viana o descreve desta maneira: “o valor é algo significativo, importante para o indivíduo ou grupo social. Os valores, por conseguinte, são grupos de ‘seres’ (objetos, ações, ideias, pessoas, etc.) que possuem importância para os indivíduos ou grupos sociais” (VIANA, 2007, p.19).

Pode-se inferir que o valor não é um atributo natural dos seres, portanto uma atribuição dada a eles é chamada de valoração. Nesse sentido, a valoração primária constitui o conjunto de valores fundamentais vividos por um indivíduo ou grupo social.

Nildo Viana explica ainda que “a valoração primária tem como foco os seres humanos, as relações sociais”. Já a valoração derivada refere-se a objetos. Pode-se exemplificar uma obra de arte pela beleza que possui na sua característica intrínseca.

Os valores fundamentais para a raça humana são importantes porque, se alguém disser que a colaboração é necessária para a humanidade, será realizada uma valoração primária, que servirá de mediação para outros valores que o indivíduo vier a adotar.

Destaca-se ainda uma distinção entre valores universais e autênticos. Valores autênticos são os que correspondem à natureza humana, e foi Karl Marx que achou a maneira mais adequada de explicar isso (VIANA, 2007).

Existem, nos seres humanos, necessidades básicas, como comer, dormir, amar, entre outras. Para satisfazê-las, eles desenvolvem meios de produção e de relacionamento com a natureza e com a sociedade, potencializando, pois, essas necessidades por intermédio do trabalho e das relações sociais.

As pessoas, nas suas escolhas, são movidas não só pelos valores, mas também pela consciência e pelos sentimentos, além de outros fatores. “Os valores podem criar, fortalecer ou enfraquecer os sentimentos”. (NUNES, 2007, p.41).

Dessa maneira, observa-se a influência dos valores nos sentimentos e vice-versa.

Já a consciência contribuirá para o desenvolvimento de alguns valores e sentimentos, estando sujeita a receber influência do sentimento e dos valores já constituídos pelo indivíduo.

Por ter natureza social, o valor nos ajuda a perceber a relação que existe entre os valores e a história da sociedade. Nesse sentido, a transformação social traz mudança de valores, implicando alterações simultâneas entre relações sociais e valores, mudando essa situação de acordo como as sociedades de classes que vão se constituindo.

Nesse contexto, os valores vividos nas famílias contemporâneas sofreram grandes impactos ocasionados pelas mudanças por que a sociedade vem passando ao longo do tempo.



### 1.1.1 Mudanças na família

A família está inserida no dinamismo que ocorre nas relações sociais, recebendo influência dos contextos social, econômico, político, cultural e religioso que vivencia.

Os novos valores e o esvaziamento das tradições e da cultura que vêm sendo apresentados desafiam a família a viver incertezas típicas da tentativa de acertar e errar.

A família moderna tem apresentado características diferentes daquelas presentes nos modelos tradicionais de comportamento e de valores.

Os modelos da relação de parentesco já são vividos de maneira diferente, ainda que, em alguns grupos familiares, se percebe uma pequena sobrevivência dos valores e comportamentos do passado. Há uma luta entre a tradição e a modernidade nas novas gerações que surgem.

Sobre isso Giddens (apud PETRINI) afirma que está havendo o “enfraquecimento de um modelo de família baseado no estável exercício da autoridade/adulto, domínio do homem adulto, sem chefe sobre a família inteira”. (GIDDENS, apud PETRINI, 2005, p.43).

Castells enfatiza que:

a crise do patriarcado, induzida pela interação entre capitalismo informatizado e movimentos sociais pela identidade feminina e sexual, manifesta-se na crescente variedade de modos nos quais as pessoas escolhem conviver e criar crianças. (CASTELLS, apud PETRINI, 2005, p.43).

Progressivamente, o valor da igualdade começou a fazer parte do cotidiano da família, dando origem ao repartir das tarefas domésticas e de outras responsabilidades de maneira mais democrática.

A família moderna coloca a satisfação em primeiro lugar, deixando a desejar a disponibilidade de os membros estarem juntos para o bem-estar de todos. Os cônjuges compartilham mais a situação financeira do que a afetividade, e isso tem causado certa independência econômica, influenciando

no rompimento das relações do vínculo familiar, pois o estar juntos, o conviver em família deixou de ser a primeira satisfação. (PETRINI, 2005).

Os valores que vêm afetando o comportamento das famílias não estão relacionados aos aspectos institucionais, mas às identidades pessoais, às relações mais íntimas no âmbito da família. Os aspectos mais práticos vividos no seio familiar vão abrindo espaços a aspectos subjetivos decorrentes da instabilidade e da dinâmica que a família moderna assume nos dias de hoje.

Destarte, a família vem se desvinculando, deixando de ser uma organização privada, quer dizer, a sociedade já não a vê como uma instituição. O foco agora é voltado somente à expressão de afeto, de emoções e de sentimentos, sufocando a sua definição anterior, que levava em consideração o seu caráter institucional, contrariando o que já está assentado na dimensão jurídica desde o aparecimento desta. (PETRINI, 2005).

No contexto atual, cresce o número de divórcios, diminui o número de casamentos, surgem famílias reconstituídas e aumenta o número de famílias monoparentais, chefiadas mais por mulheres. (PETRINI, 2005).

Além disso, fatores externos à família têm entrado em cena e redefinido valores e critérios de como cada membro deve se comportar.

As influências do trabalho, da escola e de outros meios sociais sobre a família criam muitos desafios a esta, por conta da variação, que gira às vezes com muita rapidez, do que é proposto como limites, atitudes, valores e importância do bem que os membros da família precisam viver em comum.

### **1.1.2 Relações de gênero: homens, mulheres e gerações**

A semelhança entre homem e mulher, nas relações familiares, é contextualizada em ambiente profissional, cultural e político, com tendência a não definir nenhum trabalho típico masculino ou exclusivamente feminino. “Estas mudanças foram incorporadas ao Código Civil, que reformulou o direito da família de modo a atender às modernas exigências”. (PETRINI, 2005, p. 45).

A mulher não se limita a administrar a casa e a ajudar na educação dos filhos. Os tempos modernos de realização pessoal a introduziram no mercado de trabalho por meio das empresas que abriram as portas para o trabalho feminino, aumentando o orçamento familiar, mas, como consequência, diminuindo o tempo de a mulher dedicar-se às tarefas domésticas e à educação dos filhos.

A conquista do espaço no trabalho fora de casa faz com que a mulher se sinta autônoma em relação ao consumo para atender a algumas necessidades dos filhos e da casa ou satisfazer seu próprio interesse.

Ela aproximou-se do homem, conquistando o mundo do trabalho e ampliando o horizonte social, mesmo que isso não tenha ocorrido de forma plena, pois o número de horas de trabalho que cumpre é superior ao dele, já que, quando volta para casa, assume as tarefas domésticas, caracterizando-se com uma pessoa que cumpre dupla jornada, mas não recebe a contrapartida financeira correspondente.

A mulher sofre também com a política salarial injusta, visto que ganha, exercendo a mesma atividade, um salário mais baixo que o do homem, bem como com a disparidade de funções. Poucas mulheres assumem os cargos mais elevados numa instituição. A discriminação de gêneros revela-se nessas situações, beneficiando os que comandam o mercado de trabalho e provocando mudanças nas relações familiares.

Sobre essa situação, assim se expressa Jablonski:

Essa disparidade é vivenciada pelas mulheres de uma forma bastante dolorosa, uma vez que há uma promessa no ar de igualdade de funções [...] Um respeitável contingente de mulheres urbanas da classe média sentem-se traídas e iludidas por essas promessas não cumpridas. (JABLONSKI, apud PETRINI, 2005, p.46).

Os modelos de autoridade e disciplina vão sendo deixados. Nesse ínterim, a flexibilidade ganha espaço no relacionamento entre pais e filhos por meio da negociação e da tolerância, no “horizonte de um amplo pluralismo ético e religioso”. (KALOUSTIAN, apud PETRINI, 2005, p. 46).

Esses comportamentos associam-se a uma redução do número de filhos que o casal propõe-se a criar, com base em um planejamento mais rigoroso. Cresce a expectativa de gratificação emocional e afetiva dos pais em relação aos filhos. (CAMPANINI, apud PETRINI, 1989).

A história da família é constituída por uma sequência de gerações permeada por conflitos, porque as novas gerações divergem umas das outras em relação a objetivos e metas que precisam ser alcançados. Assim, os valores que precisam ser respeitados e os critérios que precisam ser definidos são descartados. (PETRINI, 2005, p.46).

Nesse contexto, essas gerações criam muitas vezes um distanciamento nos relacionamentos com os pais e com a geração mais idosa. Começa então a desencadear-se um confronto sistemático a respeito de alguns aspectos importantes da existência, que são deixados de lado pelo fato de serem considerados improdutivos, prevalecendo o comodismo prático. Assim, tornar-se necessário abrir espaço para o diálogo, a fim de negociar alguns pontos.

Os vínculos e pertenças tornam-se menos sólidos entre pais e filhos, porque há uma queixa daqueles em relação a estes de que ignoram alguns fatos sem o cuidado de estar perdendo algo interessante e de valor.

Há um aumento intenso da paternidade e da maternidade precoce, provocando conflitos nas relações entre pais e filhos, que passam a vivenciar atos de agressividade, mostrando visivelmente que as crises são graves e profundas e que vêm crescendo entre as gerações novas e as mais velhas: pais, avós e até mesmo bisavós. (PETRINI, 2012, p.46).

O aumento da expectativa de vida permite que, na mesma família, se encontrem três ou mais gerações. Os filhos permanecem mais tempo na casa dos pais, até se firmarem profissionalmente ou terminarem seus estudos ou terem condições de sair de casa ou ainda constituírem suas próprias famílias.

Outras vezes, podem retornar para a casa dos pais com um ou mais filhos, devido a separações. As relações na família se tornam mais difíceis,

delicadas, porque agora os filhos adultos, independentes economicamente, têm uma autonomia que os pais algumas vezes não veem de maneira positiva.

As mudanças acima mencionadas, entretanto, podem refletir, muitas vezes, na qualidade de vida das famílias, possibilitando a realização de satisfação pessoal para pais e filhos. Além disso, os valores que permeiam as famílias modernas renovam de maneira significativa esse ambiente.

Kostenberger esclarece como era a relação entre pais e filhos na família patriarcal:

Embora o pai fosse, incontestavelmente, o líder do lar, o Antigo Testamento quase nunca focaliza o seu poder [...]. Em vez de atuar como déspota ou ditador nos lares saudáveis, o pai e/ou marido normalmente inspiram segurança em seus membros [...]. A ênfase, portanto, não era, acima de tudo, sobre o poder e os privilégios associados à posição do pai, mas, sim, sobre as responsabilidades referentes à sua liderança. (KOSTENBERGER, 2011, p. 92).

Sobre isso, ainda afirma Kostenberger que as responsabilidades básicas da família, atribuídas ao patriarca, envolviam a proteção, a segurança, o bem-estar de todos e a busca da harmonia e da unidade no lar. “A literatura sapiencial do Antigo Testamento apresenta com frequência a sabedoria da mãe na instrução dos filhos em paralelo com a sabedoria do pai.” (Prov.1:8; 6: 20). (KOSTENBERGER, 2011, pp. 93-94).

Historicamente, servir como líder do clã, além de assegurar, entre outros aspectos, provisão e direção espiritual à família, por meio do ensino dos fundamentos da fé, da interpretação do código moral e dos ritos sagrados, implicava fornecer educação formal, informal e disciplina. (KOSTENBERGER, 2011, p. 115).

Hoje a família moderna tem sido agredida por valores pós-modernistas, que, muitas vezes, são reforçados pela mídia. Como resultado, muitos pais renunciam à sua responsabilidade no lar, deixando de demonstrar, por meio da sua atuação e confiança, que podem trazer solução aos conflitos.

A mulher, não raro, sente-se sobrecarregada das responsabilidades atribuídas a ela, por causa do peso de ter de resolver tudo sozinha, já que a figura masculina não vive bem com as novas mudanças socioculturais e rompe com a família, muitas vezes desaparecendo.

Nessa cadeia, quem mais sofre são os filhos, que têm de conviver com perdas, com a ausência do pai e com a quebra dos vínculos familiares.

Assim, tem crescido dois tipos de relação de intimidade: o da relação nupcial e o da relação ocasional. A escolha por um deles depende do grau de autonomia da pessoa, que usa sua liberdade ou cede às pressões do contexto social.

Uma categoria se contrapõe a outra. A relação ocasional usa de diversos instrumentos para estudar as várias formas de agregação familiar, não estabelecendo relação de cooperação com as outras gerações. Essa relação ocasional não elabora um projeto comum de vida. Caracteriza-se por uma sexualidade que não cria vínculos; que é parcial, ou seja, o interesse de quem adota esse estilo de vida é apenas por uma porção limitada de tempo, pois a parcialidade ignora o outro. (PETRINI, 2005, p.49).

Já a relação nupcial caracteriza-se pelo vínculo formado no universo familiar. Elaborar um projeto de vida entre um homem e uma mulher, que começa no namoro e se consolida no casamento. Essa relação incorpora preocupações concretas, como moradia, trabalho, procriação dos filhos, educação, numa responsabilidade compartilhada, envolvendo tempo, valorizando as qualidades e se relacionando bem com as limitações e os defeitos já conhecidos no relacionamento.

Na sociedade moderna, a relação nupcial só é adotada quando se tem a compreensão de que ela pode contribuir para a felicidade das pessoas.

Sobre essa temática, assim se refere Petrini:

Não será mais um conjunto de circunstâncias biológicas, históricas e culturais que poderá induzir as pessoas a viverem a sexualidade no horizonte do amor nupcial, mas uma livre

decisão movida por uma autoconsciência capaz de escolher o que reconhece como mais adequado para proporcionar uma qualidade de vida melhor. (PETRINI, 2005, p.50).

## 1.2 A FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DO ADOLESCENTE:

### ABORDAGEM BIOPSIKOAFETIVA

A adolescência, conhecida como período de transição por que o ser humano passa, abrange os aspectos biopsicossociais. Os dois últimos costumam ocorrer mais tarde, por trazerem algumas mudanças no comportamento e na atitude do indivíduo. O adolescente vive um momento de despedida da infância e de avanço à idade adulta. (HURLOCK, 1979, p.02).

Esse período de intervalo entre a liberdade que o indivíduo tinha quando criança e a responsabilidade da vida adulta é caracterizado por grandes mudanças que implicam adaptações no âmbito familiar. Na maioria das vezes, os pais ou responsáveis enfrentam situações difíceis e desgastantes por causa dos conflitos entre as gerações.

A puberdade é um período de rápido crescimento físico e de maturação sexual que finaliza a infância e dá início à adolescência, gerando uma pessoa de tamanho, forma e potencial sexual de um adulto. (SPRINTHAL; COLINS, 2003, p.244).

O adolescente apresenta um padrão de comportamento que difere em relação ao período em que a adolescência começa. A fase inicial começa aos 13 anos de idade para as meninas e aos 14 anos de idade para os meninos. A fase final se inicia aos 17 anos. (HURLOCK, 1979, p.3).

É importante conhecer esse estágio para saber como o adolescente age numa tomada de decisão, pois ela implicará responsabilidade e mais direitos e privilégios para aqueles que já estão na fase final, além de uma confiança maior e um prestígio elevado na família. O adolescente sentir-se-á motivado a corresponder às perspectivas sociais, já que o seu comportamento se identificará mais com o de um adulto.

No contexto histórico da adolescência, é possível identificar que os adolescentes das sociedades anteriores a este século não gozavam de privilégios relativos às fases da adolescência, que hoje são identificadas como inicial e final.

As crianças eram consideradas como adultos em miniatura, exceto um pequeno grupo, devido a sua situação econômica mais favorável. No contexto cultural dos séculos anteriores, as crianças e os adolescentes eram encaminhados para o mundo do trabalho, no campo, junto com os adultos, que ignoravam essas fases importantes da vida, mesmo que as características fossem evidentes. (SPRINTHAL; COLINS, 2003, p.07).

Com o avanço das culturas industrializadas é que o foco, em relação ao estudo sobre a adolescência, foi se intensificando, e suas necessidades, capacidades e características foram levadas em conta. Isso ajudou no reconhecimento dessa fase como um estágio de desenvolvimento humano, provocando, no decorrer dos tempos, a mudança no tratamento dispensado aos adolescentes pela sociedade adulta, semelhante à que as crianças vivenciaram no século XIX. (SPRINTHAL; COLINS, 2003, pp.07 e 08).

### **1.2.1 O desenvolvimento do adolescente**

John P. Hill elaborou um quadro de referência, no qual organizou informações pertinentes ao complexo período da adolescência, destacando um conjunto de mudanças primárias influenciadas pelos contextos sociais, refletindo em mudanças secundárias durante o desenvolvimento do indivíduo. (HILL apud SPRINTHAL; COLINS, 2003, p. 33).

As mudanças primárias podem ocorrer em razão das alterações que o grupo social cria em termos de expectativas relacionadas ao adolescente, devido às transformações fisiológicas da puberdade, que, muitas vezes, acarretam dificuldades de aceitação da autoimagem, além das mudanças cognitivas, que alteram a forma de raciocínio. (SPRINTHAL; COLINS, 2003, p.33).



Essas mudanças se sucedem em importantes contextos como o da família, o da escola e o dos colegas. O convívio com as mudanças primárias nesses contextos acarreta grandes problemas psicológicos nos adolescentes, o que é identificado por Hill como mudanças secundárias.

N. A. Sprinthall e W. A. Collins (2003, p.34) descrevem como John P. Hill organizou o quadro que representa as mudanças no adolescente.

### O Modelo de Desenvolvimento do Adolescente de John P. Hill

MUDANÇAS PRIMÁRIAS		CONTEXTOS
	Que ocorrem no seio ou exercem um impacto sobre eles	
Definição social		Família
Física		Colegas
Cognitiva		Escola
MUDANÇAS SECUNDÁRIAS		Aspectos psicológicos relacionados com essas mudanças durante a adolescência
Domínio	Modificações no adolescente	
Relações familiares	Transformações dos laços estabelecidos com os pais na infância, em laços aceitáveis entre estes e os filhos adultos.	
Autonomia	Alargamento das atividades realizadas por iniciativa própria e da confiança nessa capacidade nas esferas comportamentais mais variadas.	
Identidade	Transformações das representações mentais do eu para possibilitar a adaptação às mudanças primárias e secundárias, coordenação dessas representações com vista a criar uma teoria do eu que incorpore o sentido de unicidade e de continuidade ao longo do tempo.	
Realização	Canalização do esforço de dedicação ao trabalho e da ambição para metas que são realistas e voltadas para o futuro.	
Intimidade	Transformações dos conhecimentos superficiais em amizades, aprofundamento e alargamento da capacidade para uma autorrevelação aos outros, para a assunção afetiva de perspectivas sociais e para o altruísmo.	

Adaptado de Hill, J.P Understanding early adolescence. A framework, Chapel Hill, N. C.: Center for Early Adolescence, 1980.

Na década de 30, estudos feitos por Glen Elder apontam para situações de pressões que adolescentes viveram devido ao momento que o

mundo estava passando com a Grande Depressão<sup>1</sup>, período de instabilidade econômica e social que influenciou as relações familiares e o nível de tensão vivido na época. (ELDER apud SPRINTHAL; COLINS, 2003, p. 35).

G. Elder estudou as consequências da privação econômica e das responsabilidades vividas pelos adolescentes da era da Depressão. A perda de rendimentos com que as famílias eram afetadas influenciou as experiências dos adolescentes em virtude de assumirem, naquele contexto, responsabilidades de adultos. (ELDER apud SPRINTHAL; COLLINS, 2003, p. 35).

Os pais viviam momentos de ansiedade por não conseguir manter a renda da família. Houve um desequilíbrio, originando uma grande tensão em todos. As mães e os filhos sentiram a necessidade de ajudar com o trabalho, e as crianças menores foram absorvendo tarefas e novas responsabilidades.

O grupo de adolescentes que sofreu com as pressões de pobreza econômica estava mais vulnerável emocionalmente, especialmente por querer se sentir aceito no grupo social dos adolescentes que não passaram por esse processo de instabilidade financeira.

O estudo aponta ainda que, nos rapazes das famílias que sofreram com a Depressão Econômica, sobressaíram os valores familiares, por preservarem o papel da infância e a relação dentro da família, e suas expectativas profissionais foram mais claras quando adultos.

Esse mesmo grupo teve uma infância próspera nos anos 1920, isento das dificuldades que sofreu na adolescência, o que lhe trouxe alguns benefícios, seja do que foi vivido na infância, seja na adolescência, levando-o a ter mais confiança ou êxito.

---

<sup>1</sup> Grande Depressão: crise econômica que atingiu os EUA, estendendo-se em seguida a todo o mundo capitalista. Teve início em 1929 e persistiu ao longo da década de 1930, terminando apenas com a Segunda Guerra Mundial. A Grande Depressão é considerada o pior e o mais longo período de recessão econômica do século XX.

Sobre isso, SPRINTHALL comenta que:

[...] as pessoas que nasceram entre 1962 e 1972 – altura em que os movimentos de protesto e o uso de drogas estavam no seu auge – viveram a adolescência durante um período caracterizado pela orientação para a carreira e pela aquisição de bens materiais – valores estes que eram renunciados por muitos adolescentes da geração anterior. Tal como as perspectivas culturais acerca daquilo que uma pessoa jovem pode vir a ser ou a fazer, as oportunidades únicas, as coações e as exigências de um dado período histórico dão forma ao que a adolescência é e ao seu significado no curso do desenvolvimento humano. (SPRINTHALL, 2003, p.38).

As modificações, tanto individuais quanto sociais, na vida do adolescente são fatos que lhe trazem oportunidades e experiências, ajudando-o a refletir nas possibilidades para uma vida futura.

As modificações sociais, físicas e psicológicas afetam a maneira de os adolescentes compreenderem o mundo nas respectivas áreas em que atuam.

### **1.2.2. Transformações físicas e os efeitos psicológicos**

Na abordagem anterior, viu-se que o conceito dado à adolescência foi em parte uma invenção cultural. Os adultos perceberam o crescimento físico como característica significativa que diz respeito às acentuadas transformações que ocorrem no corpo na segunda fase da adolescência.

O crescimento na adolescência ocorre de maneira rápida, prenúncio da pubescência, que exerce influência na aparência e na capacidade física do adolescente. (SPRINTHAL; COLINS, 2003, p.44).

Esse crescimento se dá em razão do hipotálamo, glândula localizada na base do cérebro ou hipófise, que libera o hormônio do crescimento na pubescência, causando mudanças nas características físicas do adolescente, começando a diferenciá-lo da criança. (SPRINTHAL; COLINS, 2003, p.245).

É significativo acentuar que a transformação do corpo e o crescimento que ocorrem podem gerar um desconforto, causando insegurança e

preocupação no adolescente, haja vista as rápidas mudanças e as alterações que podem trazer à sua aparência na vida adulta. Essas transformações físicas levam à maturidade reprodutiva, conhecida como puberdade.

Com a puberdade, as características sexuais, causa das mudanças, se manifestam, especialmente as características sexuais secundárias, que são responsáveis pela mudança na aparência ou nas funções do corpo, sendo esta a causa de maior preocupação na adolescência.

A adolescência não se caracteriza como uma fase de problemas. As dificuldades, os riscos, estão presentes na mesma proporção das oportunidades. Os desafios se apresentam e podem ser aproveitados pelo adolescente.

Berger reforça que “os hormônios fazem com que o humor e as emoções mudem de maneira mais rápida, causando sinais visíveis de mudanças no corpo e impactos psicológicos”, muitas vezes agravados pelos valores e expectativas da família, dos amigos ou do meio social, que provocam grandes reações emocionais, favoráveis ou não. (BERGER, 2012, p.246).

Nesse sentido, o diálogo entre pais e filhos é fundamental, para que aqueles ajudem estes a enfrentar esse processo de mudança comum na vida do ser humano, porém conturbado no período da adolescência.

Os pais precisam perceber a sua importância na formação dos filhos, assumindo o papel de estabelecer a comunicação e o diálogo para ajudá-los na compreensão de fases da vida pelas quais todo indivíduo passa.

Os vínculos afetivos e a interação entre pais e filhos preponderam na família em relação a outras instituições. Sendo assim, ela, na figura dos pais ou responsáveis, precisa considerar a real dimensão afetiva que exerce na educação e na formação dos filhos, dando o apoio necessário para os questionamentos que surgem com as mudanças na fase da adolescência.

### 1.2.3 O desenvolvimento cognitivo na adolescência

Na adolescência, algumas habilidades básicas de raciocínio já foram alcançadas em relação à infância, devido à possibilidade de o adolescente desenvolver tarefas sozinho ou com grupos de colegas.

É necessário motivá-lo e ajudá-lo a estabelecer um elo entre aquilo que já sabe e as novas ideias, a fim de adquirir a compreensão de conceitos que ainda não domina, uma vez que a sua memória está com um acúmulo de informações.

Isso está de acordo com o que Piaget sustenta. Ele afirma que: “[...] o pensamento operacional formal é o quarto e último estágio do desenvolvimento cognitivo, originando-se de uma combinação de fatores maturacionais e da experiência”. (PIAGET apud BERGER, 2012, p.261).

Berger sinaliza que, na adolescência, os pensamentos são mais qualitativos em relação às crianças. Isso se dá em virtude da influência e da importância do conhecimento adquirido na escola, assim como da troca de experiências entre os colegas, as quais vão se formando como uma nova cultura de aprendizagem. (BERGER, 2012, p.262).

Muitos estudiosos do desenvolvimento defendem que uma das características que mais se evidenciam na adolescência “é a capacidade de pensar na possibilidade e não apenas na realidade”. (BERGER, 2012, p.262).

Assim, eles pensam diferente do padrão de um adulto, que busca logo a solução real, já que os adolescentes visam a soluções possíveis até que cheguem a uma definição da solução real.

Na adolescência, os pensamentos aparecem como hipóteses envolvidas por propostas que fazem ou não parte da realidade. Portanto, eles se diferenciam das crianças menores devido às possibilidades que imaginam estarem ligadas ao dia a dia, como vivenciam ou como gostariam que fossem.

Isso nos leva a entender que os adolescentes têm uma capacidade de ignorar a realidade e pensar no que é possível para si, usando um argumento convincente, porém não sincero demonstrando uma habilidade de pensar por hipóteses.

Com essa tendência na organização de seus pensamentos, vivenciam momentos que os levam a refletir sobre determinadas situações novas, às vezes, assustadoras, para as quais procuram uma solução ou respostas.

Temas importantes, tais como o mundo, a religião, Deus, o sentido da vida, as más ações, as falhas morais, que muitas vezes são praticadas por pessoas que representam exemplos ou modelos, como os pais, os líderes, passam a ser questionados, tornando-se um processo doloroso e, às vezes, complicado, trazendo um desconforto emocional por terem um grande significado na vida do adolescente.

À medida que a capacidade hipotética e abstrata se manifesta, abandonam o lado simples e concreto do raciocínio e constroem visões mais imaginativas e complexas, passando a se interessar por opiniões de adultos ou de colegas que apresentam pontos de vista antagônicos e estão predispostos a questionar quaisquer ideias contrárias às suas convicções, algumas vezes, demonstrando forte egocentrismo. (BERGER, 2012, p.267).

Dessa forma, ressalta Berger que a autoconsciência torna os adolescentes sensíveis a críticas reais ou previstas, “combinando com a franqueza e a sensibilidade que possuem, despertando para um conhecimento intelectual intenso, ficando vulneráveis com a falta de confiança em si mesmos”.

Embora nem sempre saibam se estão certos na maneira de pensar, percebem, com rapidez, quando algo está errado. Isso ocorre devido à agilidade de pensar e estar prontos a questionamentos, não aceitando posições que julgam erradas ou injustas. Assim,

[...] Ao contrário das crianças, eles não aceitam as condições em curso só porque “é assim que as coisas são”. Em vez disso,

criticam a maneira como as coisas são, exatamente porque conseguem imaginar como elas poderiam ser, como deveriam ser e como seriam em um mundo onde houvesse justiça. Gostariam que as pessoas fossem sempre sinceras e o significado da vida humana fosse realmente reconhecido. Isso é pensamento hipotético em sua melhor forma. (BERGER, 2012, pp.263-264).

#### **1.2.4 A adolescência e o desenvolvimento psicossocial**

Durante o desenvolvimento do ser humano, cada fase vivida passa por um momento de mudanças.

Sprinthal e Colins destacam que Erikson chamou essas mudanças de estágios, estudando os impactos causados nas crises vividas pelos adolescentes, denominando como crise da identidade. (SPRINTHAL e COLINS, 2003, p.192).

A abordagem anteriormente apresentada retrata o crescimento do indivíduo quando atinge a puberdade, mais ou menos aos 13 anos de idade. Nessa fase, ele é confrontado com desafios e novos rumos na sua vida.

Agora as oportunidades, os papéis, os desafios e as novas experiências colocam os adolescentes diante de novas relações com pessoas e acontecimentos que vão exigir uma nova capacidade na maneira de pensar e de raciocinar a respeito das coisas. Erikson afirma que:

[...] com as concretas tarefas adultas à sua frente, preocupam-se agora, principalmente, com o que aparentam aos olhos dos outros, comparado com o que sentem que são, e com a questão de associar os papéis e as habilidades anteriormente cultivadas com os protótipos ocupacionais do momento. Em sua busca por um novo sentido de continuidade e coerência, os adolescentes têm que voltar a travar muitas das batalhas dos anos anteriores [...]. (ERIKSON, 1976, p. 240).

Assim, Erik, conhecido por sua contribuição e importância para o estudo da adolescência, atualizou pesquisas anteriores de outros estudiosos, mudou ideias tradicionais acerca da natureza da adolescência, reconhecendo como um estágio por direito próprio e destacando os avanços e as dificuldades enfrentadas no processo do desenvolvimento da identidade. (SPRINTHAL; COLINS, 2003, pp.192-193).

Erik Erikson destaca a relação tríplice entre o indivíduo, o ambiente em que vive e as influências históricas, fazendo uma análise em que o ser humano recebe influências desses fatores mencionados, porém também tem a oportunidade de gerar mudanças no decorrer da história.

Reforçando a importância dos acontecimentos e dos comportamentos experimentados na infância e na adolescência, bem como a capacidade de equilibrar as situações vividas que preparam as pessoas para a vida adulta, o autor cita o exemplo de figuras históricas como Martin Luther King e Mahatma Gandhi.

A infância foi estudada na sua perspectiva, uma vez que a abordagem feita a um dos aspectos fundamentais da teoria *eriksoniana* é a relação com o conceito da *epigênese*, que exprime a ideia do crescimento psicológico por meio de estágios e fases com um plano de fundo demonstrando que o desenvolvimento segue orientações gerais desse plano, que não é imediato, mas necessita da interação entre a pessoa e o ambiente. (SPRINTHAL; COLINS, 2003, p. 195).

Suas pesquisas voltadas às crianças e aos adolescentes se estenderam a várias culturas e concluíram que o plano de fundo epigenético retrata uma continuação de estágios que estabelecem uma relação mútua.

O autor trata da relação de confiança na infância, demonstrando que, nos primeiros anos de vida, as crianças desenvolvem atitudes de confiança ou de receio – são o resultado das experiências que vivem com as pessoas que cuidam delas, o que chama de impressão perceptiva transmitida na relação de interação.

Erik considera cada estágio um potencial que vai trazer um novo desenvolvimento saudável na busca de um equilíbrio adequado, visando a uma solução para a crise, opondo-se a um desenvolvimento patológico.



### 1.2.5 A crise da identidade na adolescência

O estudo feito sobre a adolescência aponta que essa é uma das fases mais difíceis do ser humano e,

pelo fato de representar uma tão importante descontinuidade no processo de crescimento, Erikson considerou como um dos seus pontos críticos a crise da identidade pessoal, cuja resolução é a principal tarefa desse estágio. (SPRINTAL, COLLINS, 2003, p.199).

De sorte que o conceito do ego, a maneira como nos vemos e o modo como somos vistos pelas pessoas representam a base para a nossa personalidade adulta.

Se esse embasamento for desenvolvido de maneira sólida e forte, resultará numa identidade pessoal igualmente forte e equilibrada. Se isso não ocorrer, pode haver o que se chama de identidade difusa, que se apresenta com características de um esquecimento ou de uma busca constante do eu.

O mundo ocidental tem tornado difícil para o adolescente transpor essa fase, devido a exigências de uma sociedade industrializada, que prolonga o período de dependência, justificada por uma educação especializada e práticas necessárias à sobrevivência.

Esses fatores podem trazer evidências que contribuem, como problema, para a formação da identidade, levando o adolescente a se questionar quando estará pronto para assumir determinadas tarefas e novas responsabilidades.

Erikson relata que os adolescentes passam por dois processos em que as mudanças são constantes. É necessário conviver com as transformações internas, cognitivas e glandulares e com as questões externas relacionadas a regras que também sofrem mudanças.

Na adolescência, é um choque constatar que nem sempre os adultos têm razão. Muitas vezes, pessoas ou instituições, que são modelo ou espécie

de heróis para eles, fogem dos padrões, das regras estabelecidas pela sociedade.

Nesse contexto, pode ocorrer um relativismo sobre o certo e o errado, uma vez que a tomada de consciência faz o adolescente distanciar-se do padrão de comportamento e dos valores e normas que a sociedade estabelece. Assim, suas decisões passam a depender das circunstâncias.

Se por um lado, adolescentes descobrem adultos que não praticam o que é correto dentro dum processo social, na outra margem, adultos falam de assuntos relacionados a regras, a normas, a questões vinculadas ao respeito aos mais velhos, a verdades, entre outros.

É difícil entender os “problemas da vida diária e do desenvolvimento pessoal na sociedade moderna, quando os costumes e valores morais estão em permanente mudança”. (SPRINTHALL, COLLINS, 2003, p.200).

A formação da identidade se processa na adolescência. Erikson defende que o desenvolvimento exato da identidade depende:

[...] de uma interação. O plano de fundo representa os polos opostos da formação, por oposição à difusão, e indica os resultados possíveis da questão genérica: Quem eu sou?... verificam-se importantes modificações tanto na personalidade do adolescente como nas expectativas da sociedade. (ERIKSON apud SPRINTHALL; COLLINS, 2003, p.202).

Defende ainda o autor que a formação da identidade é vista como um processo de incorporação das transformações pessoais, das exigências da sociedade e das expectativas em relação ao futuro, formando um sentido de unicidade. A unidade da personalidade é vista e sentida pelo indivíduo e pelos outros como algo irresistível.

Erikson ressalta que o indivíduo, quando alcança a identidade, evita a difusão e chega a uma decisão de fidelidade, demonstrando uma capacidade superior de confiança nas pessoas, em si próprio e na defesa de uma causa, revelando não mais uma passividade nas decisões, mas um compromisso com

situações relacionadas ao cuidado das outras pessoas, ao valor humano universal, à proteção e ao respeito.

Com o aparecimento dessa qualidade, o egocentrismo e as preocupações consigo mesmo vão diminuindo, e o adolescente começa a transpor uma terceira fase ainda mais ampla.

Erikson salienta que “uma adequada resolução da fidelidade é um fator necessário e suficiente para dar um desfecho à adolescência e preparar o indivíduo para as tarefas psicossociais da fase adulta”. (ERIKSON apud SPRINTHALL, COLLIN, 2003, p.203).

### 1.3 A FAMÍLIA E A FORMAÇÃO ÉTICA DOS FILHOS: VIVÊNCIA E TRANSMISSÃO DE VALORES

Difundir, ensinar valores para uma geração que deseja viver intensamente é uma preocupação constante de pais e de professores que procuram trabalhar na formação e no desenvolvimento dos adolescentes.

Transmitir valores e transformá-los em prática não tem sido uma tarefa fácil, especialmente para as famílias, uma vez que os filhos se relacionam com amigos na escola, na vizinhança, nos clubes e em outros lugares, tornando-se um desafio e uma responsabilidade intransferível. É importante que, no ambiente familiar, seja desenvolvida uma educação de valor, priorizando o respeito e a tolerância, e, na sociedade, o convívio saudável e harmonioso.

As inquietações por parte de pais e/ou responsáveis são naturais devido à seriedade e à necessidade de mudanças para que a vida em sociedade seja mais saudável e menos difícil de enfrentar.

Atitudes de desrespeito, de indisciplina, de violência, e o acesso fácil às drogas parecem estar associados à crise de valores que o mundo moderno enfrenta hoje e ao que a ação humana vem fazendo.

Procurar uma resposta para essas situações, que muitas famílias e educadores lamentam, tem se tornado um grande desafio, porque não se trata de uma questão de sorte ou azar. A resposta perpassa pelo valor da ação e da intenção educativa que se deseja buscar como fruto de uma conquista diária, superando o velho discurso de que os valores se perderam.

É necessário ampliar a visão na busca de estratégias novas para que se construa uma educação que resgate os valores desejados pela família, na qual os adolescentes vejam, no exemplo dos pais e dos educadores, a prática desses valores nos pequenos gestos e atitudes. Isso é fundamental para ajudá-los a ter uma formação ética e cidadã, de respeito para com todas as pessoas à sua volta.

Uma das dificuldades enfrentadas pelos adolescentes é ver, na figura dos pais ou dos educadores, uma prática ou atitude que não corresponde com o discurso. Assim, para cobrar uma postura de amor, amizade, respeito, igualdade e disciplina dos filhos e/ou dos alunos, especialmente se forem adolescentes, precisa haver uma coerência entre o que se exige e o que se pratica, pois estes carecem de referência e de apoio às suas convicções.

Valores afetivos são correspondidos pela carência natural de amor, de dedicação, de amizade, de ajuda, pois o ser humano precisa do outro não só física, mas também afetivamente, almejando sempre construir com este uma comunidade. Assim, o outro se torna valor por satisfazer uma necessidade, uma carência do sujeito. (WERNEC, 2010, p.3).

A família é o principal segmento na definição de valores para os filhos, por se constituir no primeiro ambiente moral onde o certo ou errado, o justo ou o injusto, os limites e as regras são definidos por força do vínculo de afeto e de confiança que vai sendo construído. Mais tarde, a escola vai reforçar esses valores numa dimensão maior, estimulando-os por meio da interação social entre os alunos.

Ernest Renan, filósofo francês, reforça isso ao afirmar que “o essencial, com efeito na educação, não é a doutrina ensinada, é o despertar”. (RENAN apud MARQUES, 2012, p.33).

O despertar ocorre por intermédio da afetividade, que deve ser praticada no cotidiano da família, para que as crianças cresçam percebendo a proteção, a segurança que o lar deve fornecer e a continuação de valores para toda a vida como garantia na formação do seu caráter.

Com a educação, ensinamos hábitos que são desenvolvidos durante todo o processo de crescimento das crianças até a adolescência, fase em que muitos comportamentos aceitos na sociedade se traduzem em uma pessoa educada, tais como: falar, ter bons relacionamentos, cuidados com o corpo, saúde, aprender a ouvir, ser agradecido, e outros tantos transmitidos pela família.

Muitas vezes, só se percebe o valor da boa educação na sua ausência, portanto é importante que o aprendizado se constitua num hábito diário desde cedo, para que, mais tarde, na adolescência e na maturidade, sejam entendidos o sentido e a intenção do respeito ou do valor que se quis ensinar.

Valores são ensinados, não se aprendem espontaneamente. Nesse sentido, a família e a escola precisam ter sintonia para se tornarem claros os objetivos que desejam alcançar em relação aos adolescentes.

Quanto maior o alinhamento entre essas duas instituições, como agentes responsáveis por uma boa convivência nos diversos ambientes sociais, melhor os valores serão assimilados ou terão melhor significado.

### **1.3.1 Educação com limites**

Na convivência social, regras e normas são usadas para estabelecer harmonia e humanização nas pessoas, proporcionando equilíbrio e respeito para garantir um espaço de mais civilidade entre os seres humanos.

Limites são conceitos que precisam ser ensinados e vivenciados por meio da convivência na família, por força da educação e do laço afetivo que une seus integrantes.

La Taille conceitua limite de três formas:

A primeira pensa no limite como uma fronteira que deve ser transposta, e essa superação inclui diferentes dimensões:

física, emocional, cognitiva, moral. Uma necessidade que acompanha o ser humano ao longo de toda a vida. A segunda, como uma fronteira que a criança deve construir para proteger sua identidade, sua intimidade, sua privacidade. A terceira concepção de limite é o sentido mais comum da palavra e diz respeito às fronteiras que devem ser respeitadas, que não podem ser transpostas. (TAILLE, apud MARQUES, 2012, p.66).

As crianças, quando bem pequenas, experimentam os limites que devem ser transpostos, por meio dos ensaios de superar suas capacidades físicas para engatinhar, andar e obter outras conquistas que são acompanhadas de superações também emocionais.

No campo cognitivo, a escola tem grande contribuição e desafio: fazer o aluno avançar de um estágio para o outro. Isso inclui a motivação, que não é só “*um elemento interno*, um desejo pessoal; é também externo; aí entra o papel dos educadores”. (MARQUES, 2012, p.67).

Marques enfatiza que os limites, no sentido restritivo, fazem parte da educação, do processo da humanidade, portanto precisam ser pensados em função da coletividade, reforçando o bem-estar das pessoas por meio da ajuda mútua. Sua ausência causaria um caos na sociedade, gerando uma séria crise de valores. (MARQUES, 2012, p. 70).

No ambiente escolar, a continuação do reforço do valor do limite é necessária, pois ajuda o adolescente a compreender a dimensão do respeito que deve existir nos relacionamentos entre as pessoas em diferentes contextos sociais.

A ausência do respeito parece estar associada com a crise de valores que vivemos hoje. As condutas censuradas no comportamento dos adolescentes, muitas vezes, são imitação ou reflexo do que aprendem com o exemplo dos adultos em situações de conflito nas escolas e nas famílias.

É bem verdade, como já foi mencionado, que valores são ensinados, não nascem com as pessoas. Como entender que adolescentes são reflexos da sociedade em que vivem? Parece que a sociedade também sofre dessa ausência de limites. (MARQUES, 2012, p.65).

Na ação humana, a compreensão de limites está associada ao respeito que se tem pelo outro e às experiências de saber ouvir, respeitar as ideias do outro, mesmo que sejam contrárias, e esperar a vez de falar.

Tudo isso são comportamentos que aprendemos na convivência com o outro. Nesse sentido, a convivência humana ensina porque estabelece regras, mostrando o que pode ou não pode, e educa por intermédio dos limites.

Yves de La Taille refere-se à moral no sentido “[...] *de como devo agir?*”. *E à reflexão ética cabe responder à outra que vida eu quero viver?*”.

Nessa linha de pensamento, o autor dá a entender que a relação entre ética e moral possui dimensões que merecem atenção nas condutas do ser humano e enfatiza *“que o papel da dimensão afetiva da ação moral tem suas raízes nas opções éticas dos indivíduos”* (TAILLE, 2007, pp. 29-30).

Para estudiosos como Durkheim, Piaget e Kohlberg, *“não há dúvida da realidade do sentimento de obrigatoriedade”, o qual* corresponde a uma obrigação humana, que ocorre no plano psicológico, porque, *“como seres humanos, precisamos experimentar sentimentos de obrigatoriedade, sentimentos do dever moral”*. (TAILLE, 2007, p. 32).

La Taille, pessoalmente, vê o sentimento de obrigatoriedade da moral como um traço psíquico frequente, porém, às vezes, mais fraco do que outros sentimentos que são experimentados pelas pessoas.

Destaca a importância de não reforçar a ausência ou a presença desse sentimento, *“mas a sua força, que implica o agir das ações humanas, portanto de uma teoria da afetividade”,* justificando, assim, a diferença entre moral e ética. (TAILLE, 2007, p. 36).

Em relação à ética, La Taille salienta que viver é dar sentido à vida, e isso é um elemento fundamental para definir a ética. Portanto, o sentido de viver implica características das avaliações que o indivíduo faz de sua existência humana. (TAILLE, 2007, p. 44).

Autores como MacIntyre (1981), Morin (2204), Collin (2003) e Taylor (1998), citados por La Taille, referem-se a esse assunto e comungam do

mesmo pensamento de que *'dar sentido' "às ações é identificar aquilo que as torna dignas de ser realizadas e que, conseqüentemente, traduz a nossa 'situação no mundo'".* (LA TAILLE, 2007, p. 44).

La Taille observa ainda que as reflexões voltadas para a ética moderna parecem ter outro rumo, isso porque, anteriormente, não existia dúvida quanto ao sentido da vida. Em tempos modernos, a dúvida "recai sobre a própria existência de um sentido".

Dar sentido às nossas ações é imprescindível, seja no ambiente familiar, seja em outros lugares onde vivamos em comunidade, para incluir um plano ético que precisa ser desenvolvido com base nas nossas realizações.

A abordagem aqui apresentada refere-se às razões de viver como sujeito para uma tomada de consciência de si, do "ser", e não de um ser propriamente biológico, fora do tempo e do espaço. (TAILLE, 2007, p. 45).

O autor chama atenção para outra definição: "*Quem ser?*". Olha a identidade do sujeito, tema que abordamos anteriormente, numa perspectiva do desenvolvimento tratada por Erikson:

Quando por volta de dois anos de idade, uma criança toma consciência de si, ou seja, é capaz, graças a sua função simbólica, de pensar sobre si própria [...], não é apenas a sua existência biológica que ela concebe, mas também e, sobretudo, sua existência como ser social, sua inserção no seio de um grupo, suas relações com outrem. (PIAGET, apud TAILLE, 2007, p. 46).

Na adolescência, a tomada de decisão ocorre de forma operatória, de acordo com os estudos de Piaget. Dessa forma, pais e educadores precisam conhecer e desenvolver nos adolescentes a necessidade de ter conhecimento sobre os conceitos que envolvem tomadas de decisão, a fim de adquirirem uma consciência com base nas próprias ações, no sentido de evitarem a *"indissociabilidade entre a identidade e as características da 'vida vivida'"*. (TAILLE, 2007, pp. 45-46).

Relações de confiança, de respeito, de responsabilidade e outras, construídas no ambiente familiar, precisam ter sentido de ações de cooperação, para que as crianças e adolescentes compreendam que faz



diferença aplicar a outras pessoas do seu convívio social, para o *“querer agir” moral, sobre o sentimento de obrigatoriedade, sobre o sentimento de vergonha.* (TAILLE, 2007, p.142).

Seja durante o processo de amadurecimento, seja na fase da maturidade e da autonomia, é necessário considerar que, na família, valores precisam ser ensinados e vividos, limites colocados, sobretudo o valor da vida, da verdade, da bondade, da honestidade, para que o adolescente desenvolva uma dimensão de respeito no meio social em que está inserido.

### **1.3.2 Uma educação integral**

A educação é considerada saudável quando procura, por meio da reflexão sobre valores, regras e limites, mostrar o que ocorre na ausência deles.

O desafio é condição para a transformação, a fim de que a família e a escola desenvolvam, dentro de seus contextos, estratégias que superem as indiferenças em relação ao egoísmo e ao individualismo, que colocam em risco as relações humanas em todas as suas dimensões.

O cuidado com as pessoas, o respeito e o amor são valores e atitudes que precisam ser reforçados, por meio do diálogo, no ambiente familiar ou na escola, para que os problemas sociais, que têm alcançado proporções lastimáveis, não se tornem banais nem aceitáveis.

Trabalhar a dimensão espiritual do adolescente é tarefa primordial da família, mostrando o seu valor e a sua importância como parte da essência humana. É necessário que a família compreenda essa necessidade como responsabilidade intransferível, por se constituir o primeiro ambiente de educação com o qual a criança entra em contato.

A escola lança o olhar sobre a formação integral do ser humano. Por meio da disciplina Ensino Religioso, ajuda o adolescente na compreensão dos valores e do respeito às crenças e ao diferente, bem como na valorização da educação ética e cidadã, como se verá no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO 2

### O PAPEL DO ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO DO ADOLESCENTE

O que é religião e o que é religioso? Duas importantes definições que precisamos compreender, apesar de existirem divergências de conceitos para esses fenômenos.

Não é tão simples chegar a um consenso sobre o que vem a ser religião, pela maneira como o indivíduo a pratica, escolhendo associá-la a algum tipo de fenômeno, *seja social, seja espiritual*, como, por exemplo, devoção a Deus. (PADEN, 2001, p. 20). Alguns podem entender que ela diz respeito ao sentido da vida; outros, defini-la como valores morais, culturais e espirituais.

O termo religião foi utilizado de modos bem diferenciados ao longo da história ocidental. A palavra vem do latim *religio*, que, nos tempos dos romanos, significava algo como “observância sagrada” ou “piedade”. (PADEN, 2001, pp. 20-21).

Os antigos discutiam sobre o que deveria ser a verdadeira *religio*. Os cristãos viam, na própria devoção, o Cristianismo como religião verdadeira. Essas discussões chegaram até a Reforma, com questionamentos sobre os sacramentos do Catolicismo ou sobre a fé interior dos protestantes (PADEN, 2001, p. 21).

Já no século XVII, o termo religião passou a designar todos os sistemas de crenças existentes em todo o mundo. No século XIX, as filosofias definiram a religião com um novo olhar de cultura e experiências, levando em conta a arte, a política e outros sistemas simbólicos que estavam presentes no ser humano. (PADEN, 2001).

Houve uma preocupação maior, no campo das pesquisas modernas, com a essência da religião, demonstrando uma interpretação mais aberta,

diferente, portanto, da posição dos romanos, que levavam em consideração o sentido original da palavra, definindo religião como verdadeira piedade.

Segundo Paden, “a religião aparece como moralidade, mas também como êxtase; como devoção, mas também como iluminação; como convivência harmônica com a Terra, mas também como redenção de um mundo pecaminoso”. (PADEN, 2001, pp. 22-23).

Ao olhar para o aspecto comparativo das religiões, observa-se um entendimento do valor e da sua estrutura.

M. Muller, o primeiro historiador das religiões, (apud TERRIN, 2003, p.20) era comparatista e buscou explicar as religiões mais profundamente por meio das comparações entre uma e outra religião.

Esse método descreve os fenômenos religiosos e vai além, interpretando-os e confrontando-os para verificar o seu valor e o seu significado nas religiões, mas há o cuidado para não comprometer as pesquisas devido à infinidade de significados que ele suscita.

Já R. Otto (apud TERRIN, 2003, p.22) explica, pelo método da fenomenologia da religião, o enfrentamento entre os grandes temas religiosos, olhando a participação no mundo das religiões, não reduzindo tão somente a um objeto de estudo.

A fenomenologia da religião reforça o estudo comparado das religiões, aprofundando-o. Otto acredita ser possível chegar à essência da religião e perceber a verdade da religião e da experiência religiosa:

A autonomia e a especificidade da religião e da experiência religiosa que as sustentam são um bem precioso que deve ser preservado contra todas as tendências reducionistas e são, ao mesmo tempo, uma conquista alcançada mediante um esforço de identificação e de simpatia com aquele que crê com quem vive certa religião. (TERRIN, 2003, p. 23).

## 2.1 A DIMENSÃO RELIGIOSA NO ADOLESCENTE

O ser humano, durante o seu desenvolvimento, vai percebendo a importância da religião como parte da sua vida. Passa por experiências religiosas que o levam a perceber a religião como um fator inerente a ele, que dará sentido a questionamentos que poderão surgir ao longo de sua existência.

Todo indivíduo possui uma religiosidade com base em suas crenças, em suas convicções e em práticas que supostamente fazem um elo entre ele e o transcendente e/ou o sobrenatural.

Entender essa realidade é importante, pois não há como negar que as pessoas sentem a necessidade dessa dimensão religiosa que se desenvolve por meio de um relacionamento estabelecido entre o indivíduo e o divino e/ou o sagrado na intenção de alcançar um equilíbrio interior.

A necessidade do vínculo com o divino e/ou com Deus, como criador da criatura e do Universo, desperta no ser humano a busca do desenvolvimento de sua espiritualidade, que passa a ser essencial na sua vida religiosa pela prática de suas crenças, fé e religiosidade. (PANZINI, apud CAMOBRIN, RIQUE, 2010, p. 02).

A religiosidade na vida do ser humano é praticada de forma diferenciada em virtude das mudanças que ocorrem nas fases da vida. Estudos apontam que, na adolescência, essa realidade se dá em razão das transformações e inquietações que ocorrem.

Camboim e Rique, por exemplo, afirmam que:

Os adolescentes passam por muitas transformações e inquietações, ocorrendo também o despertar religioso, uma fase em que os fenômenos religiosos surgem com intensidade nos sentimentos e pensamentos. O adolescente se caracteriza, portanto, por um posicionamento radical, seja por um ateísmo exacerbado ou por um misticismo fervoroso. (CAMBOIM e RIQUE, 2010, p. 253).

A religiosidade tem um papel importante e diferenciado na adolescência, em razão das transformações e inquietações que ocorrem nessa fase. O adolescente se interessa pelo que é religioso e pelos fenômenos que

vive com intensidade na maneira de pensar e de sentir a religião. (DALMGALARRONDO, apud CAMBORIN, 2010, p. 253).

PIAGET afirma que, na adolescência, é comum existir um relacionamento direto e íntimo com Deus e experimentar algo que é novo e bom, a confiança de ter um amigo protetor, acolhedor, que está ao seu lado em todos os momentos de sua vida, podendo haver também experiências negativas. (PIAGET, apud CAMBORIN, 2010, p.253).

Nesse contexto, o adolescente demonstra sua fé, embora, em certas ocasiões, não a evidencie. Mas a sua confiança aparece diante das dificuldades por que passa, tais como conflitos nos relacionamentos familiares, vícios, drogas, entre outras, buscando na religião ajuda para lidar com elas.

Nessa fase, suas relações com a família, a escola, os amigos, a igreja, são significativas, devido representarem sentimentos que envolvem o coração, despertando o respeito para com todos, pois sente a necessidade de ser aceito e apoiado, especialmente nas inúmeras crises que enfrenta.

É importante ressaltar que sua espiritualidade não está toda concluída porque, como o próprio estudo do desenvolvimento humano já tem mostrado, as mudanças são significativas e ocorrem de acordo com as fases que o indivíduo vai alcançando.

Portanto, a necessidade de trabalhar a dimensão religiosa é necessária para que o adolescente se perceba como ser humano que valoriza a busca pela transcendência como parte da sua formação.

## 2.2 O ENSINO RELIGIOSO COMO DISCIPLINA CULTURAL E FORMATIVA PARA O ADOLESCENTE

O Ensino Religioso tem um papel significativo na formação integral dos alunos. Essa afirmativa tem se revelado um consenso entre educadores. (XAVIER, 2006, p.18).

É necessário lembrar que existem outras questões relacionadas ao Ensino Religioso que continuam abertas em virtude das divergências que aparecem na maneira de conceituá-lo.

Diante do exposto, será dissertado, neste trabalho, como o Ensino Religioso é apresentado, bem como suas características, para melhor compreensão da sua necessidade no contexto da educação formal, como disciplina do currículo escolar, abordando três propostas, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diz Xavier que:

A promulgação e recepção da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.9394/96, com a alteração do artigo 33, através da LEI N.9475/97, bem como o parecer n. 04/98, do Conselho Nacional de Educação, que abriu ao ensino religioso [sic] a perspectiva de ser efetivamente considerada uma área de conhecimento possibilitaram o surgimento de diferentes experiências educativas. (XAVIER, 2006, p.18).

Com base no exposto acima, serão apresentadas três propostas que resumem as experiências educativas e se apresentam no âmbito da educação, na escola de nível fundamental e média: a catequética, a educação da religiosidade e a leitura fenomenológica das tradições religiosas.

## **2.2.1 Modelos do Ensino Religioso**

### **a) Modelo catequético**

Desde as origens do Brasil, prevalece na prática o modelo confessional de ensino religioso [sic] nas escolas da rede oficial e/ou nas escolas religiosas. Somente com o início da República é que tal princípio começa a ser colocado em xeque. Contudo, somente na década de 1970 é que se vislumbra um novo modo de pensar a identidade da disciplina ensino religioso [sic] para o novo contexto levando em conta o princípio da laicidade e do pluralismo cultural e religioso. (XAVIER, 2006, p.28).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino fundamental, homologadas em 1988 pelo CNNE, promoveram uma significativa mudança quanto à compreensão do Ensino Religioso no Brasil, constituindo-o parte integrante da formação básica do cidadão, conforme expresso no art. 33 da LDBEN n.º 9394/96.<sup>2</sup>

Essa mudança ocorre para que o Ensino Religioso, vinculado à escola e à cultura nacional, promova o diálogo intercultural e inter-religioso,

---

<sup>2</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

respeitando a identidade e a alteridade. (RODRIGUES e JUNQUEIRA, 2009, p.6).

Dessa maneira, o Ensino Religioso passa a ser uma área de conhecimento estruturada numa leitura e interpretação da realidade, garantindo a participação autônoma da sociedade.

A ausência de cursos de licenciatura para professores de Ensino Religioso, na época da elaboração do art. 33 da LDBEN n.º 9393/96, favoreceu as tradições religiosas na formação de professores, por meio de cursos e material didático que continuaram ligados aos princípios catequéticos.

Para o Ensino Religioso ser garantido como disciplina escolar, é formulada uma nova redação do art. 33 da LDBEN/9394 por meio da Lei n.º 9.475/1997, que declara:

Art. 33. O ensino religioso [*sic*], de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§1.º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§2.º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituídas pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso. (RODRIGUES, JUNQUEIRA, 2009, p.20).

O modelo confessional catequético de ensino pode ser vivenciado no contexto da escola particular desde que privilegie os termos dos princípios da legislação atual.

A natureza do Ensino Religioso se sustenta na comunidade religiosa e escolar. Precisa, portanto, ser pensado na perspectiva escolar por fazer parte do sistema educativo.

Conforme Xavier, a palavra educação, na sua etimologia, indica:

Atividade básica de conduzir para fora, tirar para fora, trazer à luz aquilo que já existe, de certa maneira, dentro da criança, é descobrir, desvelar, revelar as riquezas que o Criador já escondeu no coração de todo ser humano. (XAVIER, 2006, p.29).

Na tarefa de conduzir para fora, aparecem três dimensões significativas: a primeira é guiar a partir de um ponto do agora, do processo presente e em direção ao futuro, fazendo a leitura tanto do que o aluno já conhece como do que o educador sabe e, ainda, do que o aluno tem a capacidade interior de aprender.

A segunda refere-se ao que o aluno está descobrindo. À medida que vai adquirindo um conhecimento novo, esse conhecimento reforça e valoriza o conhecimento que já possui.

A terceira dimensão refere-se a conduzir para fora pela experiência nova de receber outras informações, ou seja, ampliar a visão que possuía por meio do que foi acrescentado, externando e praticando, no futuro, o resultado desse novo conhecimento.

Esse tríplice processo ocorre em qualquer área no sistema escolar. O ponto de partida, no Ensino Religioso, é como o aluno está no presente, preparando-se para a formação religiosa. Isso deve partir de uma preparação prévia de atitude de acolhida feita pelo professor e por todos do grupo, proporcionando um clima agradável de “silêncio”, em que o aluno perceba que o espírito controla o próprio corpo. Isso está de acordo com o que diz Xavier:

A natureza da educação religiosa cristã pode ser definida como uma atividade deliberada, intencional, que visa [sic] responder à pergunta pela busca do sentido da transcendência à luz da experiência cristã, confrontando o presente com a tradição e abrindo-o ao futuro. (XAVIER, 2006, p.34).

## **b) Modelo inter-religioso**

O surgimento do modelo inter-religioso foi motivado pelo descontentamento com o modelo anterior. Centrado numa educação de



religiosidade, esse modelo começou em Minas Gerais, “a partir da experiência do professor W. GRUEN, na cidade de São João Del Rei”, o qual buscou um Ensino Religioso que contemplasse não só o pluralismo no espaço escolar, mas também a formação comum a todos os seres humanos. (XAVIER, pp.44-45).

Fatos, como a insatisfação pela disciplina, por mais que existisse um esforço dos professores de Ensino Religioso para torná-la atrativa, contribuíram para fomentar a procura por um novo modelo. GRUEN afirma que:

O surgimento do novo modelo de ensino religioso [*sic*] foi provocado pela repercussão, na mentalidade de alunos e professores, da sociedade pluralista. Três focos de questionamentos irromperam: os jovens mostravam crescente insatisfação pela disciplina, por mais que os professores procurassem torná-la apetecível. Era evidente que o problema não estava só no método. Os educadores e formadores de opinião passaram a reavivar a campanha pela exclusão do ER [Ensino Religioso] da escola da rede oficial, embora sem a virulência de outros tempos; o novo perfil da catequese resultou ora em descrédito do ER, ora em busca de um ER à altura do momento. (GRUEN, apud XAVIER, 2006, p.45)

A natureza do novo modelo de ensino visava a algo que antecede a fé engajada em uma tradição e no fenômeno religioso. Esses dois aspectos são expressões que constituem a religiosidade. (XAVIER, 2006, p.46).

Como proposta de ensino para o novo modelo, a intenção é desenvolver as potencialidades que o ser humano possui, inclusive a religiosa. Nessa perspectiva, a educação religiosa forma a base integral do indivíduo, procurando trabalhar outras dimensões, com possibilidade de alcançar um ambiente harmonioso, levando o aluno a uma consciência de espírito de solidariedade e fraternidade.

Além disso, o objetivo é ajudar o aluno a ir além do ato religioso como realização de práticas, gestos e normas, para uma compreensão maior da realidade presente e agir como sujeito ativo na sociedade.

Nesse sentido, Xavier destaca que:

[...] podemos dizer que se amplia a compreensão do ensino religioso [sic] na medida em que [sic] o fator religioso passa a ser procurado não exclusivamente nas religiões, mas naquilo que é comum a todos os homens seriamente empenhados em realizar o sentido último da existência. (XAVIER, 2006, p.48).

O objetivo apresentado, por meio dos conteúdos, nesse modelo, busca responder a questionamentos existenciais de acordo com as necessidades dos alunos e orientá-los com os valores fundamentais.

Destarte, o diálogo, a ação pedagógica interdisciplinar e as áreas do conhecimento cooperam muito na formação do aluno, ampliando-lhe a visão em busca de ações concretas, especialmente no espaço da escola, na relação de respeito mútuo e nas ações de humanização entre os sujeitos da comunidade escolar.

### **c) Modelo fenomenológico**

Conforme se viu, o primeiro modelo apresentado prioriza o enfoque confessional no Ensino Religioso, e o segundo destaca o fundamento comum das tradições religiosas e das cosmovisões humanas.

Já o modelo fenomenológico lança um olhar sobre “os estudos das tradições religiosas explícitas e formais como mediação do ensino religioso [sic]”. (XAVIER, 2006, p.51).

Busca o pluralismo religioso nas escolas. Coincide com o surgimento do modelo anterior, sendo repensado por diversas instituições, entre elas o FONAPER – Fórum Nacional de Professores Permanentes de Ensino Religioso.

Para Emílio Alberich:

O ensino religioso [sic] tem uma relevância educativa que provém do fato de a problemática religiosa atingir as interrogações mais decisivas da existência e as chaves da leitura em profundidade da vida e da história. Conhecer essa verdade e confrontar-se com ela, assumindo em face dela uma atitude responsável, constituem [sic], pois, partes integrantes de um verdadeiro processo educativo. (ALBERICH apud XAVIER, 2006, p.52).

“O estudo do fenômeno religioso é abordado pela fenomenologia da religião, que descreve seus princípios e suas manifestações históricas”. (XAVIER, 2006, 55).

Assim, o enfoque fenomenológico trata do que ocorre diretamente no fenômeno religioso, analisando-o e explicando-o por meio das experiências vivenciadas na religião.

Na perspectiva fenomenológica, a religião é vista como: “atitude de submissão ao Absoluto, que se manifesta em crenças e ritos determinados”. (XAVIER, 2006, p.55). Assim, a fenomenologia estuda e descreve os atos de culto por meio dos quais o indivíduo se relaciona com o mundo divino.

Dessa maneira, os fenômenos religiosos são abordados na disciplina de Ensino Religioso buscando facilitar a compreensão dos alunos da tradição religiosa e ainda, da experiência que o ser humano possui.

O propósito do Ensino Religioso, ao ter como princípio o fenômeno religioso, é:

[...] ser a base da formação integral do aluno. Ele é condição de possibilidade tanto para o aluno compreender a raiz de outras áreas de conhecimento como também para sua própria auto-compreensão [*sic*], ou seja, para a compreensão do seu próprio modo de pensar, de agir e de sentir. O conhecimento do fenômeno religioso não é apenas uma dimensão ao lado das outras, mas o pressuposto que dá sentido ao processo de construção das várias facetas do conhecimento escolar. (XAVIER, 2006, p.59).

Em razão da natureza e do propósito do Ensino Religioso, “os conteúdos foram formados com base nas seguintes invariantes, que subsidiaram a escolha dos conteúdos: culturas e tradições religiosas; escrituras sagradas, teologias; ritos e *ethos*”. (XAVIER, 2006, p. 60). A fenomenologia é uma ciência que depende das outras tanto para os conteúdos quanto para os métodos. Assim, observou-se que os Parâmetros Curriculares do Ensino Religioso trabalham a fenomenologia da religião como objeto formal do ensino religioso.

Outros conhecimentos auxiliam o Ensino Religioso, tais como a Filosofia, presente nas tradições religiosas e nas culturas, a Psicologia, a História, a Antropologia, a Sociologia e a Teologia, presentes nas outras invariantes.

A metodologia fenomenológica trabalha com projetos para alcançar, por meio do ensino, um currículo interdisciplinar, visando a despertar no aluno o desejo de tornar-se um pesquisador, com uma atitude intencional de socializar o conhecimento, aproximando-o mais da realidade.

O modelo fenomenológico trabalha a fé, no contexto brasileiro, além da diversidade religiosa existente, focalizando a dimensão do sagrado.

O propósito é desmistificar a maneira como a ciência é vista hoje pelos alunos. Eles julgam que ela rejeita a objetividade do fato religioso.

### **2.2.2 A Escola como espaço cultural na formação do adolescente**

As reflexões sobre o conhecimento religioso, trabalhadas no espaço escolar por meio do Ensino Religioso, anulam qualquer forma de proselitismo e dão ao indivíduo a oportunidade de aprender questões relacionadas à sua existência.

Os conhecimentos construídos nas tradições religiosas e na escola suscitam a formação de valores e de práticas sociais mais humanas em busca do exercício de uma vida mais justa.

O ser humano é o agente transformador, o tempo todo, do seu espaço físico, natural, querendo alcançar limites ainda não atingidos.

Por todos os espaços que o ser humano passa, e em todas as fases de sua vida, ele recebe educação. Esta tem a finalidade de contribuir para o seu desenvolvimento integral, preparando-o para o trabalho e para o exercício da cidadania.

Nesse sentido, o adolescente/aluno precisa “fazer a relação e o uso do conhecimento para a vida, dando-lhe, então, condição de saber por que está estudando”. (CABRAL, 2009, p.126).

A educação está presente no acesso à cultura, para favorecer a identidade do indivíduo. A escola, como espaço da educação e da cultura, abre oportunidades de experiências e aprendizados para o adolescente ser inserido no universo cultural mais abrangente, conforme defendem Rodrigues e Junqueira:

Os saberes escolares são articulados na Constituição Brasileira, em seu artigo 210, que estabelece conteúdos mínimos para o ensino fundamental, assegurando a formação básica e comum do cidadão brasileiro, respeitando os valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. (RODRIGUES e JUNQUEIRA, 2009, p.14).

Educar envolve, implicitamente, a capacidade de formar cidadãos informados, conscientes e motivados. É necessário, portanto, criar, no espaço escolar, um ambiente em que os problemas possam ser discutidos coletivamente, na base no respeito mútuo, e construídas propostas para dar soluções concretas a eles.

A escola, espaço democrático, busca a superação de qualquer discriminação e exclusão social, valorizando o indivíduo e o grupo que formam a sociedade brasileira. Dessa forma, garante a expressão religiosa e o exercício da cidadania.

A religião é apontada como parte constante na vida do ser humano, em todas as épocas. Rodrigues e Junqueira ressaltam que,

ao se ignorar a religião, ignora-se a totalidade do homem, pois sua relação com o Transcendente ou a ausência dessa relação é tão importante quanto seus aspectos afetivos, racionais e comportamentais. (RODRIGUES e JUNQUEIRA, 2009, p.15).

Acerca essa temática, assim se refere CROATTO: “Sobre a base da vivência humana, ou melhor, em suas raízes, insere-se a experiência religiosa”. (CROATTO apud RODRIGUES e JUNQUEIRA, 2009, p.15).

### **2.2.3 O Ensino Religioso e a aprendizagem na busca de uma educação integral**

O Ensino Religioso requer um compromisso na perspectiva da formação do aluno. Assim, a relação ensino-aprendizagem precisa ser uma das

preocupações didáticas mais importantes, para que os conteúdos trabalhados tenham aproveitamento à medida que as relações, as análises, as comparações forem se estabelecendo no processo de formação cultural do aluno.

Promover o desenvolvimento da inteligência não é garantir o mero acúmulo de conhecimento, mas estar ligado à contextualização e à globalização dos fatos estudados, a fim de tornar o aluno capaz de adquirir o conhecimento no contexto coletivo. Embora o sistema educacional brasileiro tenha nos ensinado a compartimentalizar as informações, conforme dizem Rodrigues e Junqueira, elas estão relacionadas entre si:

Todo o nosso sistema de educação nos ensinou a dividir e a analisar, porém não nos educou a ligar e a relacionar, ou *religio - relegere*"... é função do Ensino Religioso possibilitar um ambiente favorável do Transcendente, com vista a uma educação integral, atingindo as diversas dimensões da pessoa. (RODRIGUES e JUNQUEIRA, 2009, p.37).

A relação entre o conhecimento, os conteúdos adquiridos pelo aluno e a necessidade dos valores para a formação da cidadania são componentes que precisam estar articulados com o desenvolvimento da aprendizagem, visando a fortalecer os vínculos familiares, a solidariedade e o exercício da tolerância na vida do aluno.

O aluno precisa estar ciente de que estudar não é só alcançar nota para passar, mas também ter vontade de aprender para atingir um patamar de aprendizagem profundo e significativo.

A aprendizagem demanda uma prática didática do professor que garanta ao aluno o desenvolvimento do gosto permanente pelo ato de estudar.

O educador precisa ter um olhar atento para formar no aluno uma atitude curiosa e investigadora, por meio de atividades que estimulem essa postura, e não a passividade. Isso não significa, porém, agilidade na realização, mas valorização do processo e da qualidade.

Esses conceitos são fundamentais para que o adolescente, na condição de aluno, perceba que a escola, como espaço cultural, forma a sua consciência cidadã e crítica, refletindo não só na escola, mas também no

cotidiano diário relacionado à sua prática social, na comunidade e em outros ambientes onde ele passa a atuar.

Outro aspecto para a motivação da aprendizagem do adolescente na escola é a interação entre ela, a sociedade e a cultura, o que vai exigir atividades fora do espaço escolar, em outros meios e ambientes, como cinema, internet, jornais, entre outras formas de dar garantia à função social e cultural da escola.

Para que ocorra uma aprendizagem integral, é necessário um desenvolvimento harmonioso em todas as áreas das relações do ser humano com o mundo, isso porque a aprendizagem procura entender completamente o fenômeno como um processo de autoconhecimento em busca da realização completa do ser humano e da resolução dos problemas que fazem parte do cotidiano.

“O ato de aprender é fundamentalmente um processo de autoconhecimento em busca da realização plena do homem, no sentido ético último que, em linguagem comum, chamamos de felicidade”. (JUNQUEIRA, 2002, p. 21).

O conhecimento técnico-científico ensina o homem a ultrapassar obstáculos na vida e continuar a caminhada. Nada deve ser encarado como um fardo.

Se, em algum momento, existir a necessidade de construir algo para superar algum obstáculo, isso é possível, mas há a possibilidade de não se poder levar o que se construiu, por ser pesado ou impossível de carregar.

Nessa linha de pensamento, existe o saber para podermos realizar alguma coisa e o saber para sermos alguém. Na aprendizagem integral, temos as duas dimensões: aprender intelectualmente por meio dos conteúdos e saber para ter experiência profunda na vida.

Todos os conhecimentos são indispensáveis para a vivência do ser humano, mas o que levará a práticas libertadoras do espírito humano é a

aprendizagem que vai além das técnicas, que precisa ser aprendida e praticada no processo do caminho de saber ser enquanto pessoa.

A educação tem a função de formar o saber científico, ensinando o aluno a fazer articulações entre as ciências, como a Arte, a Filosofia e as Tradições Religiosas, levando a novas descobertas para o desafio da sociedade atual.

Nessa perspectiva, deve-se educar para despertar o gosto e a curiosidade natural pelos conhecimentos, estimulando a iniciativa, a criatividade e a sensibilidade para um convívio social mais harmonioso e consciente.

Diante desse contexto, Junqueira ressalta que:

O Ensino Religioso é um direito do cidadão a partir do momento que este contribui para o conhecimento, e para o amadurecimento desta proposta de uma nova comunidade educativa, que excita o ensinar e o aprender, centrada na via do saber ser, concretizada pelo encontro experimental entre educador e educando. (JUNQUEIRA, 2002. p.23).

### 2.3 O ENSINO RELIGIOSO COMO TRANSMISSÃO DE VALORES NA FORMAÇÃO ÉTICA DO ADOLESCENTE

Nos tempos pós-modernos, em que vivemos a dimensão da realidade tecnológica, a valorização do imediato e do tangível, o que se tem é o que é mais importante, urge repensar valores fundamentais que foram esquecidos ao longo dos tempos e que precisam ser trabalhados na vida do adolescente.

O desafio que o Ensino Religioso tem para sua proposta pedagógica é justamente resgatar valores inerentes aos seres humanos e às instituições, em busca de um convívio harmônico caracterizado pela compreensão de olhar o outro com suas diferenças e necessidades, pelo respeito ao próximo e pela tolerância nas relações sociais.

Nesse sentido, a escola passa a ser um instrumento de grande importância para ajudar na construção de uma consciência individual e coletiva



de respeito e de busca da suplantação das barreiras do preconceito muitas vezes impostas pela falta de conhecimento.

A necessidade de formar um cidadão na sua totalidade aponta para a dimensão religiosa por se constituir em condição necessária, na vida do ser humano, à busca da transcendência e do sagrado, o que se expressa por meio da religião como valor para a sua formação completa.

O Ensino Religioso tem a oportunidade, pela nova proposta apresentada nos Parâmetros Curriculares do Ensino Religioso, organizada pelo FONAPER, e por meio do conhecimento pautado na ciência da religião, de trabalhar o fenômeno religioso numa visão pluralista das religiões.

Libânio afirma que:

[...] o homem, apesar de tudo, teima negar toda dimensão religiosa, acaba criando formas religiosas travestidas com símbolos seculares: shangrilás, terapias, harmonização interior, paz com a natureza, sociedades de classes, consumismo desbragado, etc. A religião continua, portanto, tendo uma presença universal, sutil e disfarçada no cotidiano de todos os homens, quando estes não querem dar vazão especificamente religiosa a este imperativo interior, que os faz maiores que seu corpo, seu momento e seus limites. (LIBÂNIO apud VASCONCELOS, 2012, p.41).

“O homem religioso vê na natureza um valor transcendental e tem a necessidade da busca periódica do lugar sagrado para se encontrar com o Absoluto, utilizando o ritual”. (RODRIGUES e JUNQUEIRA, 2009. p.68).

Nas representações em cerimônias, contextos sociorreligiosos, como nascimento, casamento, passagem da adolescência, morte e outras, o ser humano vai construindo suas experiências religiosas e ampliando sua visão do sagrado e dos saberes que constituem um patrimônio da humanidade.

Conhecer esses saberes é fundamental para o educando entender as expressões religiosas, construídas ao longo da história, que se diferenciam nas culturas. O aluno precisa valorizar e respeitar como cada ser humano escolhe a maneira de responder ao transcendente de acordo com suas necessidades.

O Ensino Religioso, como componente curricular, deve favorecer o diálogo para a construção do conhecimento em que o aluno entenda o contexto cultural religioso no qual está inserido.

Por se constituir em um marco estruturado na interpretação das realidades, o Ensino Religioso trabalha a participação do aluno de forma autônoma, buscando contribuir para sua formação integral.

A necessidade de entender a religiosidade resulta das transformações por que o mundo passa e a que o ser humano está sujeito, por estar inserido nele. Nesse contexto, por meio do *ethos*, aprende a valorizar um ambiente de diálogo e de espaço democrático, no qual predomina a tolerância e o respeito às diferentes manifestações religiosas.

A ética refere-se à conduta humana e estabelece conceitos do bem e do mal. É entendida ainda como valores e normas que rodeiam a conduta humana na vida prática.

O *ethos* traz, na sua concepção, o que a filosofia conceitua como ética que fala acerca da vida, do ser humano, dos valores e dos princípios que orientam as pessoas e as sociedades.

Assim Boff define ética:

Ética é a parte da filosofia. Considera concepções de fundo acerca da vida, do universo, do ser humano e de seu destino, estatui princípios e valores que orientam pessoas e sociedades. Uma pessoa é ética quando se orienta por princípios e convicções. Dizemos, então, que tem caráter e boa índole. (BOFF apud VASCONCELOS, 2012, p.42).

No Ensino Religioso, o *ethos* é um convite para a reflexão, não por imposição, mas em busca de uma paz como bem a ser alcançado por todos, e para colocar-se no lugar do outro, princípio da alteridade que valoriza a diferença e a dignidade entre o ser humano para a humanização de todos.

Nesse sentido, HEERDT afirma:

Vivemos hoje uma situação que reflete algumas das consequências vivas de uma crise de civilização, onde [*sic*] os valores fundamentais acabam abafados ou relegados a uma dimensão bem rara. O que mais impressiona é a indiferença

diante das necessidades mais simples do dia-a-dia [sic]. Diante de um futuro considerado incerto, há uma tendência das pessoas voltarem para si mesmas, num egoísmo que rompe os laços da solidariedade com o próximo. (HEERDT apud SILVA, KLEINKE, DALDEGAN, 2008, p.4).

Compreender a educação como processo de valorização do ser humano é fundamental, o que levará a escola a refletir, por meio do Ensino Religioso, sobre a importância da transmissão dos valores que irão contribuir para a formação do adolescente e sobre a dimensão da alteridade na relação entre os seres humanos.

O ato de se colocar no lugar do outro, respeitando as diferenças religiosas e culturais, mais as atitudes que são praticadas e que incorporam valores vividos diariamente precisam ser trabalhados, constituindo-se em hábito na vida dos adolescentes de maneira geral.

Dessa forma, reconstruir valores fundamentais para o ser humano não tem sido tarefa fácil para a escola em virtude das realidades que os alunos vivem no seu cotidiano familiar.

### **2.3.1 A ética da alteridade**

A palavra alteridade designa qualidade do outro e remete ao núcleo da diversidade; é a condição do outro. Deixar de reconhecer a diferença entre os diferentes e de apreender esse conceito pode suscitar conflitos nas relações interpessoais.

Construir um espaço onde a ética parta do princípio de olhar o outro em que a subjetividade se coloca como condição ética deste, por meio da relação interpessoal, sem que haja resistência, é tarefa do Ensino Religioso no espaço escolar.

Isso se concretiza quando o outro é respeitado no ato de falar e de interagir com o grupo, mesmo que seu ponto de vista seja diferente.

Para Fontanella, a valorização do ser humano está diretamente ligada à subjetividade:

A subjetividade, entretanto é um fato. É por essa subjetividade que atribuímos direitos e dignidade ao homem. É por ela que podemos falar da dignidade da pessoa humana. Mas pode ser que falar da dignidade humana só tenha sentido quando o homem está dividido. De fato, entre nós, a dignidade humana está radicada no interior do homem. (FONTANELLA apud OLIVEIRA, 2008, p.21).

É necessário estabelecer espaço e tempo para que padrões de comportamento, de direitos, da ética, se tornem acessíveis à dignidade do homem, pois a subjetividade também precisa de tempo para a linguagem ser mediada, pois é nela que reside a ponte para estabelecer “o mundo da vida e suas experiências, do qual faremos a nossa consciência do mundo e de nós mesmos”. (OLIVEIRA, 2008, p.21).

A experiência do cotidiano é a construção de vida para o conhecimento e para a linguagem. O ser humano vai perceber o outro e a si próprio como pessoa com base na sua própria experiência de vida.

O pensador e filósofo Emmanuel Lévinas apresenta alguns traços fundamentais da ética da alteridade. Embora tenha sido aluno de Husserl e de Heidegger, ele criou seu próprio pensamento, que rompeu com o egoísmo de uma filosofia sobre o ser como essência de si e para si. (LÉVINAS, apud OLIVEIRA, 2008, p.22).

Lévinas clamou, em defesa de uma sociedade que grita de diversas maneiras, pelo respeito às pessoas menos favorecidas. Assim, propôs uma filosofia do rosto, que denominou de *ética da alteridade*.

Iniciou seu pensamento filosófico na corrente fenomenológica de Husserl e Heidegger. Posteriormente, emancipou a sua maneira de pensar porque estabeleceu o outro como prioridade ética (alteridade) e sua compreensão do ser não é só teórica, mas implica todo o comportamento humano em compreender melhor a relação com o outro.

Para esse pensador, o princípio da ética da alteridade se estabelece no respeito pelo diferente. Tudo começa pelo olhar, pelo sentir como ele sente e

como vê a vida, ou seja, por uma ética empática que estabelece relações de inclusão.

“A ética da alteridade propõe um comportamento de responsabilidade, justiça, humildade e interpelação do outro, acolhimento do que é diferente e uma atitude positiva perante o outro, pois ética é uma ação de acolhida do sofrimento de alguém.” (Oliveira, 2008, p.24).

O exemplo de Jesus, por meio da sua pedagogia, como mestre, de acolher o outro em virtude de suas necessidades, demonstra um significado universal de respeito pelo próximo.

O que já foi reforçado anteriormente, por meio do conceito alteridade, remete à atitude de Jesus de aproximar-se das pessoas, ouvindo-as, na busca de suprir suas necessidades e de acolhê-las, a despeito de suas diferenças.

A narrativa dos evangelhos usada como exemplo é a da mulher samaritana, a qual, por ser diferente nas suas escolhas, sofria a rejeição de seus patrícios. Observa-se que Jesus conhecia as necessidades daquela mulher. Mesmo sendo judeu (pois os judeus não se relacionavam com os samaritanos), aproximou-se dela e olhou-a com compaixão para ajudá-la na sua busca por sentido existencial.

De igual modo, o professor de Ensino Religioso deve perceber seus alunos com suas diferenças e conhecer suas potencialidades, no sentido de ajudá-los em sua caminhada. Deve também perceber que a escola é uma das instituições que possibilitam e podem promover o diálogo e o respeito entre as pessoas por meio da proposta do Ensino Religioso.

Ao utilizar a dialética da realização no contexto do ser humano, Jesus, o Mestre de Nazaré, observa o estado em que encontrou a mulher samaritana.

Olhou-a como alguém que estava na busca de dar sentido à sua existência, de sentir-se no mundo como pessoa, de pertencer a um sistema social que Ele conhecia na sua totalidade.

A mulher samaritana tinha a necessidade de sentir-se alguém em sua comunidade “mediante o uso da razão, dos sentimentos, da vontade e das

demais potencialidades da sua condição humana; a de ser alguém que indaga sobre as razões de ser quem é, por que, como, onde e para quê". (OLIVEIRA, 2008, p.48).

Ao observar esse exemplo, é importante refletir sobre o papel que a escola desempenha, por meio do Ensino Religioso, como articuladora do conhecimento, da cultura e da promoção do encontro do educando com a razão de viver.

Ela precisa encorajar o estudante a resolver suas dificuldades e necessidades, por meio dos princípios fundamentais, como o direito à vida, à dignidade, à humildade, à solidariedade, à verdade e à honestidade.

Esses valores humanos servirão de base para a resolução de conflitos que poderão aparecer em razão das diferentes culturas e expressões existentes no convívio social.

Quando o Mestre olhou para a mulher samaritana, percebeu elementos que faziam parte da sua realidade existencial: sua fragilidade e seus anseios.

Apesar da condição em que ela se encontrava, o Mestre viu inúmeras potencialidades em sua vida, refletiu sobre os conhecimentos vivenciados por ela e sobre a possibilidade que tinha de conhecer algo novo, que falaria da sua existência e do mundo, revelando elementos da sua experiência real, tais como sentimentos, emoções desejos, cultura.

Instigou-a, levando-a a refletir sobre o que mais desejava, sobre sua existência, o mundo e suas ações concretas.

O Mestre, por meio de um diálogo impregnado de sentidos, a incentivou a buscar o saber que a ajudaria na convivência com seus semelhantes.

Nesse diálogo, ambos com seus conhecimentos e buscando a verdade, num processo de conhecimento mútuo, chegam a uma reflexão, por meio da ação, que leva a mulher a uma mudança de atitude.

O exemplo apresentado diz respeito a sujeitos portadores do conhecimento, com suas próprias ações, em busca de novos conhecimentos por meio da troca do saber recebido como herança cultural, construída por muitos, com diferentes olhares.

Dessa prática de Jesus, pode-se extrair que o Ensino Religioso, com sua ação de educação religiosa, precisa partir da base do conhecimento ou da realidade em que o educando se encontra, para fazer seu percurso de conhecimento, como disciplina, e alcançar o que se propõe na busca de olhar o indivíduo na sua totalidade.

Cada área de conhecimento possui o seu objetivo específico, porém permite a busca de diferentes visões, sem direcionar para um só objeto ou sujeito. Isso se concretiza numa proposta pedagógica de olhar o outro com suas limitações, necessidades e com potencialidades que precisam ser desenvolvidas pela escola.

O Ensino Religioso, na sua prática pedagógica, precisa alcançar o educando com diferentes olhares, por meio do conhecimento, de acordo com as circunstâncias ou ainda partir de um determinado conhecimento com a perspectiva de alcançar o aluno na sua necessidade, respeitando a sua realidade psicossocial.

### **2.3.2 Valores se constroem por meio de exemplos**

Os valores só passarão a mudar o mundo por meio da prática, porque se tornarão virtudes e humanizarão as relações entre as pessoas, as quais buscarão uma dimensão de generosidade na promoção da justiça e da esperança, para despertar um compromisso social de responsabilidade para tornar o outro melhor.

“Valores são fundamentos que constituem a consciência humana”.  
(MARTELLI, apud MARQUES, 2012, p.20).

Dessa forma, valores servem como referências internas para ajudar nas escolhas e nas condutas do indivíduo. Por essa razão, precisam ser vividos, praticados, para que surtam efeito.

Existe uma lacuna grande entre o que é propagado como nobres valores da humanidade e seu exercício, sua prática. Assim, para que uma ação educativa seja, de verdade, valor, não precisa descobrir outros valores, mas, sim, reconhecer os valores eternos em crianças, adolescentes e jovens e fazer essa prática se tornar um hábito para que se torne uma virtude.

Por virtude, Aristóteles compreende uma prática. E a prática é constituída pelo hábito, pela ação propositadamente exercida e repetida. E os bons hábitos nascem pela força da boa educação o que inclui a imitação dos bons modelos. (MATOS, 2012, p.20).

Aprender algo novo envolve a arte de fazer, de imitar por muito tempo, como ocorre, por exemplo, na música e na pintura, em que o aprendiz faz a imitação de um desenho ou de uma composição musical. Não é diferente com os valores, para que se constituam em virtude, fazendo parte de uma vida diária, inserida no cotidiano do indivíduo como ser humano.

A escola não é a responsável absoluta pelas injustiças sociais que acontecem diariamente. Mas é com a educação e por meio da escola que se constroem valores e se fortalecem as ferramentas de combate a esses males que as sociedades têm enfrentado.

A oportunidade que a escola tem de acolher alunos esquecidos pela sociedade, muitas vezes até pelas próprias famílias, e proporcionar-lhes um ambiente acolhedor é uma realidade inevitável.

Muitos adolescentes, sem assistência e sem proteção, sofrem abusos que, muitas vezes, deixam grandes marcas e feridas profundas, por muito tempo, falando fundo no seu interior. Isso os leva a questionar o mundo e a si mesmos como pessoas.

Conhecer essa realidade e buscar uma transformação, pensando na melhoria de vida do outro, é também responsabilidade da escola e do Ensino Religioso. Seus agentes, professores, são transformadores, porque constroem o conhecimento e, na troca de saber entre professor e aluno, ambos precisam seguir o exemplo da mulher samaritana e de Jesus.



É preciso não somente conhecer as realidades, as dificuldades e as limitações que ambos enfrentam, mas também criar possibilidades de mudança no potencial de cada um como sujeito da comunidade escolar.

Para que serve uma educação que não acolhe ou não busca a transformação do aluno necessitado, não de nota, mas de valores, para comunicar suas ações de interesse pelo outro?

Precisamos comunicar as nossas ações, como pessoas, haja vista a importância de perceber os outros para, efetivamente, ensinarmos o que é necessário. Palavras sem prática não transformam, deformam a vida de alguém.

A educação escolar que educa com valores colhe o fruto de uma sociedade mais pacífica, em que as pessoas, ao se encontrarem com o que buscam, não precisam tirar dos outros a oportunidade de também realizar-se.

Muitos se levantarão para criticar a atitude da escola, dizendo que não é papel dela acolher ou educar com valores os alunos. Outros perceberão a urgência e a necessidade dessa missão, que também pertence à escola e pode transformar a realidade de muitos que passam por ela, conforme explica Matos:

Da boa educação nascem os bons valores – uma prática cotidiana que não se ensina com conceitos ideais, ou abstratos, mas vivenciados nas diferentes oportunidades sugeridas pelo acaso; um exercício diário que compete à família e à escola, uma vez que a convivência humana, nos diferentes segmentos da sociedade, pode ser rica em se tratando de experiências pessoais, mas pode, ao mesmo tempo, estar carregada de desvios de posturas, atitudes ou condutas não desejáveis. E o limite desejável (valor) e o indesejável (antivalor), devem ser cuidados pela família e pela escola. (MATOS, 2012, pp.31-32).

O desenvolvimento harmônico entre as pessoas que se relacionam, seja na escola, seja em outros espaços sociais, só será conseguido por meio dos bons valores, os que visam à qualidade do ser humano de maneira geral.

Por meio dessa prática constante, os valores se tornarão virtudes, por força do hábito, e as pessoas passarão a compartilhar as experiências, de maneira que haverá um entendimento melhor entre elas.

Assim, a escola precisa ensinar valores como estes: aprender a escutar o outro, ser mais tolerante e solidário, desenvolver a prática de ganhar e perder, aprender a lidar com os erros dos outros, reconhecer que o grupo é importante na busca de bons resultados e levar em consideração o bem-estar de todos.

A escola precisa também desenvolver experiências diferentes das que são vividas no ambiente familiar. Nela, a criança e o adolescente aprendem novas realidades com os grupos que a frequentam, porque entram em contato com regras muitas vezes bem diferentes das de sua casa.

Nesse contexto, passam a adequar suas realidades e vivenciar outras experiências, diferentes daquelas vividas em família, tendo a oportunidade de contribuir para o crescimento do grupo por meio da participação e do convívio.

As diferentes dimensões de limites são fundamentais para o uso no convívio social e podem ser aplicadas como regras sociais na busca de uma harmonização maior entre as pessoas.

O professor, como portador do conhecimento, ajudará o aluno a entender como se dão os limites. A aprendizagem ocorrerá por meio de exercícios teóricos e práticos, ou seja, pela força da educação.

Limite pode ter uma conotação de fronteira, de não ultrapassar algum espaço, o que pode ser compreendido como negativo, relacionado a algo que não nos pertence. Matos, afirma que,

[...] na ação humana, a noção de limites está vinculada ao respeito que se tem pelo outro, é a ideia de que a minha liberdade termina onde começa a do outro. Atitudes como saber ouvir, aceitar ideias dos outros, ainda que sejam diferentes das suas, pedir licença, esperar a vez para falar são comportamentos aprendidos na convivência com o outro; portanto, a convivência humana educa e ensina limites. (MATOS, 2012, p.65).

Uma atitude pode ajudar o aluno a compreender a regra como convívio social e perceber que o espaço escolar é diferente do espaço familiar, pois “quando ele deixa o seu quarto desarrumado em casa, ele é responsável individualmente”. (MATOS, 2012, p.39).

Mas, na escola, não é assim. Se o aluno desarruma a sala de aula, isso reflete no grupo, porque ele representa uma parte de um todo. Portanto, todos precisam trabalhar para alcançar resultados positivos para o grupo.

Assim, o adolescente precisa aprender, por imitação, ao contemplar a prática dos colegas, a dimensão do respeito pelo espaço que não é só dele, mas também das pessoas com quem convive, para não ser excluído pelo grupo.

No exemplo citado acima, a oportunidade que o educador tem como desafio de mediar essa situação é buscar uma solução em que o aluno e o grupo considerem o acontecimento e percebam a importância que todos têm no episódio.

Além disso, o professor, no contexto escolar, enfrenta o desafio constante de dialogar, de escutar, de colaborar para o bem na sala de aula e de propor um ambiente harmônico para todos.

Nesse sentido, tem a possibilidade de construir um espaço de oportunidade que fortaleça as relações, valorizando todos e reintegrando um indivíduo que foi excluído pelo grupo.

O princípio ético deve ser reforçado porque dirige as regras, uma vez que a escola, como instituição, tem o papel de formar cidadãos comprometidos com o bem-estar de todos e com a busca de soluções justas e dignas para garantir a harmonia do grupo.

O aprendizado de valores leva o indivíduo a adotar regras e limites no convívio social. A partir do momento em que ocorre a quebra de regras, todo o grupo perde.

As sanções não precisam necessariamente despertar medo ou punições, porque deixam de agregar valor educativo.

O sofrimento não contribui para a reflexão do ato que o aluno causou. Pelo contrário, desenvolve sentimentos de medo, de humilhação, de raiva e, às vezes, de vingança. Para Matos, as medidas punitivas devem ser evitadas. Ele salienta que:

As medidas punitivas são arbitrarias, pois levam proporção ao sofrimento que não é coerente com o ato cometido [...] já as sanções por reciprocidade não são consideradas por Piaget como punição, mas como consequência. Afinal, toda ação produz uma consequência, uma reação provocada pelo mau ato. A mais penosa delas é a exclusão do grupo – questão que deve ser cuidadosamente acompanhada pelo educador para que as relações não enfraqueçam. (PIAGET, apud MATOS, 2012, p.41).

A educação por valores reconhece o valor das regras e das sanções como medidas que fortalecem e contribuem para o respeito mútuo e para a percepção de que todos são sujeitos de direitos.

Nesse sentido, é importante lembrar que ações preventivas evitam o sofrimento e o desgaste que as punições causam. É importante que, por meio da colaboração mútua, sejam desenvolvidas estratégias de convivência saudável na escola, na família e em outros espaços comunitários.

Valores se aprendem quando são adquiridos e ensinados espontaneamente. Seja na família, seja na escola, os valores, as regras e os limites promovem atitudes que ajudam tanto o adolescente, que assume o papel de cidadão consciente de seus direitos e deveres, quanto a sociedade, que ganha com a prática constante de alguém que colabora na construção do respeito e da humanização dos outros indivíduos.

A escola precisa exercer o papel de contribuir com seu conhecimento para formação de uma sociedade mais justa e mais solidária. O seu compromisso não deve restringir-se à mera transmissão de conteúdos, mas fomentar valores e atitudes na vida dos alunos. Os reflexos de sua atuação, portanto, devem ultrapassar a dimensão da sala de aula, garantindo, efetivamente, a construção, a promoção e a transformação da cultura.

Matos, (2012) reforça que, a educação nunca será neutra. Ela passa por um processo de sensibilidade que acolhe, protege e valoriza o aluno como

indivíduo. Por meio da sua conduta, da sua postura de compromisso, consignada na proposta pedagógica, a escola almeja cumprir com seu papel de formar pessoas mais solidárias e sensíveis às necessidades coletivas e individuais, visando ao bem-estar de todos.

A escola precisa se comprometer com um projeto mais amplo, que é o da humanização das pessoas; portanto, não pode negligenciar a tarefa de ensinar valores. Ela deve promover, por meio de ações simples ou sofisticadas, de aulas ou dinâmicas, o ensino dos valores no seu espaço.

A escola, por meio da educação, precisa assumir o papel fundamental de promotora da mudança e da transformação da sociedade. Dessa forma, pretende-se mostrar, neste trabalho, a realidade da Escola Mário Davi Andreazza, uma das unidades de ensino pesquisadas, a qual, há quatro anos, desenvolve uma ação voltada para a educação de valores, experiência relatada por uma das professoras colaboradoras da pesquisa e vivenciada pela pesquisadora quando em visita à escola.

As mudanças que promoveu não só no seu ambiente, mas também nos lares dos alunos e na comunidade em que está inserida, bem como a importância da parceria entre ela e a família para a formação ética do adolescente, serão conhecidas melhor no capítulo 03.

### CAPÍTULO 3

#### O PAPEL DA FAMÍLIA E DO ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO ÉTICA DO ADOLESCENTE

As primeiras relações sociais construídas na família formam experiências desde o nascimento, desenvolvendo uma interação entre os seus membros com a transmissão de valores, costumes e cultura por intermédio da educação que recebem.

“A biografia do indivíduo, desde o nascimento é a história de suas relações com outras pessoas.” (BERGER e BERGER apud VIANA, 2007, p.54). Essas relações permeadas de valores, costumes e tradições contribuirão para o desenvolvimento da criança, ajudando nas relações que serão construídas no meio social.

A escola também tem o papel de contribuir para a mudança e a transformação da sociedade, tornando-a mais humana e mais justa, por meio de uma geração de jovens que transforme o conhecimento apreendido na escola em ações práticas, somando-o a outros valores desenvolvidos no convívio familiar.

As pesquisas feitas nas escolas na cidade de Boa Vista-Roraima remetem à importância em dar continuidade a uma educação embasada em valores como o respeito, o diálogo, a solidariedade, a responsabilidade, o amor ao próximo, a confiança, além de outros citados pelos alunos e por seus responsáveis.

Conhecer essas realidades reforça o desejo entre gerações com idades diferentes de vivenciar valores esquecidos em momentos de crise de valores no mundo atual.

Sobre essa temática, Petrini (2005) escreve:

A família sempre foi o lugar do encontro entre diferentes gerações. A história é constituída por uma sequência de gerações, ora prevalecendo a cooperação, ora o conflito. Nas últimas décadas [sic] as novas gerações divergem das gerações dos adultos e dos avós quanto às metas que merecem ser perseguidas, aos valores que devem ser

respeitados e aos critérios para discernir o que vale ou o que deve ser descartado. (PETRINI, 2005, p.46)

Nessa perspectiva, traçaremos o perfil das cinco escolas pesquisadas, destacando as contribuições e as opiniões dos sujeitos participantes da pesquisa, alunos e pais.

Durante a pesquisa, foram aplicados questionários mistos com perguntas relacionadas ao tema abordado no projeto de pesquisa. Nosso objetivo era conhecer e identificar o papel da família e do Ensino Religioso na formação ética do adolescente do ensino fundamental II, com foco na transmissão de valores trabalhados no seio da família e reforçados na escola por meio da disciplina de Ensino Religioso.

A totalidade dos sujeitos pesquisados foi de 198 alunos que estudam em escolas localizadas em bairros distintos da cidade de Boa Vista-Roraima, uma vez que tínhamos a intenção de buscar realidades diferentes.

Assim, selecionamos 4 escolas públicas e 1 escola particular da rede de ensino. Também contamos com a participação de 167 pais, que colaboraram com a pesquisa, respondendo aos questionários mistos direcionados a eles.

A intenção de incluir os pais na pesquisa foi estabelecer um paralelo entre as diferentes gerações, para verificar como pensam e veem as relações familiares por meio dos valores transmitidos pelos pais aos filhos, e como estes recebem e participam dessa realidade. São conhecimentos distintos que revelam tanto as diferenças encontradas quanto os pontos em comum.

Das escolas pesquisadas, algumas se destacaram por colaborar mais com a pesquisa, o que veremos posteriormente na participação quantitativa dos sujeitos pesquisados.

### 3.1 ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DOS DADOS PESQUISADOS

TABELA 01 – Distribuição dos 198 alunos por gênero

GÊNERO					
ESCOLAS	Masculino	Percentual Masculino	Feminino	Percentual Feminino	TOTAL
Mário David Andreazza	24	32%	52	68%	76
Jaceguai Reis Cunha	16	55%	13	45%	29
Maria Neves Resende	17	57%	13	43%	30
São Vicente de Paula	8	44%	10	56%	18
CLAS – Colégio Levina Alves da Silva	18	40%	27	60%	45
<b>TOTAL</b>	<b>83</b>		<b>115</b>		<b>198</b>
<b>PERCENTUAL</b>	<b>42%</b>		<b>58%</b>		<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa de campo, Maria Pinheiro Morais, 2014. 2

O que nos levou a escolher essas escolas foi a necessidade de sair da nossa realidade para conhecer outras e, dessa forma, enriquecer o conhecimento da pesquisadora.

A primeira escola visitada foi a Escola Estadual Mário David Andreazza, escola de ensino básico situada no Bairro Caimbé. Os sujeitos participantes foram um total de 76 alunos, sendo 24 (31,58%) do gênero masculino e 52 (68,42%) do gênero feminino; 67 (88,16%) na faixa etária até 14 anos e 9 (11,84%) faixa etária de 15 a 18 anos.

Essa escola foi premiada, em nível nacional, na área de Gestão Escolar, no ano de 2013, pelas ações que desenvolveu, às quais vem dando continuação.

Uma das ações é o projeto voltado para a educação de valores, experiência relatada por uma das professoras colaboradoras da pesquisa e vivenciada pela pesquisadora quando em visita à escola.

A professora e os alunos estavam desenvolvendo uma ação de culminância do terceiro bimestre em que os alunos, após assistirem ao filme Cartas para Deus, foram incentivados a escrever cartas, em casa, e a agradecer a vida, contando a Deus também os seus problemas.



Uma das experiências relatadas pela professora foi a de um aluno que, sozinho, foi à casa de familiares e de amigos e levou 17 cartas para a escola. A ação da culminância realizou-se no pátio da escola, onde grupos de jovens apresentaram músicas e teatro de dança. Além disso, houve o relato de vários alunos, os quais disseram que, após escreverem as cartas, sentiram a necessidade de melhorar sua atitude.

Muitos voltaram a falar com seus pais e/ou responsáveis, porque as relações estavam rompidas. Outros voltaram a falar com colegas com quem não falavam havia algum tempo. Essas ações ajudaram os alunos a refletirem sobre mudanças de atitude e sobre a necessidade de desenvolver valores, como respeito, gratidão, perdão, valorizando seus pais, em casa, e os colegas, na escola.

Dessa forma, a escola, de maneira simples, desenvolveu a aproximação do aluno com Deus por meio das cartas, além da valoração da família e dos colegas na comunidade escolar.

Esse é ponto relevante da nossa pesquisa, por isso destacamos a escola como referência em relação às outras, haja vista as ações desenvolvidas no ambiente escolar.

O projeto que recebeu o nome de Educando com Valores teve início em março de 2011, cujas ações são desenvolvidas na sala de aula e nos demais espaços da unidade, visando a ajudar o aluno a perceber os valores que a escola resgata, por meio das aulas de Ensino Religioso e a colocá-los em prática em casa e em outros espaços de convivência.

Outro projeto de destaque é o projeto Trabalhar para Crescer, que desenvolve parcerias para capacitar os jovens por meio de cursos profissionalizantes e ingressá-los em estágios remunerados.

A segunda escola visitada foi a Escola Estadual de 1.º Grau Professora Maria Neves Resende, localizada no Bairro Asa Branca, numa área com graves problemas sociais, onde a presença da violência e das drogas é uma constante.

É uma escola com um quadro de alunos que apresentam muitas dificuldades. A faixa etária dos pesquisados é bem diferente da observada na escola anterior, especialmente nas turmas de 9.º ano.

Os participantes da pesquisa foram 30, sendo 17 (56,67%) do gênero masculino e 13 (43,33%) do gênero feminino; 11 (36,67%) na faixa etária de até 14 anos e 19 (63,33%) na faixa etária de 15 a 18 anos.

A terceira escola pesquisada foi a Escola Estadual Jaceguai Reis Cunha, situada também no Bairro Asa Branca. Participaram da pesquisa 29 alunos, sendo 16 (55,67%) do gênero masculino e 13 (44,83%) do gênero feminino; 14 (48,28%) na faixa etária de até 14 anos e 15 (51,72%) na faixa etária de 15 a 18 anos.

Essa escola tem uma realidade peculiar, pois é onde a orientadora e colaboradora da pesquisa acompanha uma turma de 20 alunos do 9.º ano do turno vespertino. Desses, 12 colaboraram com a pesquisa; 11(55%) estão na faixa etária de 15 a 18 anos e 1 (5,%) na faixa etária de 14 anos.

De acordo com o relato da orientadora, esses alunos não recebem assistência da família e veem a escola como um refúgio, abrigo, porém não têm uma frequência efetiva, o que prejudica o desempenho escolar.

Ficam vulneráveis devido aos problemas que a comunidade enfrenta, relacionados com o risco de envolvimento com as drogas, com a violência e com a gravidez precoce. As ações desenvolvidas pela escola para resolver esses problemas têm surtido pouco efeito.

A escola sente a ausência da família nas reuniões e em outros momentos. Pudemos constatar isso pelo fato de nem um dos pais ou responsáveis por alunos ter colaborado com a pesquisa.

Mesmo diante dessa situação, destaca-se um ponto positivo: dos 20 alunos da turma, 12 (60%) participaram da pesquisa e demonstraram interesse e compreensão dos assuntos abordados, porque falaram claramente da realidade do convívio familiar.

Por meio das respostas dadas, percebeu-se que, mesmo com a ausência da família na educação dos filhos, os alunos destacaram valores como o respeito, o diálogo, o amor na família, entre outros citados.

Por conta dos problemas sociais, como pobreza, violência, drogas e gravidez na adolescência, os alunos ficam vulneráveis a esses riscos visto que estão numa fase de profundas mudanças físicas e psicológicas.

A família e a escola, juntas, poderão dar apoio maior na busca de soluções para os problemas apresentados.

Lodo-Platone considera a família como:

Sistema em transformação contínua por demandas do meio e por mudanças que se realizam em sua estrutura e funcionamento devido a seus ciclos vitais. Esta [sic] dinâmica gera efeitos singulares nas famílias associados com o nível cultural, socioeconômico e características psicológicas dos seus membros, o que também se reflete na diversidade, complexidade e características da família na realidade. (LODO-PLATONE apud WHITER, 2011, p.21).

A quarta escola pesquisada foi a Escola CLAS (Colégio Levina Alves da Silva), localizada no Bairro São Pedro, centro da cidade, a qual faz parte da rede particular de ensino da cidade de Boa Vista-Roraima há mais de duas décadas, atuando na modalidade de educação infantil e no ensino fundamental.

No ano de 2013, começou a atender alunos das séries do ensino fundamental II e, em 2014, recebeu um contingente de 76 alunos, que foram distribuídos nas turmas do 6.<sup>o</sup> ao 9.<sup>o</sup> ano.

Participaram da pesquisa 45 alunos, sendo 18 (40%) do gênero masculino e 27 (60%) do gênero feminino; 42 (93,3%) na faixa etária de 14 anos e 3 (6,67%) na faixa etária de 15 anos.

De acordo com a pesquisa, duas escolas, a escola pública Mário David Andreazza e a escola de ensino particular Colégio Levina Alves da Silva, se apresentam em consonância com a universalização na faixa etária de 7 a 14

anos, conforme preconiza a LDB9394/96. Em acordo com isso, Carneiro defende que os pais introduzam seus filhos cedo na escola:

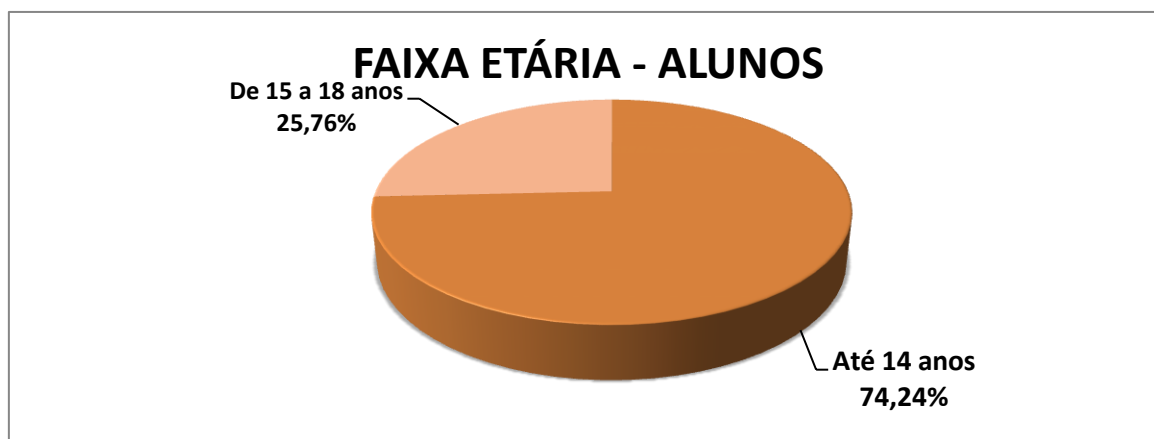
[...] com o objetivo de oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos alcançando maior nível de escolaridade. (CARNEIRO, 2010, p. 233).

TABELA 02 – Distribuição dos 198 alunos por faixa etária

FAIXA ETÁRIA					
ESCOLAS	Até 14 anos	Percentual até 14 anos	De 15 a 18 anos	Percentual de 15 a 18 anos	TOTAL
Mário David Andreazza	67	88%	9	12%	76
Jaceguai Reis Cunha	14	48%	15	52%	29
Maria Neves Resende	11	37%	19	63%	30
São Vicente de Paula	13	72%	5	28%	18
CLAS – Colégio Levina Alves da Silva	42	93%	3	7%	45
<b>TOTAL</b>	<b>147</b>		<b>51</b>		<b>198</b>
<b>PERCENTUAL</b>	<b>74%</b>		<b>26%</b>		<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa de campo, Maria Pinheiro Moraes, 2014.2

GRÁFICO 01 – Distribuição dos 198 alunos por gênero



Fonte: Pesquisa de campo, Maria Pinheiro Moraes, 2014.2

Finalizando, a quinta escola pesquisada foi a Escola Estadual de 1.º Grau São Vicente de Paula, localizada no Bairro São Vicente, próximo ao Centro da cidade.

A escola tem uma particularidade: o fato de a pesquisadora trabalhar ali há 13 anos, os últimos cinco como professora de Ensino Religioso no ensino fundamental II.

Confrontar a realidade da Escola São Vicente de Paula com a das outras escolas pesquisadas se tornou relevante, haja vista as experiências relatadas pelos colegas professores, orientadores e coordenadores pedagógicos, colaboradores da pesquisa, de como surgiram propostas de melhoria da prática pedagógica, para enfrentar os desafios encontrados e de como as respectivas escolas passaram a ser vistas pelos alunos como um abrigo ou um local de refúgio para muitos que passam por situações de risco.

Essas experiências revelam a grande responsabilidade que temos, atuando na sala de aula como professores de Ensino Religioso, de ensinar o aluno a lidar com as diversas situações da sua existência, haja vista o caráter formador da disciplina, que valoriza o ser humano na sua totalidade, como indivíduo que possui uma essência relacionada ao transcendente. Nesse sentido, a escola não pode ser vista apenas como portadora de um conhecimento secularizado.

Nessa perspectiva, a educação contribui para a formação integral do ser humano, formando tanto para a cidadania quanto para o mundo do trabalho. Além disso, favorece o acesso à cultura e a expressão religiosa. Rodrigues e Junqueira afirmam que:

Educar implica uma intencionalidade de formar cidadãos informados e motivados a pensar criticamente. É desejável que sejam oferecidos espaços em que os problemas sejam analisados e que soluções sejam propostas. Ao refletir sobre questões fundamentais de sua existência, o educando pode superar o senso comum que domina seu cotidiano e intervir conscientemente nas questões sociais marcantes da sua realidade. (RODRIGUES e JUNQUEIRA, 2009, p.15).

O Ensino Religioso, como área do conhecimento, tem seu “marco estruturado de leituras e interpretações da realidade” (ibid. p.16), que ajudarão o cidadão a participar de maneira mais autônoma na sociedade.

O público pesquisado na Escola São Vicente de Paula foram turmas do 8.º e do 9.º anos do turno matutino e vespertino, com uma população de participantes de 18 alunos, sendo 8 (44,44%) do gênero masculino e 10 (55,56%) do gênero feminino; 13 (72,22%) na faixa etária de 14 anos e 5 (27,78%) na faixa etária de 15 a 18 anos. Essa é uma realidade da escola na sua totalidade, incluindo os que não participaram da pesquisa.

### ➤ A participação dos pais na pesquisa

A participação dos pais se deu de maneira positiva, contribuindo para ajudar a entender as diferentes realidades, reforçando, por meio dos dados, de acordo com a realidade das escolas pesquisadas, que, quando a família não está presente na escola, os filhos podem apresentar pontos negativos que comprometem a sua formação como adolescentes.

TABELA 03 – Distribuição dos 167 pais por gênero

GÊNERO					
ESCOLAS	Masculino	Percentual Masculino	Feminino	Percentual Feminino	TOTAL
Mário David Andreazza	13	18%	59	82%	72
Jaceguai Reis Cunha	6	67%	3	33%	9
Maria Neves Resende	7	29%	17	71%	24
São Vicente de Paula	8	21%	30	79%	38
CLAS – Colégio Levina Alves da Silva	8	33%	16	67%	24
<b>TOTAL</b>	<b>42</b>		<b>125</b>		<b>167</b>
<b>PERCENTUAL</b>	<b>25%</b>		<b>75%</b>		<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa de campo, Maria Pinheiro Morais, 2014. 2

Dessa forma, participaram da pesquisa, na Escola Estadual Mário David Andreazza, 72 pais, sendo 13 (18,06%) do gênero masculino e 59 (81,94%) do gênero feminino; 2 (2,78%) na faixa etária até 20 anos, 9 (12,50%) na faixa etária de 21 a 30 anos, 34 (47,22%) na faixa etária de 31 a 40 anos, 20

(27,78%) na faixa etária de 41 a 50 anos e 7 (9,72%) na faixa etária acima de 50 anos.

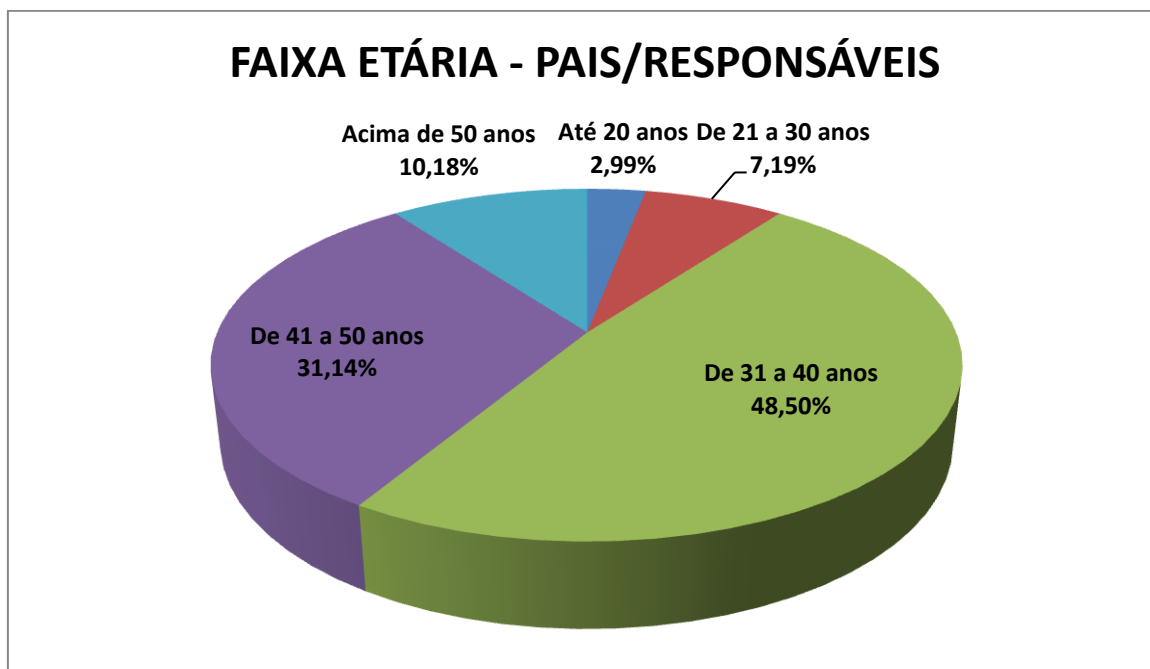
Na Escola Estadual de 1.º Grau Professora Maria das Neves Resende, situada no Bairro Asa Branca, participaram da pesquisa 24 pais, sendo 7 (29,17%) do gênero masculino e 17 (70,83%) do gênero feminino; 1 (4,17%) na faixa etária de até 20 anos, 12 (50%) na faixa etária de 31 a 40 anos, 7 (29,17%) na faixa etária de 41 a 50 anos e 4 (16,67%) na faixa etária acima de 50 anos.

Na terceira Escola Estadual Jaceguai Reis Cunha, situada também no Bairro Asa Branca, participaram da pesquisa um número bem pequeno: 9 pais, sendo 6 (66,67%) do gênero masculino e 3 (33,33%) do gênero feminino, com as seguintes faixas etárias: 6 (66,67%) com idade de 31 a 40 anos e 3 (33,33%) com idade de 41 a 50 anos.

No CLAS (Colégio Levina Alves da Silva), houve a participação de 24 pais, sendo 8 (33,33%) do gênero masculino e 16 (66,67%) do gênero feminino, com uma faixa etária assim representada: 7 (29,17%) com idade de 31 a 40 anos, 13 (54,17%) com idade de 41 a 50 anos e 4 (16,67%) com idade superior a 50 anos.

Na Escola Estadual de 1.º Grau São Vicente de Paula, contribuíram com a pesquisa 38 pais: 8 (21,05%) do gênero masculino e 30 (78,95%) do gênero feminino, apresentando as seguintes faixas: 2 (5,26%) com idade até 20 anos, 3 (7,89%) com idade de 21 a 30 anos, 22 (57,89%) com idade de 31 a 40 anos, 9 (23,68%) com idade de 41 a 50 anos e 2 (5,26%) com idade acima de 50 anos.

GRÁFICO 02 – Distribuição dos 167 pais por faixa etária



Fonte: Pesquisa de campo, Maria Pinheiro Morais, 2014. 2

Na totalidade dos questionários aplicados aos pais, no universo nas escolas pesquisadas, a amostra dos dados revela uma predominância do gênero feminino no que diz respeito à participação dos pais/responsáveis pesquisados: 125 (66,67%) contra 42 (25,15%).

Ainda sobre os dados dos pais, quando comparados com a questão 05, que trata da composição familiar, as amostras colhidas revelam a seguinte formação da família: 94 (56,29%) com pai, mãe e filhos; 5 (2,99%) com pais e filhos; 32 (19,16%) com mães e filhos; e 31 (18,56%) com pai, mãe, filhos e outros parentes.

As questões abaixo serão analisadas destacando os pontos mais relevantes extraídos da opinião dos sujeitos pesquisados. O uso de gráficos e tabelas dará uma amostragem dos resultados colhidos por meio do questionário aplicado aos sujeitos participantes.

A coleta de dados da pesquisa de campo será discutida por meio da análise quantitativa, com a interpretação dos dados, e da análise qualitativa,



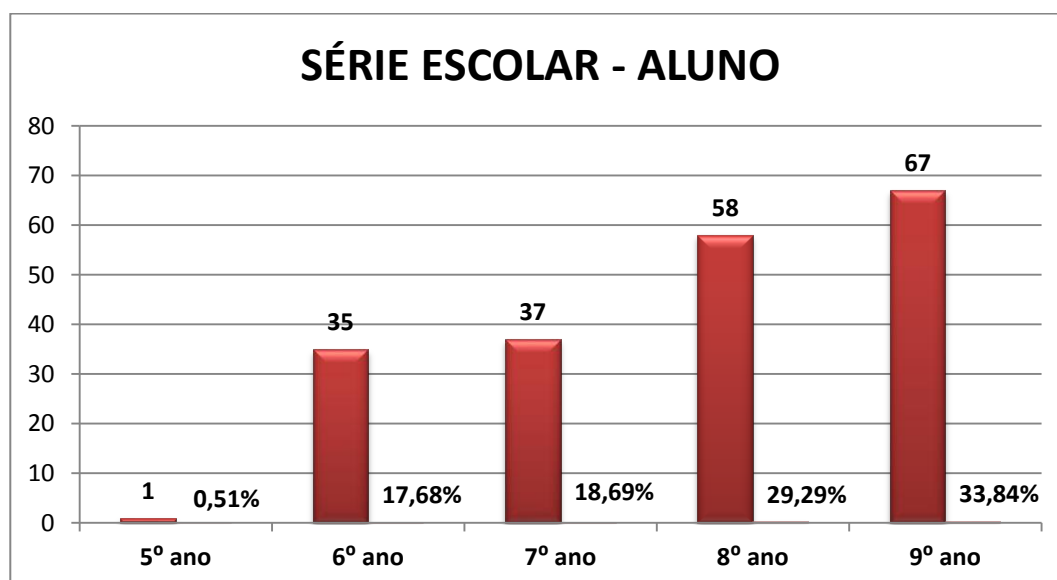
que será embasada no que pensam e defendem os teóricos sobre as questões levantadas.

Foi aplicado um questionário misto, constituído de perguntas abertas e fechadas, num total de 15 questões, abordando dados sociodemográficos, a relação entre os membros da família e a relação da família com a escola, expressando a opinião da população que concordou em colaborar com a pesquisa.

### 3.1.1 Dados sociodemográficos dos alunos (questões de 01- 05)

A população pesquisada nas cinco escolas visitadas corresponde a 198 alunos, com uma amostra de 83 (41,92%) do gênero masculino e 115 (58,08%) do gênero feminino; 147 (74,24%) estão na faixa etária de até 14 anos e 51 (25,76%) na faixa etária de 15 a 18 anos, todos cursando o ensino fundamental II, sendo 1 (0,51%) o 5.º ano, 35 (17,68%) o 6.º ano, 37 (18,69%) o 7.º ano, 58 (29,29%) o 8.º ano e 67 (33,84%) o 9.º ano.

GRAFICO 03 – Distribuição dos 198 alunos por série escolar

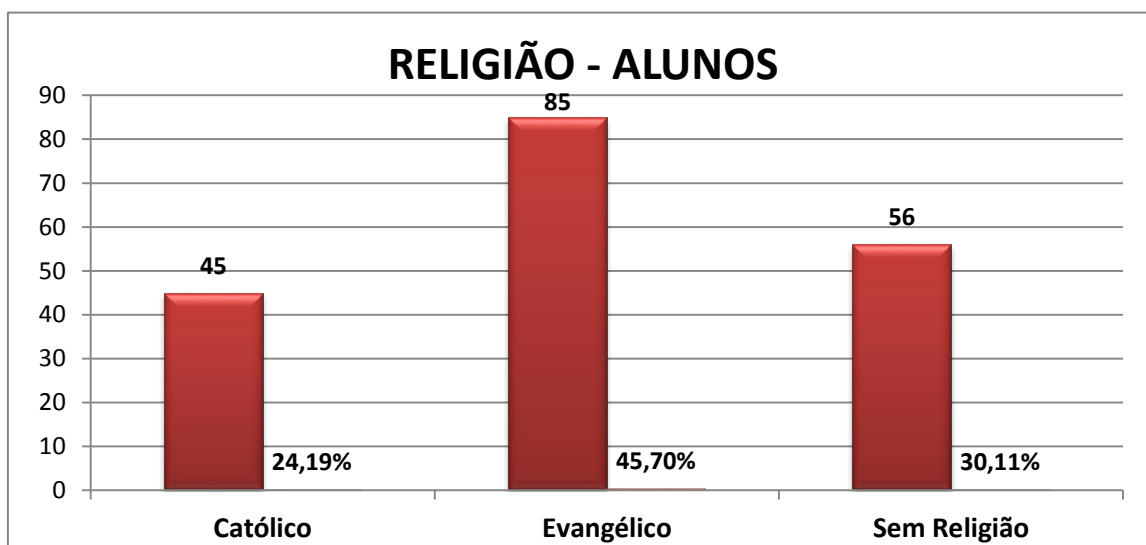


Fonte: Pesquisa de campo, Maria Pinheiro Morais, 2014.2.

A maioria dos alunos são solteiros: 194 (97,98%); 3 (1,52%) são casados e 1 (0,51%) é separado; 4 (2,03%) estão desempregados, 6 (3,05%), empregados e 187 (94,92%) só estudam.

Observa-se que a maioria dos adolescentes que estão na escola é do gênero feminino, com uma amostra de 115 (58,08%) do sexo feminino e 83 (41,92%) do sexo masculino, conforme demonstrado em gráfico anterior.

GRÁFICO 04 – Distribuição dos alunos por religião



Fonte: Pesquisa de campo, Maria Pinheiro Moraes, 2014.2

### 3.1.2 Dados da pertença religiosa na adolescência (questão 06)

Cento e sessenta e quatro alunos responderam à pergunta “Você pertence a uma igreja (religião)? Sim ou não? Se sim, qual?”. A amostra revelou que 45 (24,19%) são católicos, 85 (45,70%), evangélicos e 56 (30,11%) não têm religião.

Os adolescentes e jovens recebem influência muito forte dos amigos, da família e da religião da família. Vivem experiências momentâneas em virtude das mudanças e das transformações que ocorrem nessa fase da vida.

Isso se dá em razão da busca de exemplos e da necessidade de identificar-se com determinado grupo. Veem na religião uma solução para suas inquietudes, na expectativa de resolver seus conflitos existenciais.

A religião é antes de tudo:

Uma coisa humana, que ela concerne ao homem, à sua destinação, à sua existência, e que é através desse trabalho humano que ela permite uma observação de tipo científico, desde que não desconheça a sua especificidade: pois se relação existe, é porque o homem, na religião, se reconhece ou se afirma “aberto” a alguma coisa diferente de si mesmo. (CATALAN, 1999, p.15).

Em tempos atuais, o ser humano ainda sente a necessidade de transcender para suportar o fardo da existência, conforme ocorria com nossos antepassados. (CATALAN, 1999).

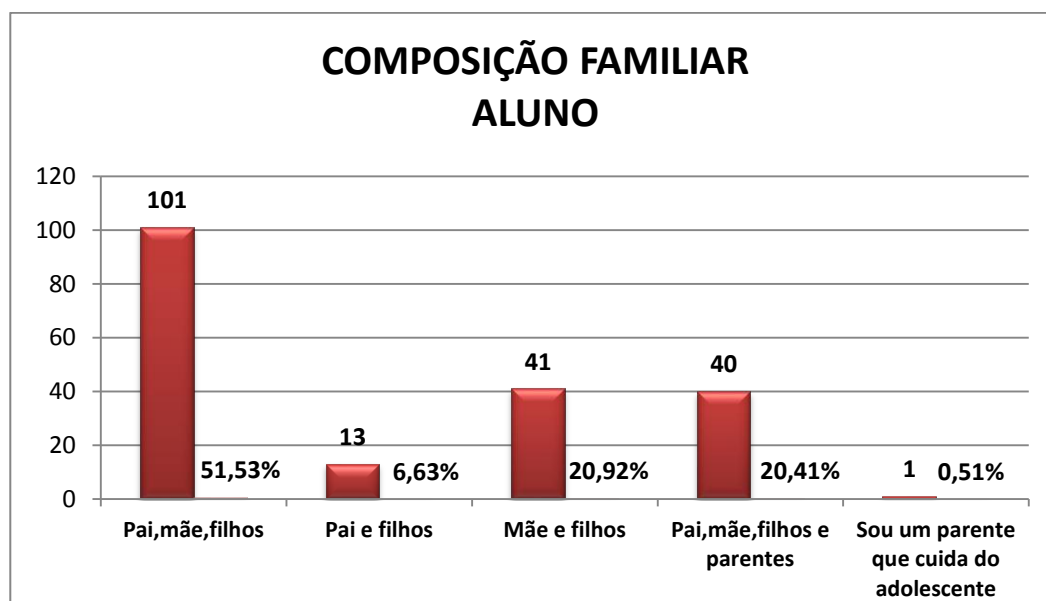
Por meio da religião, o homem se aproxima do divino, exercitando suas crenças, experiências religiosas, em busca de suprir a necessidade ou o desejo humano de ligar-se ao transcendente.

Terrin (2003) “ênfatiza a especificidade da religião e da experiência religiosa como um esforço e um bem que deve ser preservado a todo aquele que crê”. (TERRIN, 2003, p.23).

➤ **Composição familiar dos alunos pesquisados (questões 07 e 08)**

À pergunta 07, “**Marque a alternativa do modelo que mais se parece com a sua família**”, 101 (51,53%) responderam que suas famílias são compostas por pai, mãe e filhos; 13 (6,63%), por pai e filhos; 41 (20,92%), por mãe e filhos; 40 (20,41%), por pai, mãe, filhos e outros parentes; e 1 (0,51%), por parente que cuida de adolescente.

GRÁFICO 05 – Distribuição do modelo das famílias representadas



Fonte: Pesquisa de campo, Maria Pinheiro Morais, 2014.2

A questão 8 dá continuação à temática anterior: “**Para você, como deveria ser uma família?**”. Os dados coletados revelam o seguinte: 126 (63,96%) responderam que a família deveria ser composta por pai, mãe e filhos; 1 (0,51%), por pai e filho (s); 6 (3,05%), por mãe e filhos; 45 (22,84%), por pai, mãe, filhos e parentes; e 19 (9,64%), por pessoas que têm vínculo afetivo e vivem no mesmo lar.

#### ➤ **Relacionamento familiar (questões 09-15)**

A questão 09 quis saber: “**O que você considera mais importante na relação entre pais e filhos hoje?**”. As respostas dadas pelos alunos expressam o que relatamos no capítulo anterior quanto à prática de valores por meio de exemplos que influenciam o comportamento do adolescente e de atitudes que devem ser desenvolvidas no lar.

As categorias mais citadas pelos alunos foram o amor, com uma amostra de 86 sujeitos; o respeito, com uma amostra de 80 sujeitos; a união com uma amostra de 36 sujeitos; e o diálogo, com uma amostra de 20 sujeitos.

Como afirma Marques (2012), a educação de valores precisa ser praticada por aqueles que são exemplos e modelos para crianças e adolescentes. Não se pode exigir de alguém uma atitude que não corresponda com o que se vive. “Crianças seguem modelos, imitam o mundo adulto, reproduzem o que aprendem, o que veem, o que vivenciam (heteronímia).” (MARQUES, 2012, p.64).

Nas repostas dadas, observa-se que o adolescente deseja que esses valores façam parte da sua realidade diária. Quer vê-los não no discurso, mas na atitude dos pais ou responsáveis.

Quando se fala do respeito, os adolescentes questionam algumas atitudes dos pais contrárias ao que foi ensinado. Sendo eles autoridades, julgam que podem quebrar as regras e os princípios que foram estabelecidos. Dessa maneira, as relações ficam fragilizadas devido à ênfase ser dada à norma em vez de privilegiar o valor do respeito como um princípio para todos.

Sobre regras, princípio e valores, La Taille ressalta que a moral é um objeto do conhecimento que reforça a regra, o que deve ser feito e o que não deve ser feito, em nome do princípio de como as regras precisam ser seguidas. Saliencia ainda que os valores revelam investimentos afetivos derivados dos princípios. (TAILLE, 2007, p.74).

Dessa forma, pode ocorrer, na maioria das vezes, que pais ou responsáveis por adolescentes limitem-se ao conhecimento das regras, sem saber como agir em outras situações, ou ainda se tornem injustos.

Em compensação, saber os princípios norteará as ações em diferentes situações e dará subsídios para poder agir. Pode-se dizer que “os valores serão o resultado dos investimentos afetivos, portanto pertencem ao plano ético, uma vez que é nele que se encontra a energética da vida em geral e em particular da vida moral”. (Ibid. p.75).

Outra categoria de valores muito mencionada pelos adolescentes foi o amor, o qual desejam receber dos pais. Esse sentimento nutre as relações do ser humano em geral, e o adolescente sente que o amor está presente nas relações com os pais ou responsáveis quando estes adotam atitudes de

carinho, atenção, compreensão, companheirismo. Para eles, isso traduz uma relação de confiança, acolhimento, segurança e proteção no ambiente familiar.

O diálogo também foi destacado. Muitos adolescentes revelam que, pelo diálogo com os pais, se sentem mais confiantes, amigos, e o sentimento de sinceridade se torna presente nas relações entre filhos e pais.

É importante ressaltar que os pais ou responsáveis precisam entender a linguagem do adolescente, a necessidade de conversar, especialmente o saber ouvir, para dar uma segurança aos filhos, que, mesmo em situações de conflito, precisam encontrar no lar a solução para seus dilemas por meio do diálogo e das orientações dos pais.

Mas, para que isso ocorra, é necessário haver uma relação de confiança, a fim de que os adolescentes não tenham medo de buscar a ajuda dos pais, sabendo que estes terão equilíbrio para ouvi-los e para ir atrás de ajuda para eles.

Torna-se relevante destacar as respostas dadas pelos pais à questão 09: **“O que você considera mais importante na relação entre pais e filhos?”**. Percebe-se a presença dos mesmos valores mencionados pelos filhos, tais como o respeito, citado por 82 sujeitos; o amor, mencionado por 52 sujeitos; o diálogo, apontado por 25 sujeitos; e a união, destacada por 25 sujeitos.

O encontro das gerações ocorre por causa das necessidades afetivas. O grande desafio é pôr em prática os valores listados na pesquisa, o saber fazer uso deles, uma vez que a correria, o ativismo da realidade cotidiana, vai tomando espaço, e os valores vão sendo esquecidos por pais e filhos e, conseqüentemente, as relações vão se fragmentando.

Deixam de existir por conta das prioridades que o mundo moderno impõe sobre os ambientes familiares, que acabam dando lugar ao novo, à cultura do transitório. Assim, as relações familiares são compensadas com valores materiais, haja vista a ausência, muitas vezes, dos pais dentro de casa.

Berger fala sobre a realidade da vida cotidiana como uma:

[...] realidade ordenada, seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho e que se impõem à minha apreensão. A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes de minha entrada em cena. (BERGER, LUCKMAN, 2013, p. 39).

A necessidade de relacionar as atividades do cotidiano diário objetivado, antes que o indivíduo entre em contato com o que foi designado, não pode tomar o espaço das situações que também fazem parte da vida do sujeito, tais como a satisfação pessoal, o convívio em família, por meio do diálogo, e outros valores que devem estar presente no ambiente familiar.

Assim, as relações entre pais e filhos precisam ser cultivadas diariamente para não se imporem, dentro da realidade familiar, padrões sociais que descaracterizem as relações, caindo no velho discurso de que tudo parece estar resolvido, deixando lacunas nas dimensões afetivas desejadas tanto pelos pais quanto pelos filhos.

A pesquisa revelou ainda aspectos importantes sobre os valores abordados na relação familiar.

Nas cinco escolas pesquisadas, em bairros bem distintos, com níveis sociais diversificados, situações econômicas das famílias diferentes, podem-se encontrar escolas públicas com um padrão bom, semelhante ao das escolas particulares, e ainda outras escolas públicas localizadas na periferia com um padrão mais baixo.

Independentemente do padrão social ou nível econômico, a maioria dos sujeitos pesquisados revelou seus desejos quanto à necessidade da prática dos valores no ambiente familiar, demonstrando coesão em relação ao que a pesquisa se propôs a buscar: situações relevantes ao objeto da pesquisa.

As questões 10, 11 e 12 tratam da importância da família no acompanhamento da educação dos filhos, na ajuda com os deveres escolares e na presença à escola. Atitudes como essas demonstram o interesse dos pais em acompanhar o desenvolvimento dos filhos de maneira geral.

**“Qual o grau de importância da presença da família na educação dos filhos?”** (questão 10). A essa pergunta, as respostas obtidas na amostra revelaram o seguinte: 2 (1,02%) sujeitos marcaram a alternativa “sem importância”; 01 (0,51%), a alternativa “variação entre sem importância e importante”; 23 (11,68%), a alternativa “variação entre sem importância e importante”; 3 (1,52%), a alternativa “variação entre importante e muito importante”; 12 (6,09%), a alternativa “variação entre importante e muito importante”; e 156 (79,19%), a alternativa “muito importante”.

**“Com que frequência você tem ajuda de seus pais nos deveres escolares?”** (questão 11). A essa pergunta, 10 (5,08%) responderam que nunca; 6 (3,05%), que existe uma variação de próximo a quase nunca; 13 (6,60%), que existe uma variação entre nunca e às vezes; 96 (48,73%), que às vezes; 13 (6,60%), que existe uma “variação entre às vezes e sempre”; 8 (4,06%), que existe uma variação entre às vezes e sempre; e 51 (25,89%), que sempre.

Ainda sobre a importância da família no acompanhamento dos filhos a questão 12 quis saber: **“Qual o grau de importância da presença da família na escola?”**. O resultado foi o seguinte: 4 (2,02%) responderam que não tem importância; 1 (0,51%) optou pela alternativa “entre sem importância e importante”; 43 (21,72%) disseram ser importante; 6 (3,03%) escolheram a alternativa “entre importante e muito importante”; 15 (7,58%) assinalaram a alternativa “entre importante e muito importante” e 129 (65,15%) responderam ser muito importante.

Faremos uma análise dos dados acima logo mais, para registrar também as respostas dadas pelos pais sobre as mesmas questões feitas aos filhos, buscando conhecer a percepção daqueles por meio das respostas dadas.

As perguntas 10, 11 e 12, feitas aos alunos, fazem parte também do questionário dos pais pesquisados, ou seja, têm o mesmo foco: saber a importância da família no acompanhamento da educação dos filhos, na ajuda com os deveres escolares e na presença à escola.



A questão 10 quis saber: **“Qual o grau de importância da presença da família na educação dos filhos?”**. As respostas dadas à pergunta na amostragem foram as seguintes: 1 (0,62%) respondeu ser importante; 5 (03,11%) responderam estar entre importante e muito importante; 1 (0,62%) disse estar entre importante e muito importante; e 154 ( 95,65%) disseram ser muito importante.

A questão 11 buscou saber: **“Com que frequência você costuma ajudar seus filhos nos deveres escolares?”**. O universo dos dados coletados revelou o seguinte: 3 (01,86%) responderam “nunca”; 2 (1,24%), “entre nunca e às vezes”; 65 ( 40,37% ), às vezes; 14 (8,70% ), “entre às vezes e sempre”; 16 ( 9,94%), “próximo de sempre”; e 61 (37,89% ), “sempre”.

A questão 12 quis saber: **“Qual o grau de importância da presença da família na escola?”**. As respostas coletadas na amostra revelaram o seguinte: 1 (0,62%) disse ser sem importância; 8 (4,97%) disseram ser importante; 4 (2,48%), estar entre importante e muito importante; 5 ( 3,11% ), estar próximo a muito importante; e 143 ( 88,82% ), ser muito importante.

A análise será feita por questões, privilegiando pontos positivos e negativos das respostas dadas por alunos e pais, sujeitos da pesquisa.

Na questão 10, que trata da importância da família na educação dos filhos, as respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa, alunos e pais, demonstram uma aproximação em termos de quantidade.

Do universo de 197 alunos pesquisados, 154 (95,65%) opinaram ser muito importante. Do universo de 161 pais pesquisados, 156 (79,19%) também responderam ser muito importante.

Constata-se o valor dado pelos filhos à disposição dos pais em acompanhá-los na educação, em todo o processo de desenvolvimento escolar. Por outro lado, os pais também expressam a importância do acompanhamento deles na educação dos seus filhos.

Sobre esse assunto Martinez, afirma:

[...] a participação da família no processo educativo de seus filhos parece contribuir para maior autoestima, melhor rendimento escolar, melhores relações entre pais/mães e filhos/filhos/filhas e em atitudes mais positivas em relação à escola. (MARTINEZ, apud WITTER, 2011. p.23).

Na questão 11, que trata da frequência com que os pais ajudam os filhos nos deveres escolares, a resposta dada por filhos e pais se aproxima em termos percentuais.

Responderam “às vezes” 96 (48,73%) filhos e 65 (40,37%) pais. Responderam “sempre” 51 (25,89%) filhos e 61 (37,89%) pais. Isso nos leva a conclusão de que os filhos adolescentes, nesse estágio, passam por um processo cognitivo de autonomia no que diz respeito a fazer suas atividades escolares e outras tarefas da vida, porque já possuem uma “capacidade de raciocinar quer acerca da realidade, quer das possibilidades” (SPRINTHALL e COLLINS, 2003. p.100), diferentemente das crianças sem uma cobrança direta dos pais ou responsáveis.

Ressalta-se a importância da resposta dada à categoria “sempre”, que diz respeito ao acompanhamento do resultado final na educação formal como um processo do desenvolvimento do ser humano. Nas interações diretas entre pais e filhos, os pais são diretamente responsáveis pela manutenção do ato de estudar como valor na educação dos filhos. (WITTER, 2011. p.23).

Assim, os pais precisam entender que, desde as séries iniciais, acompanhar o desenvolvimento intelectual dos filhos é uma de suas responsabilidades. O processo de escolarização contínuo é um projeto de crescimento da criança e do adolescente, portanto eles precisam ser estimulados, desafiados, para continuar sua formação educacional de modo pleno.

Sobre o questionamento da importância da presença da família na escola, revela a amostra que, na categoria “importante”, sobressai o desejo dos filhos em relação aos pais: 43 (21,72%) contra 8 (4,97%). Porém, na categoria “muito importante”, existe uma aproximação no percentual com base nos dados coletados: 129 (65,15%) filhos e 143 (88,82%) pais optaram por essa categoria.

Conclui-se que a grande maioria percebe a necessidade da aproximação da família na escola, uma realidade que sempre faz diferença na vida escolar do adolescente.

A atenção que chamamos para esse assunto precisa recair sobre os responsáveis pela família “como agentes primários de socialização, e sua influência no processo de adaptação escolar é indispensável”. (WHITE, 2003.p.17).

Mencionamos acima que a realidade da vida cotidiana, o mundo do trabalho e as pressões sociais contribuem para desviar os pais de sua responsabilidade de acompanhar os filhos no seu desenvolvimento escolar e social. Por isso, precisam estar atentos, a fim de não cair nessa armadilha, transferindo a responsabilidade para a escola.

Pesquisas voltadas ao tema têm revelado a preocupação com a tênue relação entre a família e a escola, ambas manifestando o desejo do sucesso escolar dos filhos e alunos.

Essa relação precisa ser restabelecida quanto antes. Escola e família precisam desempenhar bem seus papéis e assumir suas responsabilidades, independentemente das limitações que são postas a cada uma. O resultado disso será o sucesso dos filhos e alunos.

#### ➤ **Valores transmitidos pela família**

Em relação às questões 13-15, será feita uma análise qualitativa das respostas dadas.

A questão 13 quis saber dos alunos: **“Que valores (ensinamentos, normas, lições) seus pais lhe transmitiram ou lhe transmitem? Cite pelo menos 03”**.

Nas respostas dadas, alguns valores foram apontados com maior incidência pelos alunos, demonstrando o que os filhos percebem como valores transmitidos por meio dos exemplos no convívio familiar.

Mais uma vez a pesquisa revelou a importância do respeito, mencionado por 135 alunos; do amor, citado por 60 sujeitos da pesquisa; do diálogo, citado por 11 pessoas; da união, que aparece 11 vezes na amostra.

Ressaltamos aqui que esses valores acima foram apontados pelos alunos também na questão 9, quando respondiam sobre o que consideravam mais importante na relação dos pais com os filhos hoje.

É importante destacar outros valores que foram mencionados pelos alunos, como a humildade, com uma amostra de 22 sujeitos; a educação, com 36 amostras; a solidariedade, apontada por 6 sujeitos; a honestidade, com 25 amostras; a responsabilidade, citada por 11 sujeitos; o amor ao próximo, mencionado por 23 sujeitos; a obediência, no sentido de ouvir conselhos dados pelos pais, citada por 11 sujeitos; o amor a Deus, apontado por 2 sujeitos, e o caráter, citado por 2 sujeitos.

As respostas dadas chamam a atenção para a necessidade de transformar em ação esses valores nos diversos contextos sociais, onde as situações são diferentes das vivenciadas em casa.

Parece ser preocupação dos pais que os filhos assimilem, vivam esses valores de maneira mais real, principalmente no momento em que falam da prática do respeito, do amor ao próximo, da educação, da honestidade e da responsabilidade.

Essas são atitudes que merecem mais atenção da parte dos adolescentes, porque, em sociedade, precisamos aprender a viver de tal maneira, que os valores citados alcancem todos os cidadãos.

La Taille salienta que:

[...] valores são passíveis de uma assimilação intelectual. Experimentam-se valores, pois são afetivos, mas também pensam-se valores. Logo, a dimensão intelectual da ação moral não depende apenas do conhecimento de regras e de princípio, mas também da consciência de quais valores são os nossos, de qual projeto de vida, temos ou procuramos ter, de qual projeto de felicidade que move nossas ações, de que rumos toma a expansão do nosso eu. (TAILLE, 2007. p.75).

É relevante aos pais insistir em trabalhar os valores de maneira afetiva, para o adolescente assimilar que vai além de regras; para ter consciência do bem que irá produzir como um projeto de vida não só para ele, mas também para todos os que fazem parte do seu convívio social.

A questão 14 quis saber: **“O que você considera que a escola deve ensinar? Deve ensinar apenas os conteúdos das disciplinas? Deve ensinar os conteúdos das disciplinas, além de valores como respeito, solidariedade, cidadania e outros?”**.

No universo de 196 alunos pesquisados, conforme a amostra, 174 alunos opinaram que a escola deve ensinar os conteúdos das disciplinas mais os valores, e 22 alunos opinaram que somente os conteúdos devem ser ensinados.

GRÁFICO 06 – Distribuição sobre o que a escola deve ensinar



Fonte: Pesquisa de campo, Maria Pinheiro Morais, 2014.2

Esses dados revelam a importância que o aluno dá aos temas que falam das suas necessidades, das expectativas que têm ligação com o seu cotidiano de maneira geral.

A escola, como mediadora do conhecimento, por meio do Ensino Religioso, precisa trabalhar os valores, despertando no aluno a dimensão que

possui para o bem de toda a humanidade, na busca de uma convivência sem conflitos, de valores como o respeito, o amor ao próximo, a honestidade, a responsabilidade, entre outros, pois o ensino não deve alcançar só o intelecto, mas também a dimensão afetiva do estudante, motivando-o a pôr em prática valores como os acima mencionados.

➤ **A importância do Ensino Religioso como disciplina na escola**

A questão 15 quis saber: **“A escola deve ter Ensino Religioso? Sim, Não. Por quê?”**. As respostas dadas revelam que 163 alunos concordam que sim e 35 discordam.

GRÁFICO 07 – Distribuição sobre o Ensino Religioso



Fonte: Pesquisa de campo, Maria Pinheiro Morais, 2014.2

As respostas dadas revelam que a maioria concorda que haja a disciplina na escola.

As justificativas mais preponderantes apresentadas são as seguintes: conhecer, respeitar, aprender outras religiões, trabalhar o ensino de valores como respeito; dar valor aos outros, ajudar a edificar a vida, fazer as pessoas se sentir bem, ter uma aula diferente das outras, ajudar a ter um equilíbrio entre o bem e o mal, aprender sobre religiosidade e sobre o conhecimento de Deus; lembrar sobre Deus em algum momento; e ajudar a viver em harmonia.

Por meio das respostas dadas pelos alunos pesquisados, nota-se que as escolas desenvolvem um Ensino Religioso que valoriza o conhecimento das religiões, o conhecimento sobre Deus, o respeito mútuo entre as pessoas e os valores, como tema de destaque nas suas aulas, nas quais se pode perceber a presença dos modelos inter-religioso e fenomenológico no ensino da disciplina.

Os que opinaram em não ter a disciplina justificaram afirmando que é chato, não é tão importante, cada um tem a sua própria religião, religião é para ser ensinada em casa, é mais trabalho para fazer. Quatro alunos não justificaram suas respostas.

Analisando as respostas dadas pelos pais sobre o mesmo tema, encontramos uma relação bem próxima das respostas dadas pelos alunos: ensina o respeito às outras religiões ajuda na formação do aluno, ensina valores fundamentais para a formação de uma sociedade melhor; soma ao ensino da família, ajudando no desenvolvimento dos filhos; ensina a viver em união e obediência a Deus; contribui para inculcar valores morais, princípios de respeito e de amor ao próximo e para dar continuação ao que se aprende em casa.

O Ensino Religioso, como disciplina, se propõe a desenvolver no aluno a compreensão de refletir suas práticas, atitudes, valorizando não só o conhecimento adquirido, mas também a participação social, buscando interpretar os acontecimentos cotidianos.

Assim, o fator religioso passa a ser procurado por dar sentido à existência do homem. Nessa perspectiva, tudo o que faz parte da vida do adolescente, das suas relações em família e em comunidade, também é conteúdo abordado no Ensino Religioso, sendo trabalhado dentro de uma perspectiva religiosa.

As respostas dadas, na pesquisa, sobre o respeito, a honestidade, a responsabilidade, o amor ao próximo, a cidadania, o diálogo e outros temas já mencionados acima evidenciam a preocupação de pais e filhos em inserir esses conteúdos na disciplina Ensino Religioso com o objetivo de reforçar, no adolescente, o que já foi ensinado em casa.

O Ensino Religioso na escola consiste em desenvolver, entre outras coisas, a formação moral e ética, visando a um bom relacionamento entre as pessoas, com base no respeito mútuo, desestimulando qualquer tipo de violência contra o próximo.

As respostas dadas à questão sobre religião tais como conhecer melhor e respeitar as religiões, remetem à visão fenomenológica, que *“pressupõe uma diferenciação entre a religião como crença e vivência e a religião como fato histórico”*. O seu foco é o estudo do fenômeno religioso, sem privilegiar qualquer credo religioso. (XAVIER, 2006, p.52).

Dessa forma, para os educadores, a tarefa de ensinar é uma oportunidade que se concretiza por meio da ação educativa e reflexiva de ajudar o aluno adolescente a se perceber como pessoa que valoriza a sua existência e cuja ação influencia no bem-estar dos demais indivíduos.



## CONCLUSÃO

Ao pensar em pesquisar sobre o tema O Papel da Família e do Ensino Religioso na Formação Ética do Adolescente no Ensino Fundamental II, nas Escolas Públicas, em Boa Vista-Roraima, partimos do princípio da importância da formação do adolescente construída no seio da família.

Por meio do ensino, da educação e, acima de tudo, do exemplo que recebe da família, o adolescente desenvolve o seu caráter. O lar é o primeiro espaço onde se estabelecem as relações e onde as trocas de experiências ocorrem por intermédio dos costumes, dos valores e das lições apreendidas, contribuindo para o desenvolvimento do adolescente como pessoa.

Na ausência de ensino dos valores, exemplos e troca de experiências na família, o adolescente pode passar por situações de conflito, de dificuldades, de angústia, sem ter uma referência para ajudá-lo a resolver esses problemas que podem surgir no seu cotidiano.

Por isso, é importante estabelecer uma relação de compromisso para o desenvolvimento do adolescente, primeiro na família, depois na escola, por intermédio da disciplina Ensino Religioso, reforçando os ensinamentos já construídos e somando-os aos valores que serão trabalhados pela comunidade escolar.

A escola, no seu papel educativo, precisa reforçar o ensino de valores transmitidos pela família, como o respeito mútuo, para transformá-los em prática em todo o ambiente social.

Dessa forma, os conteúdos trabalhados em sala de aula são organizados dentro da estrutura educacional de ensino, visando a atender aos objetivos legais da educação, com a intenção de ajudar o aluno, como sujeito, na sua formação integral para a vida.

Como disciplina do conhecimento, o Ensino Religioso pretende, no âmbito da escola, alcançar o aluno na sua formação geral, trabalhando o seu desenvolvimento intelectual, afetivo e religioso.

Não se pode negar, porém, a importância da família para a integração geral dos filhos, quando se faz o resgate da história da sua formação, desde a antiguidade, uma vez que ela foi constituída objetivando o desenvolvimento de todos por meio da proteção recíproca, da produção e do afeto.

É oportuno, portanto, destacar a necessidade de enfatizar a prática de valores nas famílias contemporâneas, a fim de estabelecer o diálogo e o respeito nas relações entre pais e filhos, para resguardar um ambiente de confiança, de segurança e de acolhimento a estes.

Nestes tempos modernos de ativismo e de mudanças de comportamento, as pessoas já não dialogam. Os pais, por exemplo, premiam os filhos com presentes para suprir a sua ausência dentro de casa, enfatizando valores materiais, o ter pelo ser, na tentativa de ganhar a atenção e o carinho destes.

Diante disso, urge enfatizar os valores primários e fundamentais para o bem da humanidade, garantindo a prática do respeito entre as pessoas.

Mas, para que esses valores se concretizem, conforme vimos neste trabalho, faz-se necessário estudar o desenvolvimento biopsicossocial do adolescente, percebendo as mudanças biológicas, físicas e principalmente cognitivas por que passa nas diversas fases de sua vida.

O comportamento do adolescente é enfatizado devido a suas atitudes terem ligações com o cognitivo, com a sua forma de pensar hipoteticamente na tentativa de acertar em suas escolhas.

Pode-se conhecer a identidade do adolescente por meio da contribuição dada por Erik Erikson. Ele destaca a relação tríplice, indivíduo, ambiente em que vive e influências históricas, fazendo uma análise de como o ser humano sofre influências desses fatores.

A vivência e a transmissão de valores por meio da formação ética dos filhos desenvolvida em família chamam a atenção especialmente para a educação com limites, reforçada no ambiente familiar.

O limite está associado ao respeito mútuo entre os indivíduos. Por meio da convivência humana, aprendemos a estabelecer as regras, as normas indispensáveis para a conquista de um ambiente harmônico para se viver em sociedade.

Nesse sentido, o Ensino Religioso, como disciplina escolar, deve contribuir para a formação do adolescente, destacando a importância do estudo da religião como necessidade no desenvolvimento do ser humano.

A dimensão religiosa é tema da disciplina e precisa ser trabalhada de forma que o adolescente, mesmo passando por crises de identidade, se interesse pelo religioso, na sua maneira de pensar e de sentir a religião.

O Ensino Religioso foi estudado por meio dos três modelos apresentados: o modelo catequético, com uma visão confessional, em virtude do contexto histórico e cultural da época; o modelo inter-religioso, que contemplou não só o pluralismo religioso no espaço escolar, mas também a formação comum a todos os seres humanos; e o modelo fenomenológico, voltado para o estudo das tradições religiosas, para os fenômenos religiosos como mediação do ensino religioso.

A educação, como acesso à cultura por meio da escola, necessita de favorecer a oportunidade de experiência e de aprendizado para o adolescente ser inserido num contexto cultural mais abrangente. Dessa forma, o Ensino Religioso precisa desenvolver a educação integral do aluno.

O Ensino Religioso precisa requerer, dentro da proposta pedagógica escolar, trabalhar a transmissão dos valores, visando à formação ética do adolescente, procurando despertar o interesse e a compreensão de olhar as necessidades da outra pessoa, sem discriminá-la, aprendendo o conceito da ética da alteridade, o princípio do olhar o outro com suas diferenças.

Dessa forma, valores servem como referências internas para ajudar nas escolhas e nas condutas do indivíduo. O que cremos precisa ser vivido, assimilado de maneira afetiva.

A análise dos dados coletados na pesquisa, realizada por meio de questionário misto com perguntas fechadas e abertas para conhecer fatores sociodemográficos, a composição da família, a importância do relacionamento entre os pais e os filhos, trouxe revelações importantes sobre como pais e filhos adolescentes lidam com essa questão dos valores.

Percebeu-se a importância do estreitamento da relação entre a escola e a família, bem como do conhecimento das religiões como tema do Ensino Religioso na educação escolar e dos valores como conteúdo para ajudar na formação integral dos alunos.

A pesquisa demonstrou ainda a importância que os alunos dão à transmissão dos valores por meio dos exemplos dos seus responsáveis no ambiente familiar, considerando a resposta dada pelos 198 sujeitos pesquisados. A opinião de 167 pais também revelou o grau de importância que dão aos valores nas relações entre os membros da família.

Na pesquisa, destacou-se a escola pública Mário Davi de Andreazza, com sua clientela de alunos voltada à prática de valores na escola por meio do projeto “Educando com Valores”, que é desenvolvido há quatro anos e tem alcançado resultados satisfatórios para a comunidade escolar e para a família.

Observou-se, além disso, escolas de periferias que enfrentam diversos problemas: alunos com baixa frequência escolar, alunos fora da faixa etária escolar por falta de apoio dos pais e a ausência destes nas reuniões escolares.

Mesmo diante dessas situações, os alunos responderam aos questionários expressando o desejo de poder viver um relacionamento em casa mais acolhedor, com mais proteção e segurança.

Percebemos essas realidades não só pelos dados colhidos, mas também por meio das falas dos colaboradores da pesquisa que acompanham esses alunos com problemas diversos inerentes à fase da adolescência.

Dessa forma, percebemos o quanto é importante conhecer um pouco da realidade dos alunos, estudar temas que têm relação com a nossa prática diária, como as religiões; fazer o estudo comparado das religiões numa abordagem fenomenológica; analisar os fenômenos religiosos estudados por diferentes teorias do conhecimento, como a Psicologia da Religião, a Sociologia da Religião, a História da Religião e outras disciplinas.

A pesquisa também proporcionou à pesquisadora, por meio das ciências da religião, mediadas pelo conhecimento científico, respostas para as inquietações existentes, ampliando a sua visão sobre a dimensão da prática do Ensino Religioso como disciplina na escola e sobre o papel que a escola desempenha na formação dos alunos, como cidadãos que fazem parte do contexto social.

A pesquisa, enquanto resultado, não trouxe soluções para os problemas abordados, mas apontou caminhos, possibilidades, até porque o conhecimento não se esgota. Novas pesquisas surgirão, reforçando os temas estudados com outros olhares, colaborando para o campo do conhecimento científico.

Fazer as leituras interpretativas dos teóricos estudados nos ajudou a entender a realidade do conhecimento cotidiano por meio do conhecimento científico, revelando-nos a necessidade de esforço e dedicação aos estudos de assuntos complexos, para não cairmos numa simplicidade de respostas que não trariam nenhum embasamento científico para as análises apresentadas.

Valeu a pena tanto esforço na busca de novas luzes para incentivar os papéis dos pais e do Ensino Religioso como instrumentos de formação ética de nossos adolescentes em prol de um futuro mais promissor para as famílias brasileiras tão carentes de ética nos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

### a) LIVROS:

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Trad. de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BERGER, Kathleen Stassen. **O desenvolvimento da pessoa: do nascimento à terceira idade.** 5.<sup>a</sup> ed. Trad. de Dalton Conde de Alencar. Rev. téc. Cláudia Henschel de Lima. RJ: LTC, 2012.

BERGER, Peter; LUCKMAM, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 35.<sup>a</sup> ed. Trad. de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2013.

BERGER, Peter; LUCKMAM, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno.** Trad. de Edgard Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Memórias de um cotidiano escolar: Universidade Católica de Pernambuco, 1943-1956** – Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches, 2009.

CASTINEIRA, Àngel. **A experiência de Deus na pós-modernidade.** Trad. de Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CATALAN, Jean François. **O Homem e sua Religião: Enfoque Psicológico.** Trad. Magno José Vilela. São Paulo: Paulinas, 1999.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião.** Trad. Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Paulina, 2001.

DIAS, Agemir de Carvalho. **Sociologia da Religião: introdução às teorias sociológicas sobre o fenômeno religioso.** São Paulo: Paulinas, 2012.

DINIZ, Maria Helena. **Curso de Direito Civil Brasileiro: direito de família.** 26.<sup>a</sup> ed. São Paulo: v. 5. Saraiva, 2011.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myrian Lins de; PEIXOTO, Clarice. **Família e religião.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa,** 8.<sup>a</sup> ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus.** Petrópolis: Vozes, 2003.

GAGLIANO, Pablo Stolze; FILHO, Rodolfo Pamplona. **Novo Curso de Direito Civil: direito de família. As famílias em perspectiva constitucional.** 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo, v.6, Saraiva: 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atlas, 2014.

HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade, família e ethos religioso.** (Org) Et al. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; MENEEGHETTI, Rosa Gitana Krob; WASCHOWICKZ, Liliaan Anna. **Ensino Religioso e sua relação pedagógica.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KOSTEMBERGER, Andreas J. **Deus, casamento e família: reconstruindo o fundamento bíblico.** Trad. de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2011.

LIBÓRIO, Luiz Alencar. **As raízes da psicologia da religião no Ocidente.** Recife: FASA, 2012.

LISBOA, Roberto Senise. **Manual de Direito Civil: direito de família e sucessões.** 5.<sup>a</sup> ed. São Paulo, v. 5, Saraiva, 2009.

LOPES, Edson Pereira. **Ensino Religioso: quem deve educar nossos filhos? Educação Religiosa na pampaedia de Comenius.** (Org) Et al. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

LUFT, Celso Pedro; BARBOSA, Francisco de Assis; PEREIRA Manuel da Cunha – **Minidicionário Luft.** 21.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2005.

MARQUES, Maria Helena. **Como educar bons valores: desafios e caminhos para trilhar uma educação de valor.** São Paulo: Paulus, 2012. (coleção pedagógica e educação).

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização.** Trad. de Euclides Martins Balanci. São Paulo: Paulinas, 1995.

Oliveira, Lílian Blank de; Riske-Koch, Simone; Wickert, Tarcísio Afonso (Orgs). **Formação de docentes e Ensino Religioso no Brasil: tempos, espaços, lugares.** Blumenau: Edifurb, 2008.

PADEN, William E. **Interpretando o Sagrado: modos de conceber a religião.** Tradução de Gouveia Ricardo. São Paulo: Paulinas, 2001.

PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (Orgs). **Família, sociedade e subjetividade: uma perspectiva multidisciplinar.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

RODRIGUES, Edile Maria Fracaro. JUNQUIERA, Sérgio. **Fundamentando pedagogicamente o ensino religioso**. Curitiba: Ibpex, 2009.

ROMANELLI, Geraldo; Maria Alice Nogueira; Nadir Zago (Orgs). **Família & escola: novas perspectivas de análise**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SCHELER, Max. **Da reviravolta dos valores: ensaios e artigos**. Trad. e notas: Marco Antônio dos Santos Casa Nova. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. **Religião & educação: da ciência da religião ao ensino religioso**. São Paulo: Paulinas, 2010.

SPRINTHALL, Norman A. COLLINS, W. Andrew. **Psicologia do Adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista**. Trad. de Cristina Maria Coimbra Vieira. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

TAILLE, Yves de la. **Moral e ética** [recursos eletrônico]: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre. Artmed, 2007.

TEIXEIRA, Faustino (Org). **A (s) ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2001.

TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e horizonte do sagrado: cultura e religiões**. Trad: de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004.

VASCONCELOS, José Roberto de. **O Ensino Religioso e sua contribuição para o desenvolvimento ético do aluno na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Recife, UNICAP, 2012.

VIANA, Nildo. **Os valores na sociedade moderna**. Brasília: Thesaurus, 2007.

WERNECK, Hamilton. **Educar é sentir as pessoas**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.

WITTER, Geraldina Porto. **Família e Aprendizagem**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

XAVIER, Geraldo Mateus. **Contribuição do Ensino Religioso no acesso à fé: Uma leitura teológico-pastoral**. São Paulo: Loyola, 2006.



## b) SITES:

**A Crise de 1929 e a Grande Depressão.**

Disponível em:

<[http://www.miniweb.com.br/historia/artigos/i\\_contemporanea/crise\\_29.html](http://www.miniweb.com.br/historia/artigos/i_contemporanea/crise_29.html)>.

Acesso em: 20 de out. 2014.

**CAMBOIM, Aurora; RIQUE, Júlio. Religiosidade e Espiritualidade de Adolescentes e Jovens Adultos.**

Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 – e ISSN 1983-2850. Disponível em:

<<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/11Aurora.pdf>>. Acesso em: 15 de out. 2014.**SEEHABER, Liliana Claudia; LONGUI, Miguel. ETHOS E CULTURA NO ENSINO RELIGIOSO – SEEHAB (PUC/PR)**Disponível: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st6/SeehaberClaudia.pdf>>.

Acesso: em 02 nov. 2014

**SILVA, Isaias; KLEINKE, Rita de Cássia Marques; DALDEGAN, Viviane Mayer. GPER. O Desafio do Ensino Religioso na Educação Infantil: uma reflexão sobre a formação e a prática do educador. Boletim Informativo. Jan-mar/2008 n.º118. Disponível em:**<<http://www.gper.com.br/newsletter/.pdf>>.

Acesso em: 02 nov.2014

**WERNEC, Vera Rudge. Novos valores ou nova hierarquia de valores?**

2010. Disponível:

<<http://metaavaliacao.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/viewFile/49/65> de VR Werneck-2010>. Citado por 03 artigos relacionados. Acesso em:

03. out./2014.

## ANEXOS



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “O PAPEL DA FAMÍLIA E DO ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO ÉTICA DO ADOLESCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL II” que tem como objetivo Identificar: o papel da Família e do Ensino Religioso na formação ética do adolescente do Ensino Fundamental II, com foco na transmissão de valores trabalhados no seio da família e reforçados na escola através da disciplina de Ensino Religioso. Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Entretanto, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário misto de 15 questões. As informações obtidas através desse questionário serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Após o questionário, você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o Projeto de Pesquisa de sua participação agora ou a qualquer momento.

Dados do pesquisador principal

Nome: Maria Pinheiro Morais

Nome: Luiz Alencar Libório (orientador)

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP que funciona na Coordenação Geral de Pesquisa, da PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC, da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81).2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: [pesquisaprac@unicap.br](mailto:pesquisaprac@unicap.br)

Boa Vista (RR), \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Sujeito da pesquisa \*

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA  
COORDENAÇÃO DE PESQUISA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**ANEXO 6-A**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

O seu filho (a) está sendo convidado para participar da pesquisa “**O PAPEL DA FAMÍLIA E DO ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO ÉTICA DO ADOLESCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL II**” que tem como objetivo identificar o **papel da Família e do Ensino Religioso na formação ética do adolescente do Ensino Fundamental II, com foco na transmissão de valores trabalhados no seio da família e reforçados na escola através da disciplina de Ensino Religioso**. A participação de seu filho (a) não é obrigatória e a qualquer momento ele (a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Entretanto, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. A participação de seu filho (a) nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário misto de 15 questões. As informações obtidas através desse questionário serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre participação de seu filho (a). Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar a identificação deles. Após o questionário, ele (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o Projeto de Pesquisa de sua participação agora ou a qualquer momento.

**Dados do pesquisador principal:**

**Nome: Maria Pinheiro Morais**

**Endereço: Rua Pará, num: 114 Bairro: Estados Boa Vista/ Roraima**

**Telefone: 95-8803-0046.**

**Nome: Luiz Alencar Libório (ORIENTADOR)**

**Endereço: R. Barão de Souza Leão, 626/1406-B**

**Telefone: 81-9989-4667// 81-21194430 (UNICAP)**

Declaro que entendi os objetivos e benefícios da participação de meu filho (a) na pesquisa e concordo que ele (a) participe.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP que funciona na Coordenação Geral de Pesquisa, da PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC, da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP, localizada à RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81).2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: [pesquisaprac@unicap.br](mailto:pesquisaprac@unicap.br)

Boa Vista, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Sujeito da pesquisa \*

\_\_\_\_\_  
Pai / Mãe ou Responsável Legal

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA  
COORDENAÇÃO DE PESQUISA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)**

(Além dos pais, os menores de 10 anos em diante assinam o TALE)

Prezado aluno, você está sendo convidado para participar da pesquisa “**O PAPEL DA FAMÍLIA E DO ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO ÉTICA DO ADOLESCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL II**” que tem como objetivo identificar o **papel da Família e do Ensino Religioso na formação ética do adolescente do Ensino Fundamental II, com foco na transmissão de valores trabalhados no seio da família e reforçados na escola através da disciplina de Ensino Religioso. A sua participação não é obrigatória e a qualquer momento ele (a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Entretanto, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. A sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário misto de 15 questões. As informações obtidas através desse questionário serão confidenciais e asseguramos o sigilo de sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar a identificação deles. Após o questionário, você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o Projeto de Pesquisa de sua participação agora ou a qualquer momento.**

**Dados do pesquisador principal:**

**Nome: Maria Pinheiro Morais**

**Endereço: R. Pará, num: 114 Bairro: Estados Boa Vista/ Roraima**

**Telefone: 95-8803-0046.**

**Nome: Luiz Alencar Libório ( ORIENTADOR)**

**Endereço: R. Barão de Souza Leão, 626/1406-B**

**Telefone: 81-9989-4667// 81-21194430 (UNICAP)**

Declaro que entendi os objetivos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

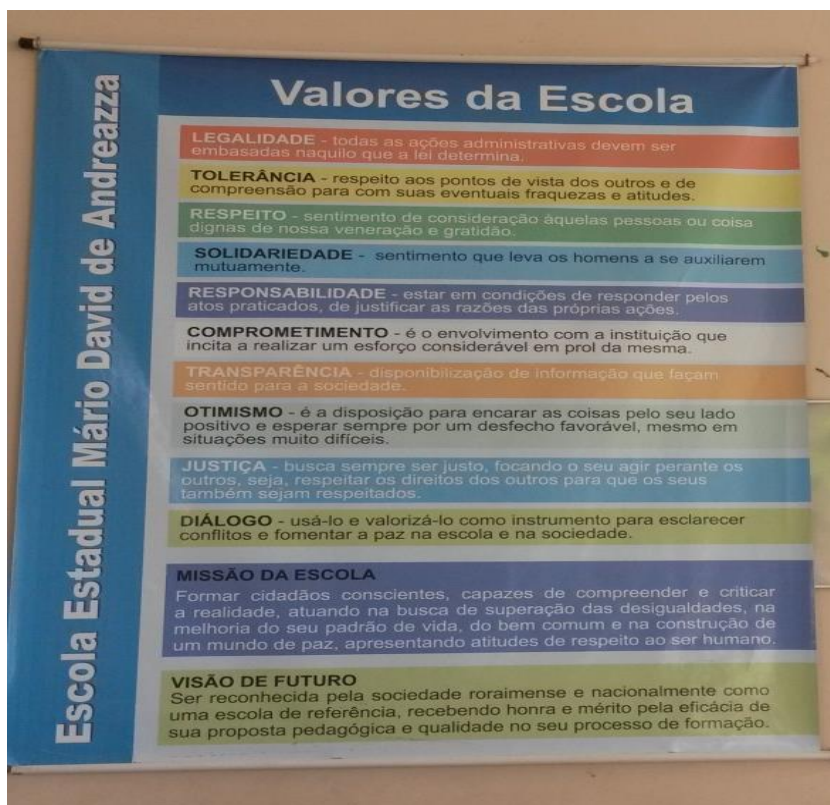
O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP que funciona na Coordenação Geral de Pesquisa, da PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC, da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP, localizada à RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81).2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: [pesquisaprac@unicap.br](mailto:pesquisaprac@unicap.br)

Boa Vista, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Sujeito da pesquisa \*



PÁTIO DA ESCOLA COM CARTAZES ENFATIZANDO OS VALORES



CARTAZES NO PÁTIO REFORÇAM A PRÁTICA DOS VALORES





NORMAS DE CONVIVÊNCIA PARA UMA BOA CONDUTA NA ESCOLA



ALUNOS PARTICIPANDO DA CULMÍNÂNCIA DO PROJETO DO ENSINO RELIGIOSO: CARTAS PARA DEUS



GRUPO DE JOVENS CRISTÃOS: MÚSICA E TEATRO



## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO MISTO – PAIS E/OU RESPONSÁVEIS

#### PARTE 1 – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

CÓDIGO: \_\_\_\_\_

- 1- SEXO: 1.1- Masculino ( )  
1.2 Feminino ( )

2- EM QUE FAIXA ETÁRIA VOCÊ SE ENQUADRA?

- 2.1- Até 20 anos ( )  
2.2- De 21 a 30 anos; ( )  
2.3- De 31 a 40 anos; ( )  
2.4- De 41 a 50 anos; ( )  
2.5- Acima de 50 anos. ( )

3- QUAL O SEU GRAU DE ESCOLARIDADE?

- 3.1- Ensino fundamental incompleto; ( )  
3.2- Ensino fundamental completo; ( )  
3.3- Ensino médio incompleto;( )  
3.4- Ensino médio completo; ( )  
3.5- Ensino superior incompleto ou completo.( )

4- QUAL A RENDA MÉDIA DE SUA FAMÍLIA?

- 4.1- Até 1 salário mínimo ( )  
4.2- De 1,1 – 2,5 salários mínimos ( )  
4.3- De 2,6 – 4 salários mínimos ( )  
4.4- De 4,1 – 6 salários mínimos ( )  
4.5- De 6,1 – 10 salários mínimos ( )  
4.6- Acima de 10 salários mínimos ( )

5- QUAL ALTERNATIVA SE ASSEMELHA MAIS COM SEU MODELO FAMILIAR?

- 5.1- Pai, mãe e filho(s);( )  
5.2- Pai e filho(s); ( )  
5.3- Mãe e filho(s); ( )  
5.4- Pai, mãe, filho(s) e parente(s); ( )  
5.5- Sou responsável por um parente adolescente.( )

6- PARA VOCÊ COMO DEVE SER COMPOSTA UMA FAMÍLIA?

- 6.1- Por pai, mãe e filho(s); ( )  
6.2- Por pai e filho(s); ( )  
6.3- Por mãe e filho(s); ( )  
6.4- Por pai, mãe, filho(s) e parente(s); ( )  
6.5- Por pessoas que têm vínculo afetivo e convivem em um mesmo lar. ( )

## 7- ESTADO CIVIL:

7.1- Vocês são casados?

Sim ( ) Há quantos anos? R.: \_\_\_\_\_

Não ( )

7.2- São recasados?

Sim ( ) Há quantos anos? R.: \_\_\_\_\_

Não ( )

## 8- QUAL A RELIGIÃO ADOTADA PELA SUA FAMÍLIA?

8.1- Católica ( )

8.2- Evangélica ( )

8.3- Espírita ( )

8.4- Ateu ( )

8.5- Sem religião ( )

8.6- Outras: \_\_\_\_\_

**PARTE 2 – RELACIONAMENTO FAMILIAR**

9- O que você considera mais importante na relação entre pais e filhos hoje?

---



---

10- De 1 (um) a 7 (sete), sendo 1 “sem importância”, 4 “importante” e 7 “muito importante”, qual o grau de importância da presença da família na educação dos filhos?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

11- De 1 a 7, sendo 1 “nunca”, 4 “às vezes” e 7 “sempre”, com que frequência você costuma ajudar seu(s) filho(s) nos deveres escolares?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

12- De 1 (um) a 7 (sete), sendo 1 “sem importância”, 4 “importante” e 7 “muito importante”, qual o grau de importância da presença da família na escola?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

13- O QUE VOCÊ CONSIDERA QUE A ESCOLA DEVE ENSINAR?

13.1- Deve ensinar apenas os conteúdos das disciplinas. ( )

13.2- deve ensinar os conteúdos das disciplinas, além de valores como respeito, solidariedade, cidadania e outros. ( )

14- VOCÊ ACHA QUE NA ESCOLA DEVE HAVER A DISCIPLINA ENSINO RELIGIOSO?

14.1-Sim ( )

14.2- Não ( )

Por que? \_\_\_\_\_

15- PARA VOCÊ QUAIS OS VALORES (ENSINAMENTOS, NORMAS, LIÇÕES) MAIS IMPORTANTES QUE A FAMÍLIA DEVE TRANSMITIR PARA OS FILHOS?

(Cite ao menos três) R.: \_\_\_\_\_

---

**APÊNDICE B****QUESTIONÁRIO MISTO PARA O ALUNO - ENSINO FUNDAMENTAL II****PARTE 1 – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS**

CÓDIGO: \_\_\_\_\_

## 1- SEXO:

1.1- Masculino ( )

1.2- Feminino ( )

## 2- EM QUE FAIXA ETÁRIA VOCÊ SE ENQUADRA?

2.1- Até 14 anos ( )

2.2- Entre 15 e 18 anos ( )

## 3- QUAL SÉRIE/ ANO VOCÊ ESTÁ CURSANDO?

3.1- 5º ano ( )

3.2- 6º ano ( )

3.3- 7º ano;( )

3.4- 8º ano ( )

3.5- 9º ano.( )

## 4- ESTADO CIVIL:

4.1- Solteiro ( )

4.2- Casado ( )

4.3- Separado/ Divorciado ( )

4.4- Recasado ( )

## 5- OCUPAÇÃO

5.1- Desempregado ( )

5.2- Empregado ( )

5.3- Outra: ( )

## 6- VOCÊ PERTENCE A UMA IGREJA (RELIGIÃO)?

6.1- Sim ( )

6.2- Não ( )

Se respondeu SIM, QUAL A IGREJA (RELIGIÃO)? \_\_\_\_\_

## 7- MARQUE A ALTERNATIVA DO MODELO QUE MAIS SE PARECE COM A SUA FAMÍLIA.

7.1- Pai, mãe e filho(s) ( )

7.2- Pai e filho(s) ( )

7.3- Mãe e filho(s) ( )

7.4- Pai, mãe e filho (s) e outros parentes ( )

7.5- Sou um parente que cuida da criança ( )

## 8- PARA VOCÊ COMO DEVERIA SER UMA FAMÍLIA?

8.1- Por pai, mãe e filho(s); ( )

8.2- Por pai e filho(s); ( )

8.3- Por mãe e filho(s); ( )

8.4- Por pai, mãe, filho(s) e parente(s); ( )

8.5- Por pessoas que compõem vínculo afetivo e convivem em um mesmo lar. ( )

**PARTE 2- RELACIONAMENTO FAMILIAR**

9- O que você considera mais importante na relação entre pais e filhos hoje?

---

10- De 1 (um) a 7 (sete), sendo 1 “sem importância”, 4 “importante” e 7 “muito importante”, qual o grau de importância da presença da família na educação dos filhos?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

11. De 1 a 7, sendo 1 “nunca”, 4 “às vezes” e 7 “sempre”, com que frequência você tem ajuda de seu(s) pais(s) nos deveres escolares?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

12. De 1 (um) a 7 (sete), sendo 1 “sem importância”, 4 “importante” e 7 “muito importante”, qual o grau de importância da presença da família na escola?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

13 - QUE VALORES (ENSINAMENTOS, NORMAS, LIÇÕES) SEUS PAIS LHE TRANSMITIRAM OU LHE TRANSMITEM? Cite ao menos 03

R.: \_\_\_\_\_

---

14. O QUE VOCÊ CONSIDERA QUE A ESCOLA DEVE ENSINAR?

14.1- Deve ensinar apenas os conteúdos das disciplinas. ( )

14.2- Deve ensinar os conteúdos das disciplinas, além de valores como respeito, solidariedade, cidadania e outros. ( )

15- NA ESCOLA DEVE HAVER A DISCIPLINA ENSINO RELIGIOSO?

15.1- Sim ( )

15.2- Não ( )

Por que? \_\_\_\_\_